

*Soc. apud  
Plat.  
Dial. II.  
de Reg.*

na felicidade lhe he reservada.

O mais sabio dos Filozofos procurando a idéa da virtude, achou que como de todos os máos seria mais máo aquelle que soubesse também cubrir a sua malicia, que passasse por hum homem de bem, e por este meio gozasse de todo o credito que póde dar a virtude; assim o mais virtuoso deve sem duvida ser aquelle para quem a sua virtude por causa da sua perfeição attrahe a inveja de todos os homens, desorte que não haja a seu favor mais que a sua consciencia, e que elle se veja exposto a toda a qualidade de injurias, até a ser posto sobre a Cruz, sem que esta virtude lhe possa dar aquelle fraco soccorro de o exemir de hum tal supplicio. Não parece que Deos tem posto esta maravilhosa idéa da virtude no coração de hum Filozofos, só para a tornar affectiva na pessoa de seu Filho, e fazer ver que o Justo tem huma outra gloria, hum outro descanso, em fim huma outra felicidade que não he aquella que se póde possuir sobre a terra?

Estabelecer esta verdade, e mostrála completa tão visivelmente em si mes-

mésmo á custa da sua propria vida ;  
 era a maior obra que pode fazer  
 hum homem ; e Deos havia achado  
 taõ grande , que a reservou para  
 aquelle Messias por tantas vezes pro-  
 mettido , para aquelle homem que  
 elle fez ser a mesma Pessoa como seu  
 Filho unico.

Com effeito , que cousa maior se  
 podia reservar para hum Deos que  
 viesse a terra ? e que podia elle ahi  
 fazer mais digno de si , do que mos-  
 trar a virtude em toda a sua pureza,  
 e a felicidade eterna para onde a  
 conduzem os males mais extremos ?

Mas se vimos a considerar o que  
 ahi ha mais alto , e mais intimo no  
 Mysterio da Cruz , que discurso hu-  
 mano o poderá comprehender ? Lá  
 nos são mostradas as virtudes que o  
 só Homem Deos podia praticar. Qual  
 outro como elle se podia pôr no lu-  
 gar de todas as victimas antigas , abo-  
 lidas , substituindo-lhes huma victi-  
 ma de huma dignidade , e de hum  
 merecimento infinito , e fazer que  
 de ahi em diante não houvesse mais  
 que elle só para offerecer a Deos ?  
 Tal he o Acto da Religião que Jesus  
 Christo exercita na Cruz. O Eterno

Pai podia achar, ou entre os Anjos, ou entre os homens huma obediencia igual áquella que lhe dá seu muito amado Filho, quando nada, podendo arrancar-lhe a vida, elle a deo voluntariamente para lhe agradar? Que direi eu da perfeita uniaõ de todos os seus desejos com a Divina vontade, e do amor pelo qual se conserva unido a Deos que vivia, reconciliando consigo o mundo? Nesta uniaõ incomprehensivel abraça o Genero humano, pacifica o Ceo, e a terra, mergulha-se com hum ardor immenso naquelle diluvio de sangue

*em que devia ser baptisado* com todos os seus, e faz sahir das suas chagas o fogo do Amor Divino, que devia abraçar a toda a terra. Mas ex-aquí o que excede a toda a intelligencia; a justiça praticada por este Deos Homem, que se deixa condemnar pelo mundo, a fim de que o mundo fique eternamente condemnado pela enorme iniquidade deste Juizo. Agora o mundo he julgado, e o Principe deste mundo vai ser expulso d'elle, como o pronuncia Jesus Christo mesmo. O Inferno, que havia sugarado o mundo, o vai perder: atacando o In-

1. Cor. V.  
19.

2. Cor. V.  
19.

Luc. XII.  
4. 9. 50.

Joan.  
XII. 31.

nocente, será constringido a largar  
 os culpaveis que tinha cativos: a  
 desgraçada obrigação pela qual era-  
 mos entregues aos Anjos rebeldes,  
*he anniquilada.* Jesus Christo a pren- *I. Cor. II.*  
*deo á sua Cruz,* para ahi ser apagada *13. 14. 15.*  
 pelo seu sangue: geme o inferno des-  
 pojado: a Cruz he hum lugar de  
 Triunfo para o nosso Salvador, e as  
 potencias inimigas seguem tremendo  
 o carro do vencedor. Mas hum mai-  
 or triunfo apparece aos nossos olhos:  
 a mesma justiça Divina he vencida;  
 o peccador que lhe era devido como  
 a sua victima, he arrancado das su-  
 as mãos. Achou huma cauçaõ capaz  
 de pagar por elle hum preço infinito.  
 Jesus Christo une a si eternamente os  
 escolhidos, para os quaes se dá: el-  
 les são seus membros, e seu corpo  
 o Pai Eterno não os pôde mais ver  
 senão na sua cabeça: assim estende  
 sobre elles o amor infinito que tem  
 a seu Filho. He o seu mesmo Filho  
 quem lho pede: elle não quer ser  
 separado dos homens que resgatou.  
*Joan.*  
*XVII. 24.*  
*25. 26.*  
 O meu Pai, eu quero, diz elle,  
 que elles vivão commigo: serão chei-  
 os do meu Espirito, gosaráõ da mi-  
 nha Gloria, teráõ parte commigo  
 até no meu Throno. *Apoc. III.*  
*21.*  
 De-

*Just. E.  
1<sup>st</sup>. ad  
Diog.*

Depois de hum taõ grande beneficio, naõ ha mais que gritos de alegria, que possaõ exprimir os nossos conhecimentos. O' maravilha! exclama hum grande Filosofo, e hum grande Martyr, o' troca incomprehenfivel, e pasmo artificioso da sabedoria Divina! Hum só he ferido, e todos saõ livres. Deos fere a seu Filho innocente por amor dos homens culpaveis, e perdoa a estes por amor de seu Filho innocente. O Justo paga o que naõ deve, e desobriga aos peccadores do que devem; por que quem he que melhor podia cobrir os nossos peccados do que o sua Justiça? Como podia ser melhor purgada a rebelião dos servos, que pela obediencia do Filho? A iniquidade de muntos he occultada em hum só Justo, e a justiça de hum só faz que muitos sejam justificados. A que pois naõ devemos nós aspirar?

*Rom. V.  
6. 7. 8. 9.  
10.*

Aquelle que nos amou sendo peccadores até a dar a sua vida por nós, que nor negará elle depois que nos reconciliou, e justificou pelo seu sangue? Tudo nos pertence por Jesus Christo, a graça, a santidade, a vida, a gloria, a bemaventurança: O Reino do Filho de Deos he a nossa herança;

rada ha sobre nós, com tanto sómen-  
que não nos façamos vis.

Em quanto Jesus Christo enche os  
nossos desejos, e passa muito além  
das nossas esperanças, consumma a  
obra de Deos começada debaixo dos  
Patriarchas, e na Lei de Moysés.

Então Deos queria fazer-se co-  
nhecer por experiencias sensiveis: e  
mostrava-se magnifico em as prome-  
ças temporaes, bom enchendo os  
seus filhos dos bens que lisongeão os  
sentidos, poderoso livrando-os das  
maãs dos seus inimigos: fiel condu-  
zindo-os para a terra promettida a  
seus pais; justo pelas recompensas,  
e castigos que lhes mandava clara-  
mente segundo as suas obras.

Todas estas maravilhas prepara-  
vão os caminhos para as verdades  
que Jesus Christo vinha ensinar. Se  
Deos he bom até a dar-nos o que pe-  
dem os nossos sentidos, quanto mais  
facilmente nos dará elle o que pede  
o nosso espirito feito á sua Imagem?  
Se he tão terno, e benefico para com  
seus filhos, fechará elle o seu amor,  
e as suas liberalidades nestes poucos  
annos que compõem a nossa vida?  
Não dará áquelles que ama mais que  
hum

humã sombra de felicidade, e humã terra fértil em grãos, e em azeite? Não haverá hum paiz a onde espalhe com abundancia os bens verdadeiros?

Haverá hum sem duvida, e Jesus Christo no lo vem mostrar. Porque em fim o Omnipotente não teria feito senão obras pouco dignas de si, se toda a sua magnificência não se terminasse mais que a grandezas expostas aos nossos lentidos enfermos. Tudo o que não he eterno não corresponde, nem à Magestade de hum Deos Eterno, nem ás esperanças de hum homem, a quem elle fez conhecer a sua Eternidade, e esta immutavel fidelidade que guarda aos seus servos, não terá ja mais hum objecto que lhe seja proporcionado, até que se extenda a alguma cousa de immortal, e permanente.

Heb. XI.  
8. 9. 10.  
13. 14. 15.  
16.

Era preciso pois que por fim Jesus Christo nos abrisse os Ceos para ahí descobrir á nossa fé *aquella Cidade permanente* a que devemos ser recolhidos depois desta vida. Faz-nos conhecer que se Deos toma por seu titulo eterno o nome de Deos de Abraham, de Isaac, e de Jacob, he por-

porque estes santos homens estão sempre vivos diante delle. *Deos não he o Deos dos mortos*; não he digno delle, não fazer, como os homens, mais que acompanhar os seus amigos á sepultura, sem lhes deixar álem della alguma esperança; e ser-lhe-hia vergonhoso dizer-se com tanta força o Deos de Abrahão, senão houvesse fundado no Ceo huma Cidade eterna, em a qual Abrahão, e seus filhos podessem viver felizes.

Assim he que as verdades da vida futura nos são descobertas por Jesus Christo. Na mesma Lei no-las mostra. A verdadeira terra prometida he o Reino Celeste. Por esta bemaventurada Patria he que suspiravaõ Abrahão, Isaac, e Jacob: A Palestina não merecia terminar todos os seus votos, nem ser o unico objecto de huma tão longa esperança de nossos pais.

O Egypto de donde elle deve sair, o Deserto por onde deve passar, a Babilonia cujas prizoens deve romper para entrar, ou para tornar a recolher-se á nossa Patria, he o mundo com os seus prazeres, e as suas vaidades: lá he que nós fo-

*Matth. XXII. 32.*  
*Luc. 21. 38.*

*Heb. XI. 24. 15. 16.*

*IX. 24. 8*  
*21. 12*  
*21*



mos verdadeiramente cativos, e errantes, enganados pelo peccado, e seus appetites, he-nos preciso facer este jugo para acharmos na Jerusalem, e na Cidade do nosso Deos a liberdade verdadeira, e hum Sanctuario, *naõ feito pela mão do homem*, no qual nos appareça a gloria do Deos de Israel.

2. Cor. V.  
3.

Por esta doutrina de Jesus Christo o segredo de Deos nos he descoberto, a Lei he toda espiritual, as suas promessas nos introduzem nas do Evangelho, e lhe servem de fundamento. Huma mesma luz nos apparece por toda a parte: ella se levanta debaixo dos Patriarchas, debaixo de Moysés, e dos Profetas se augmenta: Jesus Christo, maior que os Patriarchas, mais authorisado que Moysés, mais illustrado que todos os Profetas, no-la mostra em toda a sua grandeza.

A este Christo, a este Homem Deos, a este Homem que occupa sobre a terra, como falla Santo Agostinho, o lugar da verdade, e a faz ver pessoalmente residente no meio de nós, a elle, digo eu, estava reservado o mostrar-nos toda a verdade,

de, isto he, a dos Mysterios, a das virtudes, e das recompensas, que Deos destinou para aquelles que elle ama.

Eraõ taes grandezas as que os Judeos deviaõ buscar no seu Messias. Nada nelle ha taõ grande, como trazer em si mesmo, e descobrir aos homens esta verdade toda inteira que os sustenta, que os dirige, e que purifica os seus olhos até os constituir capazes de verem a Deos.

No tempo em que a verdade devia ser mostrada aos homens, com aquella plenitude, estava tambem ordenado que seria annunciada por toda a terra, e em todos os tempos. Deos naõ deo a Moysés mais que hum só povo, e hum tempo determinado; todos os seculos, e todos os povos do mundo saõ dados a Jesus Christo: por toda a parte tem os seus escolhidos, e a sua Igreja espalhada por todo o mundo naõ cessará em tempo algum de os produzir. *Ide, diz elle, ensinai a todos as Nações, baptizando-as em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, e ensinando-lhes a observar tudo o que vos*

*Matt.  
XXVIII.  
19. 20.*

*abrey a abos 212*

ordenei; ex-aqui eu sou comvosco todos os dias até o fim dos seculos.

---

CAPITULO XX.

*A descida do Espirito Santo, o estabelecimento da Igreja; os Juizos de Deos sobre os Judeos, e sobre os Gentios.*

**P** Ara se espalhar por todos os lugares, e por todos os seculos taõ altas verdades, e para se pôr em vigor no meio da corrupção praticas taõ purificadas, era precisa huma virtude mais que humana. Por este motivo he que Jesus Christo promete enviar o Espirito Santo para fortificar os seus Apostolos, e animar eternamente o corpo da Igreja.

Esta força do Espirito Santo, para se declarar mais, devia apparecer na enfermidade, *eu vos enviarei*, diz Jesus Christo aos seus Apostolos: *Aquelle que meu Pai prometteo*, isto he, o Espirito Santo; *esperando o, ponde-vos em socego em Jerusalem; nada imprehendais até*  
que

Luc. 24.  
30.

que sejaes revestidos da força Divina.

Para se conformarem com esta ordem, vivem fechados por espaço de quarenta dias: o Espirito Santo desce no tempo determinado; as linguas do fogo, cahidas sobre os Discipulos de Jesus Christo, denotão a efficacia da sua palavra; a pregação começa; os Apostolos dão testemunho a Jesus Christo; põem-se promptos para soffrerem tudo por sustentarem que o tem visto resuscitado. Os milagres seguem às suas palavras; em duas Pregações de S. Pedro, oito mil Judeos se convertem, e chorando o seu erro, são lavados no sangue que haviaõ derramado.

Assim a Igreja he fundada em Jerusaleem, e entre os Judeos, a pezar da incredulidade do grosso da Nação. Os Discipulos de Jesus Christo fazem ver ao mundo huma caridade, e huma força, e huma doçura que em nenhuma sociedade ja mais havia tido. A perseguição se levanta; a Fé se augmenta; os filhos de Deos aprendem cada vez mais a não desejarem mais que o

Ceo ; os Judeos pela sua malicia obstinada , attrahem a vingança de Deos , e adiantão os males extremos com que erão ameaçados ; o seu estado , e os seus negocios vão a peor. Em quanto Deos continúa em separar delles hum grande numero que põe entre os seus escolhidos , S. Pedro he enviado para baptisar a Cornelio Centurião Romano. Conhece primeiramente por huma celeste visã , e depois pela experiencia , que os Gentios são chamados para o conhecimento de Deos. Jesus Christo , que os queria converter , falla do Ceo a S. Paulo , que devia ser o seu Doutor ; e por hum milagre até entã nunca ouvido , em hum instante , de perseguidor o faz não sómente defensor , mas tambem zeloso Prégador da Lei : elle lhe descobre o segredo profundo da vocaçã dos Gentios pela reprovaçã dos Judeos ingratos , que se tornã cada vez mais indignos do Evangelho. S. Paulo estende as mãs aos Gentios : trata com huma força maravilhosa estas importantes questões :

*Se o Christo devia soffrer , e se era o primeiro que devia começar a verdade*

de

de ao povo, e aos Gentios, depois de ser resuscitado dos mortos: prova a affirmativa por Moysés, e pelos Profetas, e chama aos Idolatras para o conhecimento de Deos em nome de Jesus Christo resuscitado. Em multidão se convertem: S. Paulo mostra que a sua vocação he hum effeito da Graça, que não distingue mais nem os Judeos, nem os Gentios. O furor, e a inveja transporta os Judeos; fazem conjurações terriveis contra S. Paulo, escandalizados principalmente de que elle pregue aos Gentios, e os encaminhe para o verdadeiro Deos, por fim o entregam aos Romanos, como lhes haviaõ entregado a Jesus Christo. Todo o Imperio se move contra a Igreja nascente, e Nero, perseguidor de todo o Genero humano, foi o primeiro perseguidor dos fieis. Este Tyranno faz morrer a S. Pedro, e a S. Paulo. Roma he consagrada pelo seu sangue; e o Martyrio de S. Pedro, Principe dos Apostolos, estabelece na Capital do Imperio o aliento principal da Religião. Entretanto o tempo chegava em que a vingança Divina devia brilhar sobre

os Judeos impenitentes: a desordem se põe entre elles; hum falso zelo os cega, e os torna odiosos a todos os homens; seus falsos Profetas os encantão pelas promessas de hum Reino imaginario. Enganados por estas mentiras, não podem mais soffrer algum imperio legitimo; e não dão alguns limites aos seus attentados. Deos os entrega ao sentimento reprovado. Elles se rebelião contra os Romanos que os opprimem: o mesmo Tito, que os arruina, reconhece que não faz mais que emprestar a sua mão a Deos irritado contra elles. Adriano acaba de os exterminar: elles acabaõ com todos os fines da vingança Divina: expulsados da sua terra, e escravos por todo o mundo, não tem mais nem Templo, nem Altar, nem Sacrificio, nem paiz; e não se vê na Judéa alguma forma de Povo.

*Philost.*

*vii. Apoll.*

*Tyan. lib.*

*6.*

*Joséph. de*

*viii. Jud.*

*lib. 7. 16.*

Deos com tudo havia dado providencia á eternidade do seu culto: os Gentios abrem os olhos, e se unem em espirito aos Judeos convertidos. Por este meio entraõ na familia de Abrahão; e vindo a ser seus filhos pela fé, herdaõ as promessas que lhe ha-

haviaõ sido feitas. Hum novo povo se fórma, e o novo Sacrificio, taõ celebrado pelos Profetas, começa a se offerecer por toda a terra.

Assim foi cumprindo de ponto em ponto o antigo Oraculo de Jacob: Judá he multiplicado desde o principio mais que seus irmãos; e havendo sempre conservado huma certa preeminencia, recebe por fim a dignidade Real como hereditaria. Ao depois o Povo de Deos he reduzido á sua unica familia; e comprehendido na sua Tribu, toma o seu nome. Em Judá se continúa aquelle grande povo promettido a Abraham, a Isaac, e a Jacob; nelle se perpetuaõ as outras promessas, o Culto de Deos, o Templo, os Sacrificios, a posse da terra promettida, que não se chama mais que a Judea. A pezar dos diversos estados, os Judeos ficaõ sempre no corpo de povo regulado, e de Reino, usando das suas Leis. Não se vé ahi nascer sempre Reis, ou Magistrados, e Juizes, até que o Messias venha: elle chega, e o Reino de Judá pouco a pouco cahê em ruina. He totalmente destruido, e o povo Judai-



co he expulſado ſem eſperança da terra de ſeus pais. O Meſſias vem a ſer a eſperança das Nações, e reina ſobre hum novo povo.

Mas para guardar a ſucceſſão, e a continuação era preciso que eſte novo povo ſoſſe enxertado, para dizer aſſim, ſobre o primeiro, e como diz S. Paulo, *a Oliveira brava ſobre a manſa Oliveira; a fim de participar do ſeu bom ſucco.* Tambem ſuccedeo que a Igreja, eſtabelecida primeiramente entre os Judeos, recebeu por fim os Gentios para fazer com elles huma meſma arvore, hum meſmo corpo, hum meſmo povo, e tornallos participantes das ſuas graças, e das ſuas promeſſas.

Rom. 11.  
27.

O que acontece depois aos Judeos incredulos governando Veſpaziano, e Tito não diz respeito mais á continuação do Povo de Deos. Iſto he hum caſtigo dos rebeldes, que pela ſua infidelidade para com a ſemente promettida a Abrahão, e a David, não ſão mais Judeos, nem mais filhos de Abrahão que ſegundo a carne, e renunciaõ a promeſſa pela qual as Nações devem ſer abençoadas.

Assim esta ultima, e espantosa  
 dissolação dos Judeos não he mais  
 huma transmigração, como a de Ba-  
 bylonia; não he huma suspensão do  
 governo, e do estado do povo de De-  
 os, nem do serviço solemne da Re-  
 ligião; o novo povo, ja formado,  
 e continuado com o antigo em Jesus  
 Christo, não he transportado; ex-  
 tende-se, e dilata-se sem interrup-  
 ção desde Jerusalem, aonde devia  
 nascer, até ás extremidades da ter-  
 ra. os Gentios aggregados aos Jude-  
 os vem a ser dahi em diante os ver-  
 dadeiros Judeos; o verdadeiro Rei-  
 no de Judá opposto ao de Israel Scis-  
 matico, e separado do Povo de Deos,  
 o verdadeiro Reino de David pela  
 obediencia que dão ás Leis, e ao  
 Evangelho de Jesus Christo Filho de  
 David.

Depois do estabelicimento deste  
 novo Reino, não he para admirar  
 que tudo acabe na Judéa. O segun-  
 do Templo não servia mais de nada  
 depois que o Messias ahi completa  
 o que era affinalado pelas Profecias.  
 Este templo tinha tido a gloria que  
 lhe era promettida, quando o deze-  
 jado das Nações para ahi tivesse vin-

do. A Jerusaleem visivel havia feito o que lhe restava para fazer, pois que a Igreja ahi tinha tomado o seu nascimento, e que de lá extendia todos os dias os seus ramos por toda a terra. A Judéa não he mais nada para Deos nem para a Religião do mesmo modo que os Judeos; e he justo que em castigo do seu endurecimento as suas ruínas sejaõ espalhadas por toda a terra.

Isto he o que lhes devia acontecer no tempo do Messias segundo Jacob, segundo Daniel, segundo Zacharias, e segundo todos os Profetas: mas como devem voltar em algum dia para esse Messias que tem desconhecido, e o Deos de Abraham ainda não tem esgotado as suas misericordias sobre a familia, ainda que infiel, deste Patriarcha, elle tem achado hum meio, do qual não ha no mundo mais que este só exemplo, de conservar a os Judeos fóra do seu paiz, e na sua ruina, ainda por mais longo tempo que os povos que os tem vencido. Não se vê mais algum resto nem dos antigos Assyrios, nem dos antigos Medos, nem dos antigos Persas, nem dos antigos Gregos, nem até dos antigos

Ro-

Romaños. Perderão-se os seus vestígios, e são confundidos com os outros povos. Os Judeos, que tem sido a preza destas antigas Nações tão celebres nas Historias, lhes tem sobrevivido; e Deos conservando-os, nos põe na esperança do que ainda quer fazer dos infelices restos de hum povo em outro tempo tão favorecido. Com tudo o seu endurecimento serve para a salvação dos Genticos, e lhes dá aquella vantagem de acharem nas mãos não suspeitas as Escripturas que tem predicto Jesus Christo, e os seus mysterios. Vemos entre outras cousas nestas Escripturas a cegueira, e as desgraças dos Judeos que as conservabão tão cuidadosamente: assim nos aproveitamos da sua desgraça: a sua infidelidade faz hum dos fundamentos da nossa Fé; elles nos ensinão a temer a Deos, e nos são hum espectáculo eterno dos Juizos que exercita sobre os filhos ingratos, a fim de que nós aprendamos a não nos glorificarmos das graças feitas a nossos pais.

Hum mysterio tão maravilhoso, e util a instrucção do Genero humano, merece ser bem considerado.

mas

*2. A*  
*2. A*  
*If. 6. 52.*  
*53. 65.*  
*Dan. 9.*  
*Matth.*  
*Joan. 12.*  
*Act. 28.*  
*Rom. 11.*

Mas não temos necessidade dos discursos humanos para o entendermos: o Espírito Santo tomou o cuidado de no-los explicar pela boca de S. Paulo, e rogo a V. Alteza que ouça o que este Apostolo delle escreveo aos Romanos.

*Rom. II. 2. &c.* Depois de haver fallado do pequeno numero dos Judeos, que tinha recebido o Evangelho, e da cegueira dos outros, entra em huma profunda consideração do que deve vir a ser hum povo honrado com tantas graças, e nos descobre ao mesmo tempo o proveito, que tiramos da sua queda, e os fructos que produzirá algum dia a sua conversão.

*Ibid. II. &c.* Os Judeos pois cabirão, diz elle, para não se levantarem mais? Deos não o permita. Mas a sua queda deo occasião á salvação dos Gentios, a fim de que a salvação dos Gentios lhes causasse huma emulação, que os fizesse entrar em si mesmo. Que se a sua queda tem sido a riqueza dos Gentios, que se tem convertido em tão grande numero, que graça não veremos reluzir quando elles tornarem de todo! Se a sua reprobção tem sido a reconciliação do mundo, a sua

revocação não será buma resurreição da morte para a vida? Que se as premicias tiradas deste povo são santas, a massa o he tambem; se a raiz he santa, os ramos o são tambem, e se alguns dos ramos tem sido cortados, e que tu, Gentio, que não eras mais que buma Oliveira silvestre, tu te ubas sido enxertado entre os ramos que ficavaõ sobre a Oliveira mansa, de sorte tu participas do succo que corre da raiz, guarda-te de te levantares contra os ramos naturaes. Que se tu te levantas, considera que não he tu que trazes a raiz, mas he a raiz que te traz. Tu dirás talvez: os ramos naturaes tem sido cortados a fim de que eu fosse enxertado no seu lugar. He verdade, a incredulidade causou este corte, he a tua Fé que te sustenta. Toma pois sentido em não te inchares, mas vive no temor: porque se Deos não tem poupado os ramos naturaes, deves temer que elle ainda menos te não poupe.

Quem não tremaria ouvindo estas palavras ao Apostolo! podemos nós não ser assombrados pela vingança que brilha depois de tantos seculos tão terrivelmente sobre os Judeos,

pois que S. Paulo nos adverte da  
 parte de Deos, que a nossa ingrati-  
 dad nos pôde attrahir hum similhan-  
 te tratamento? Mas ouçamos a con-  
 tinuação deste grande mysterio. O  
 Apóstolo continua em fallar aos Gen-  
 tios convertidos: *considerai*; he diz  
 elle, *a clemencia, e a severidade de*  
*Deos*; *a sua severidade para com*  
*aquelles que são descabidos da sua gra-*  
*ça, e a sua clemencia para convos-*  
*co*, *se com tudo persistis firmes no es-*  
*tado em que a sua bondade vos pôz; de*  
*outro modo sereis cortados como elles.*  
*Se elles cessão de serem incredulos,*  
*serão enxertados de novo, porque De-*  
*os, que os cortou, he bastantemen-*  
*te poderoso para os fazer ainda pegar.*  
*Porque se vós tendes sido separados da*  
*Oliveira silvestre, nonde a nature-*  
*za vos havia feito nascer, para seres*  
*enxertado na Oliveira mansa contra a*  
*ordem natural, quanto mais facilmen-*  
*te os ramos naturaes da mesma Olivei-*  
*ra serão enxertados sobre o seu proprio*  
*tronco? Aqui o Apóstolo se eleva*  
*sobre tudo o que vem de dizer, e*  
*entrando nas profundidades dos con-*  
*selhos de Deos, profegue assim o*  
*seu dilcurso: eu não quero, meus*  
ir.

irmãos, que vós ignoreis este myste- *Ibid. 25.*  
 rio, a fim de que aprendaes a não pre- *3. seq.*  
 sumir de vós mesmo: este he que huma  
 parte dos Judeos cabio na cegueira, a  
 fim de que a multidão dos Gentios en-  
 trasse entre tanto na Igreja, e que  
 por este modo todo o Israel fosse sal-  
 vado segundo se acha escripto, sabi-  
 rá de Sião hum libertador que dester-  
 rará a impiedade de Jacob; e ex-aquí  
 a Alliança que eu farei com elles *If. 59. 20.*  
 quando tiver apagado os seus peccados.

Este lugar de Isaías, que S. Pau-  
 lo cita aqui segundo os setenta, co-  
 mo tinha por costume por causa de  
 que a sua versão era conhecida por  
 toda a terra, he ainda mais forte no  
 original, e tomado em toda a exten-  
 são. Porque o Profeta ahí prediz an-  
 tes de todas as cousas a conversão  
 dos Gentios por estas palavras: *If. 59. 20.*  
*Os do Occidente temarão o nome do Senhor,*  
*e os do Oriente verão a sua gloria.*  
 Depois debaixo da figura de hum rio  
 rapido impellido por hum vento impe-  
 tuoso, Isaías vê de longe as perse-  
 guições que farão crescer a Igreja.  
 Em fim o Espirito Santo lhe ensina o  
 que virão a ser os Judeos, e lhes de-  
 clara, *If. 59. 20.*  
*que o Salvador virá a Sião,*  
*e se 21.*



e se aproximarão aos de Jacob, que então se converterão dos seus peccados, e ex-aqui diz o Senhor, a Alliança que eu farei com elles. O meu Espirito que está em ti, ó Profeta, e as palavras que puz na tua boca persistirão eternamente, não sómente na tua boca, mas também na de teus filhos, e dos filhos de teus filhos, agora, e para sempre, disse o Senhor.

Faz-nos saber pois claramente, que depois da conversão dos Gentios, o Salvador, a quem Siaõ havia desconhecido, e que os filhos de Jacob haviaõ regeitado, se voltará para elles, apagará os seus peccados, e lhes dará a intelligencia das Profecias que elles terão perdido durante hum longo tempo, para passar successivamente, e de mão em mão em toda a posteridade, e não ser mais esquecida até o fim do mundo, e outro tanto tempo como Deos for servido fazella durar depois deste maravilhoso successo.

Assim os Judeos se reduzirãõ algum dia, e se reduzirãõ para não se apartarem ja mais; mas não serãõ reduzidos senão depois que o Oriente, e o Occidente, isto he, todo o mundo

do tiver sido cheio de temor, e do conhecimento de Deos.

O Espirito Santo mostra a S. Paulo que aquella feliz reduçãõ dos Judeos serã o effeito do amor que Deos tem tido a seus pais. Por esta razãõ he que acaba assim o seu discurso. *Em quanto ao Evangelho, diz elle, Rom. IX. que vos prégamos agora, os Judeos são inimigos por amor de vós, se Deos os reprovou, isto tem sido, ó Genticos para vos chamar; mas em quanto á eleição, pela qual elles erã escolhidos desde o tempo da Alliança jurada com Abrahã, sempre os amou por causa de seus pais; porque os dons, e a vocaçã de Deos não soffrem arrependimento. E como vós não crestes em outro tempo, e tendes agora alcançado misericordia por causa da increãulidade dos Judeos, Deos tendo querido escolher-vos para vos pôr no seu lugar, assim os Judeos não tem crido que Deos vos haja querido fazer misericordia, a fim de que algum dia elles a recebaõ: porque Deos tudo tem comprehendido na incredulidade para usar de Misericordia com todos, e a fim de que todos conhecessem a necessidade que*

tem

tem da sua graça. A profundidade dos thesouros da sabedoria, e da sciencia de Deos! Quanto os seus Juizos são incomprebensiveis, e os seus caminhos impenetraveis! Porque quem conhece os designios de Deos, ou quem tem entrado nos seus conselhos? Quem he tem dado o primeiro para delle tirar o premio; pois que he delle, e por elle, e nelle que existem todas as cousas? A gloria he seja dada pelo espaço de todos os seculos.

Ex-aqui o que diz S. Paulo sobre a eleição dos Judeos, sobre a sua queda, sobre a sua redução, e em fim sobre a conversão dos Gentios, que são chamados para occuparem o seu lugar, e para os conduzirem no fim dos seculos para a benção promettida a seus pais, isto he, ao Christo a quem elles com pertinacia negaram. Este grande Apóstolo nos faz conhecer a graça que passa de povo em povo para conter a todos os povos no temor de a perderem, e nos mostra a sua força invencivel em que depois de haver convertido os Idolatras, reserva para si por ultima obra convencer o endurecimento, e a perfidia Judaica.

Por

Por este profundo conselho de Deos, os Judeos ainda subsistem no meio das Naçoens, pelas quaes andão dispersos, e cativos; mas subsistem com o caracter da sua reprobacão, descahidos visivelmente, pela sua infidelidade, das promessas feitas a seus Pais, desterrados da terra promettida, até não tendo terra alguma para cultivar, escravos por toda a parte aonde se achão, sem honra, sem liberdade, sem alguma figura de povo.

Cahirão neste estado trinta e oito annos depois que crucificáráo a Jesus Christo, e depois de haverem empregado em perseguirem os seus discipulos, o tempo lhes havia sido deixado para se reconhecerem. Mas em quanto o antigo povo he reprovado pela sua infidelidade, o novo povo se augmenta todos os dias entre os Gentios: a Alliança feita em outro tempo com Abrahão, se estende segundo a promessa a todos os povos do mundo que se haviaõ esquecido de Deos: a Igreja Christã chama para si a todos os homens; e socegada por espaço de muitos seculos, entre perseguiçoens

ens inauditas, lhes mostra que não espera a sua felicidade sobre a terra.

Este era, Serenissimo Senhor, o mais digno fructo do conhecimento de Deos, e o effeito daquella grande benção que o mundo devia esperar por Jesus Christo. Elle hia-se derramando todos os dias de fama em familia, e de povos em povos; os homens abrião os olhos cada vez mais para conhecerem a cegueira em que a Idolatria os havia mergulhado; e a pezar de todo o poder Romano vião-se os Christãos sem rebellião, sem fazerem alguma desordem, e sómente soffrendo toda a qualidade de deshumanidades, mudar a face do mundo, e se extenderem por toda a parte.

A promptidão nunca ouvida com que se fez esta grande mudança, he hum milagre visível. Jesus Christo havia prediço que o seu Evangelho seria bem cedo pregado por toda a terra: esta maravilha devia acontecer logo depois da sua morte; e elle tinha dito que *depois que o tivessem levantado da terra; isto he, depois que o tivessem pregado*

Joan. 8.

28. 12. 32.

do na Cruz, *atravaria para si todas as cousas.* Os seus Apostolos não tinhaõ ainda acabado a sua carreira, e S. Paulo dizia já aos Romanos, *que a sua Fé era annunciada em todo o mundo.* Dizia aos Colossenses, *que o Evangelho era ouvido por toda a creatura que vivia debaixo do Ceo; que era pregado, que fructificava, que crescia por todo o mundo.* Huma tradição constante nos ensina, e que S. Thomé o levou aos Indios, e os outros, a outros paizes distantes. Mas não se precisa de historias para confirmar esta verdade: o effeito falla, e affaz se vê com quanta razaõ S. Paulo applica aos Apostolos aquelle lugar do Psalmista: *a sua voz se faz ouvir por toda a terra, e a sua palavra tem sido levada até ás extremidades do mundo.* No tempo dos seus Discipulos, quasi que não havia paiz por mais remoto, e desconhecido que fosse, no qual o Evangelho não tivesse penetrado. Cem annos depois de Jesus Christo, S. Justino contava já entre os fieis muitas Naçoens barbaras, e até povos vagabundos que andavaõ de huma parte para outra sobre carros sem terem

Rom. 1. 8.

Col. 1. 5. 6.

23.

Grg.

Naz. Orat.

25.

Rom. X.

19.

Just. Apol.

2. 5. adv.

Triph.

8. 1107

81. 11. 81

têrem morada fixa. Não era isto huma  
 ma vam exaggeraçã; era hum factu  
 cto constante, e notorio, que consti  
 tava na presença dos Imperadores,  
 e na face de todo o mundo. S. Ire-  
 neo vem hum pouco depois, e vê-  
 se crescer o enumeramento que se  
 fazia das Igrejas. A sua concordia era  
 admiravel: o que se cria nas Gal-  
 lias, nas Hespanhas, na Germania,  
 se cria no Egypto, e no Oriente; e  
 como não havia mais que hum mes-  
 mo Sol em todo o mundo, via-se em  
 toda a Igreja, desde huma extre-  
 midade do mundo, até á outra, na mes-  
 ma luz da verdade.

*Tertull.  
 ad Jud. 7.  
 Apolog.  
 37.*

*Orig. Tr.  
 28. in  
 Matth.  
 hom. in  
 Ezech.  
 Arn. lib.  
 11.*

Por pouco que se ptofiga, pas-  
 ma-se á vista dos progressos que se  
 vê. No meio do terceiro seculo Ter-  
 tuliano, e Origenes fazem ver na  
 Igreja povos inteiros que hum pou-  
 co antes nella se não viã. Os que  
 Origenes exceptuava, que erã os  
 mais distantes do mundo conheci-  
 do, ahi são postos hum pouco de-  
 pois por Arnobio. Que podia ter  
 visto o mundo para se entregar taõ  
 promptamente a Jesus Christo? Se  
 vio milagres, Deos se misturou vi-  
 sivelmente nesta obra; e se se po-  
 dia

dia fazer que não os houvesse visto, não seria isto hum novo milagre, *Aug. XXI. de Civ. 7. XXII. 5.*  
 maior, e mais incrível que aquelles que se não quer acreditar, haver convertido o Mundo sem milagre, haver feito entrar a tantos ignorantes em mysterios tão altos, haver inspirado a tantos sabios huma humilde submissão, e haver persuadido a incredulos tantas cousas increíveis.

Mas o milagre dos milagres, se pôde fallar desta sorte, he que com a Fé dos mysterios, as virtudes as mais eminentes, e as praticas as mais custosas se espalharão por toda a terra. Os discipulos de Jesus Christo, o seguirão nos caminhos os mais difficéis. Soffrer tudo pela verdade tem sido entre os seus filhos hum exercicio ordinario; e para imitarem ao seu Salvador, correrão aos tormentos com mais ardor do que os mais correm para as delicias. Não se pôde contar exemplos, nem dos ricos que se empobrecerão para ajudarem os pobres, nem dos pobres que preferirão a pobreza ás riquezas, nem das virgens que imitaram na terra a vida dos Anjos, nem

K

dos



dos Pastores caritativos, que se fizeram todos para todos, sempre promptos para darem ao seu rebanho, não sómente as suas vigílias, e os seus trabalhos, mas também as suas proprias vidas. Que direi eu da penitencia, e da mortificação? Os Juizes não exercitão mais severamente a Justiça sobre os criminosos, do que os peccadores penitentes a tem exercitado sobre si mesmos. Muito mais os innocentes tem punido em si com hum rigor incrível aquella extraordinaria inclinação que temos para o peccado. A vida de S. João Baptista, que pareceo tão admiravel aos Judeos, veio a ser commua entre os fieis; os desertos tem sido povoados dos seus imitadores; e nelles houve tantos solitarios, que os mais perfeitos tem sido constringidos a procurarem solidões mais profundas; tanto se fugio ao mundo, tanto se gostou da vida contemplativa.

Taes eraõ os fructos preciosos que devia produzir o Evangelho. A Igreja não he menos rica em exemplos, do que em preceitos, e a sua doutrina pareceo santa, produzindo

duzindo huma infinidade de Santos. Deos que sabe que as mais fortes virtudes nascem entre as mortificações, a fundou por meio do martyrio, e a conservou por espaço de trezentos annos neste estado, sem que tivesse hum só momento para descansar. Depois que mostrou por huma longa experiencia que não tinha necessidade de socorro humano, nem das potencias da terra para estabelecer a sua Igreja, por fim chamou aos Imperadores, e fez do grande Constantino hum protector declarado do Christianismo. Depois deste tempo os Reis tem corrido de todas as partes para a Igreja; e tudo o que estava escripto nas profecias concernente á sua gloria futura, se tem cumprido á vista de toda a terra.

Se tem sido invencivel contra os esforços exteriores, ella não o he menos contra as divisoens intestinas. Aquellas heresias tão predictas por Jesus Christo, e pelos seus Apostolos, são chegadas, e a Fé perseguida pelos Imperadores, soffria no mesmo tempo dos hereges huma perseguição mais perigosa. Mas

esta perseguição nunca tem sido mais violenta como no tempo em que se vio cessar a dos Pagãos. Então fez o Inferno os seus maiores esforços para destruir per si mesma aquella Igreja, cuja firmeza havia feito ataques dos seus mais declarados inimigos. Apenas ella começava a respirar pela paz que lhe deu Constantino; e ex aqui Arrio, aquelle infeliz Sacerdote lhe suscita as maiores inquietações que não havia em tempo algum soffrido. Constancio, filho de Constantino, enganado pelos Arrianos, cujo dogma authoriza, atormenta os Catholicos por toda a terra; novo perseguidor do Christianismo, e outro tanto mais formidavel, porque debaixo do Nome de Jesus Christo faz a guerra a Jesus Christo mesmo. Por cume de infelicidades a Igreja assim dividida cahe entre as mãos de Juliano Apostata, que põe tudo em obra para destruir o Christianismo, e não acha melhor meio que fomentar as facções, pelas quaes era despedaçada. Depois d'elle vem hum Valentiniano, tão apaixonado pelos Arrianos como Constancio, mas mais violento. Outros

Im-

Imperadores protegem outras here-  
 fias com hum semelhante furor. A  
 Igreja conhece por tantas experien-  
 cias, que não tem menos que sof-  
 frer debaixo dos Imperadores Chris-  
 taõs, do que havia soffrido no tem-  
 po dos Infeis, e que deve derra-  
 mar o seu sangue para defender,  
 não sómente todo o corpo da sua  
 doutrina, mas tambem cada artigo  
 particular. Com effeito não ha al-  
 gum que ella não tenha visto ata-  
 cado pelos seus filhos. Mil seitas,  
 e mil heresias sahidas do seu seio,  
 se levantaráo contra ella. Mas se  
 as tem visto levantarem-se segun-  
 do as predicçoens de Jesus Christo,  
 ella as tem visto cahir todas se-  
 gundo as suas promessas, ainda que  
 muitas vezes sustidas pelos Impera-  
 dores, e pelos Reis. Os seus verda-  
 deiros filhos tem sido, como diz  
 S. Paulo, reconhecidos por esta ex-  
 periencia; a verdade não tem fei-  
 to mais que fortificar-se quando tem  
 sido contestada; e a Igreja ficou im-  
 movel.

## CAPITULO XXI:

*Reflexões particulares sobre o castigo dos Judeos, e sobre as predicções de Jesus Christo que o haviaõ assignalado.*

**E**M quanto eu trabalhei em mostrar a V. Alteza sem interrupção a continuação dos Conselhos de Deos na perpetuidade do seu povo, passei rapidamente sobre muitos factos, que merecem reflexões profundas. Seja-me permittido tornar a ellas para não deixar perder a V. Alteza tão grandes cousas.

E primeiramente, Serenissimo Senhor, vos rogo que considereis com humia attenção mais particular a queda dos Judeos, da qual todas as circumstancias dão testemunho ao Evangelho. Estas circumstancias nos são explicadas pelos Authores infieis, pelos Judeos, e pelos Pagãos, que sem esperarem a continuação dos Conselhos de Deos, nos tem contado os factos importantes, pelos quaes a foi servido declarar.

Te-

Temos Josepho, Author Judeo, Historiador muito fiel, e muito instruido nos negocios da sua Nação, da qual tambem illustrou as antiguidades por huma obra admiravel. Elle escreveu a ultima guerra, em que ella acabou, depois de haver sido presente a tudo, e ter elle mesmo nella servido o seu paiz com hum commandamento consideravel.

Os Judeos nos furnecem tambem outros Authores antiquissimos, cujos testemunhos verá V. Alteza. Tem antigos Commentarios sobre os Livros da Escriptura, e entre outros as Parafrases Caldaicas que imprimem com suas Biblias. Tem o seu Livro a que elles chamaõ Talmud, isto he, doutrina, que não respeitã menos que a mesma Escriptura. Este he huma Collecão de tratados, e sentenças dos seus antigos mestres; e ainda que as partes, das quaes esta obra he composta, não sejaõ todas da mesma antiguidade, os ultimos Authores, que ahi são citados viverã nos primeiros seculos da Igreja. Entre huma infinidade de fabulas impertinentes que se vê começarem pela maior parte depois do tempo de

Nosso Senhor, alli se achão bellos restos das antigas tradiçoens do povo Judaico, e das provas para o convencer.

E na verdade he certo, pela confissão dos Judeos, que a vingança Divina nunca foi declarada mais terrivel, nem manifestamente, do que na sua ultima dissolução.

He huma tradiçãõ constante, attestada no seu Talmud, e confirmada por todos os seus Rabinos, que quarenta annos antes da ruina de Jerusalem, o que com pouca differença vem a cair no tempo da morte de Jesus Christo, via-se continuamente no Templo cousas estranhas. Todos os dias nelle appareciaõ novos prodigios, de sorte que hum famoso Rabino gritou em hum dia: *ó Templo, ó Templo, quem te abala, e porque fazes tu medo a ti mesmo.*

Que ha ahi mais notavel de que aquelle estrondo horrivel que foi ouvido pelos Sacerdotes no Sanctuario no dia do Pentecostes, e aquella voz manifesta que sahio do fundo daquelle lugar Sagrado: *saiamos daqui, saiamos daqui?* Os Santos Anjos,

Joan. III. 1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.

Joanan  
filho de  
Zebedi.  
Tr. de  
fest. expiat.

jos, protectores do Templo, declarã  
 em alta voz que elles o abandonavaõ,  
 porque Deus que nelle havia estabe-  
 lecido a sua mmorada por espaço de  
 tantos seculos, o havia reprovado.  
 Josepho, e o mesmo Tacito tem  
 contado este prodigio. Naõ foi per-  
 cebido senã pelos Sacerdotes. Mas  
 ex-aqui outro prodigio que tem bri-  
 lhado diante dos olhos de todo o  
 povo, e já mais outro algum povo  
 nada tinha visto semelhante: qua-  
 tro annos antes da guerra declara-  
 da, hum Paizano, diz Josepho, se  
 pôz a gritar: hum voz sabio da  
 parte do Oriente, hum voz sabio da  
 do Occidente, hum voz sabio da  
 parte dos quatro ventos: voz con-  
 tra Jerusalem, e contra o Templo,  
 voz contra os novos casados, e as  
 novas casadas, voz contra todo o  
 povo. Depois deste tempo, nem de  
 dia, nem de noite cessou de gritar.  
 Desgraçada, desgraçada Jerusalem. Do-  
 brava os seus gritos nos dias de fes-  
 ta. Outra alguma palavra naõ sahia  
 da sua bocca: os que o lamentavaõ,  
 os que o injuriavaõ, os que lhe ex-  
 punhaõ as suas necessidades, naõ  
 lhe ouviraõ já mais senã aquella

*Joseph.*  
*lib. VII.*  
*de. bell.*  
*Jud. c. 12.*  
*Tact.*  
*hist. lib.*  
*V. c. 13.*  
*Lib. VII.*  
*de bell.*  
*Jud. c. 12.*

*transcripção  
 do original  
 de Josepho  
 de bell. lib. VII.  
 c. 12.*



terrivel palavra: *desgraçada Jerusa-  
lem*. Foi prezo, perguntado, e con-  
demnado a açoutes pelos Magistra-  
dos: a cada pergunta, e a cada aç-  
oute, respondia sem nunca se quei-  
zar, *desgraçada Jerusaleem*. Solto co-  
mo hum incensato corria todo o pa-  
iz, repetindo continuamente a sua  
triste perdicção. Pelo espaço de sete  
anos continuou em gritar desta  
forte, sem se cançar, e sem que a  
sua voz se enfraquecesse. No tem-  
po do ultimo sitio de Jerusaleem,  
fechou-se na Cidade girando infati-  
gavelmente ao redor das muralhas,  
e gritando com toda a força: *des-  
graçado o Templo, desgraçada a Ci-  
dade, desgraçado todo o povo*. Por fim  
accrefcentou: *desgraçado de mim mes-  
mo*, e no mesmo tempo foi morto  
por huma pedra lançada por huma  
maquina.

Não se diria, Serenissimo Senhor,  
que a vingança Divina se havia mos-  
trado como visivel neste homem,  
que não subsistia mais que para pro-  
nunciar as suas sentenças; que ella  
o havia enchido da sua força, a fim  
de que pudesse igualar as desgraças  
do povo pelos seus gritos; e que em  
fim.

fim devia acabar por hum effeito desta vingança, que havia por taõ longo tempo annunciado, a fim de a tornar mais sensivel, e mais presente, quando della seria, naõ sómente o Profeta, e a testemunha, mas tambem a victima.

Este Profeta das desgraças de Jerusaleem se chama Jesus. Parecia que o Nome de Jesus, nome de salvaçaõ, e de paz, devia voltar aos Judeos, que o desprezavaõ na pessoa do nosso Salvador, para hum funesto presagio; e que estes ingratos havendo regeitado hum Jesus, que lhes annunciava a graça, a misericordia, e a vida, Deos lhe envia hum outro Jesus, que naõ tinha que lhes annunciar mais que os males irremediaveis, e o inevitavel decreto da sua proxima ruina.

Passemos mais adiante nos Juizos de Deos, debaixo da conducta das suas escripturas: Jerusaleem, e o seu Templo tem sido por duas vezes destruidos; huma por Nabuchodonosor, outra por Tito. Mas em cada hum destes dous tempos a Justiça de Deos se declarou pelos

mesmos caminhos, ainda que mais claramente no ultimo.

Para melhor entender esta ordem dos Conselhos de Deos, ponhamos antes de todas as cousas esta verdade tantas vezes estabelecida nas santas letras, que hum dos mais terribes effeitos da vingança Divina he quando em castigo dos nossos peccados antecedentes, ella nos entrega ao nosso sentido reprovado, de sorte que sejamos surdos a todas as sabias advertencias, cegos aos caminhos da salvaçaõ, que nos são mostrados, promptos para crer tudo o que nos perde, com tanto que nos lisonjee; e atrevidos em emprender tudo, sem jámais medirmos as nossas forças com as dos inimigos que irritamos.

Assim acabaraõ pela primeira vez, debaixo da maõ de Nabuchodonosor, Rei de Babilonia, Jerusalem, e os seus Principes. Fracos, e sempre abatidos por este Rey victorioso, tinhaõ muitas vezes experimentado que não faziaõ contra elle mais que vãos esforços, e tinhaõ sido obrigados a lhe jurarem fidelidade. O Profeta Jeremias lhes declarava da parte

te de Deos, que o mesmo Deos os  
 havia entregado a este Principe, e  
 que só podia ser salvos fugeitan-  
 do-se ao seu jugo. Elle dizia a Sede-  
 cias, Rei de Judéa, e a todo o seu  
 povo: *fugeitai-vos a Nabuchodonosor,*  
*Rei de Babylonia, a fim de que*  
*vós vivais: porque vazaõ quereis vós*  
*morrer, e fazer desta Cidade huma so-*  
*lidaõ? Naõ deraõ credito á sua pa-*  
*lavra. Em quanto Nabuchodonosor*  
*os tinha bloqueado pelos extraordi-*  
*narios trabalhos com que tinha cer-*  
*cado a sua Cidade, elles se deixavaõ*  
*encantar pelos seus falsos Profetas,*  
*que lhes enchiaõ o coração de victo-*  
*rias imaginarias, e lhes diziaõ em*  
*nome de Deos, ainda que Deos naõ*  
*os houvesse mandado: eu quebrei o*  
*jugo do Rei de Babylonia: vós naõ*  
*tendes mais que dous annos para sop-*  
*portar este jugo, e depois vereis este*  
*Principe constrangido a vos entregar*  
*os vasos Sagrados, que tem roubado*  
*do Templo. O povo enganado por es-*  
*tas promessas, soffria a fome, e a se-*  
*de, e as mais duras extremidades,*  
*e obrou tanto pela sua audacia in-*  
*cessata, que para elle naõ houve*  
*mais misericordia. A Cidade foi des-*  
*trui-*

*Jer.*  
*XXVII.*  
*12. 17.*

*Jer.*  
*XXVIII.*  
*2. 3.*

*4. Reg.*  
*XXV.*

truida, o Templo queimado, tudo perdido.

Por estes finaes os Judeos conheceraõ, que a maõ de Deos estava sobre elles. Mas a fim de que a vingança Divina lhes fosse taõ manifestada na ultima ruina de Jerusaleem, como o havia sido na primeira, tem-se visto em huma, e outra a mesma seducçaõ, a mesma temeridade, e o mesmo endurecimento.

Ainda que a sua rebelliaõ tenha attrahido sobre elles as armas Romanas, e elles sacudissem temerariamente hum jugo, debaixo do qual todo o mundo tinha curvado, Tito naõ queria perdellos; pelo contrario elle lhes fez muitas vezes offerrecer perdaõ, naõ sómente no principio da guerra, mas ainda quando naõ podiaõ mais escapar das suas mãos. Tinha já levantado ao redor de Jerusaleem huma longa, e vasta muralha, fortificada de Torres, e de Fortes, taõ fortes como a mesma Cidade, quando lhes enviou Josepho seu Cidadãõ, hum dos seus Capitães, hum dos seus Sacerdotes, que havia sido cativado nesta guerra defendendo o seu paiz. Que lhes naõ  
disy

disse elle para os mover ? Por quan-  
 tas razões fortes os convidou elle  
 para tornarem a entrar na obediên-  
 cia ? Fez-lhes ver o Ceo , e a terra  
 conjurados contra elles , a sua perda  
 inevitavel na resistencia , e ao mes-  
 mo tempo a sua salvaçãõ na clemen-  
 cia de Tito. *Salvai*, lhe dizia elle, *Joseph.*  
*a Cidade Santa; salvai vos a vós mes-* *VII. de*  
*mos; salvai aquelle Templo , a ma-* *bell. Jud.*  
*ravilha do mundo , que os Romanos*  
*respeitaõ , e que Tito contra vontade*  
*vê acabar.* Mas que meio para salvar  
 gentes taõ oblinadas em se perde-  
 rem ? Enganados pelos seus falsos  
 Profetas , naõ ouviaõ estes sabios  
 discursos. Estavaõ reduzidos ao ma-  
 ior extremo : a fome matava mais  
 delles do que a guerra , e as mãis  
 comiaõ os seus filhos. Tito compa-  
 decido dos seus males , tomava os  
 seus Deoses por testemunha , de que  
 elle naõ era a causa da sua perda.  
 Durando estas infelicidades davaõ *Jos. ph.*  
 credito ás falsas predicções , que *11.*  
 lhes promettiaõ o Imperio do mun-  
 do. Apenas a Cidade era tomada , o  
 fogo abi andava já por todas as par-  
 tes ; e estes incensatos ainda criaõ  
 os falsos Profetas , que lhes assegura-  
 vaõ

vaõ, que ó dia da salvaçaõ era chegado, a fim de que resistissem sempre, e de que naõ houvesse mais para elles misericordia. Com effeito tudo foi morto, a Cidade foi totalmente destruida, e excepto alguns restos de torres, que Tito deixou para servirem de monumento á posteridade, ahi naõ ficou pedra sobre pedra.

Vê pois V. Alteza brilhar sobre Jerusaleem a mesma vingança, que em outro tempo havia apparecido no reinado de Sedecias. Tito naõ era menos enviado por Deos que Nabuchodonosor: os Judeos acabaraõ da mesma sorte. Vê-se em Jerusaleem a mesma rebelliã, a mesma fome, as mesmas extremidades, nos mesmos caminhos da salvaçaõ abertos, a mesma seducçaõ, o mesmo endurecimento, a mesma queda; e a fim de que tudo seja semelhante, o segundo Templo he queimado governando Tito, no mesmo mez, e no mesmo dia, em que havia sido o primeiro no Imperio de Nabuchodonosor: era preciso que tudo fosse assignalado, e que o povo naõ pudesse duvidar da vingança Divina.

*Ibid.* 9. 10.

Como

Com tudo ha entre estas duas quedas de Jerusaleem, e dos Judeos memoraveis differenças, mas todas se encaminhaõ a mostrar na ultima huma Justica mais rigorosa, e declarada. Nabuchodonosor fez pôr fogo ao Templo: Tito de nada se esqueceo para o salvar, ainda que os seus Conselheiros lhe representassem, que em quanto elle subsistisse, os Judeos que nelle punhaõ o seu destino, nunca cessariaõ de ser rebeldes. Mas era chegado o dia fatal; era este o decimo de Agosto, *Ibid.* que tinha já visto queimar o Templo de Salomaõ. A pezar das prohibições de Tito, pronunciadas á vista dos Romanos, e dos Judeos, e da inclinaçãõ natural dos soldados, que os devia encaminhar antes a saquear, que a consumir tantas riquezas, hum soldado impellido, diz Josepho, por *humã inspiraçãõ Divina*, *Ibid.* se faz levantar pelos seus companheiros a huma janella, e põe o fogo naquelle Templo Augusto. Tito corre, Tito ordena que se vá depressa apagar a chamma nascente e *or. e. 1111* ella corre por toda a parte em hum instante, e aquelle admiravel edificio he reduzido a cinzas. Se



*Josepb.  
lib. VI.  
VII.*

Se o endurecimento dos Judeos no tempo de Sedecias era o effeito mais terrivel, e o final mais certo da vingança Divina, que diremos da cegueira que appareceo no tempo de Tito? Na primeira ruina de Jerusaleem os Judeos se entendiaõ ao menos entre si: na ultima Jerusaleem sitiada pelos Romanos, era despedaçada por tres partidos inimigos. Se o odio que tinhaõ todos aos Romanos chegava até os enfurecer, elles naõ eraõ menos encarniçados huns contra os outros: os combates de fóra custavaõ menos sangue aos Judeos que os de dentro. Hum momento depois dos assaltos sustidos contra o Estrangeiro, os Cidadãos tornavaõ a começar a sua guerra intestina; a violencia, e a pilhagem reinava por toda a parte na Cidade. Ella acabava, naõ era mais que hum grande campo coberto de corpos mortos, e com tudo os cabeças dos partidos ahi combatiaõ a favor do Imperio. Naõ era isto huma imagem do Inferno, aonde os condemnados naõ se aborrecem menos huns aos outros, do que aborrecem os demõnios, que são seus inimigos communs,

mans, e aonde tudo he cheio de soberba, de confusão, e de raiva? Confessemos pois, Serenissimo Senhor, que a Justiça que Deos fez sobre os Judeos por Nabuchodonosor, não era mais que huma sombra daquella de que Tito foi o ministro. Que Cidade jámais vio morrer hum milhaõ e cem mil homens no tempo de sete mezes, e em hum só sitio? Isto he o que virão os Judeos no ultimo sitio de Jerusaleem. Os Chaldeos nada semelhante lhes havião feito soffrer. No tempo destes o seu cativo não durou mais que setenta annos, e ha mais de mil e seiscentos annos que elles são escravos por todo o mundo, e ainda não achão algum adoçamento para a sua escravidão.

Não he para admirar, que Tito victorioso, depois da tomada de Jerusaleem, não quizesse receber as congratulações dos povos vizinhos, nem as Coroas que lhe enviavaõ para honrar a sua victoria. Tantas memoraveis circumstancias, a colera de Deos taõ affinalada, e a sua mão que ainda via taõ presente, o retinhaõ em hum profundo affombro, e isto

isto he o que lhe fez dizer o que V. Alteza tem ouvido, que elle não era o vencedor, que elle não era mais que hum fraco instrumento da vingança Divina.

Elle não sabia inteiramente o seu segredo: a hora não era ainda chegada, em que os Imperadores devião conhecer a Jesus Christo. Este era o tempo das humilhações, e das perseguições da Igreja. Por esta razão he que Tito, sufficientemente illustrado para conhecer que a Judéa acabava por hum effeito manifesto da justiça de Deos, não conheceo que crime havia querido punir tão terrivelmente. Este era o maior de todos os crimes; crime até então nunca ouvido, isto he, o deicidio, que tambem deo lugar a hum a vingança, da qual o mundo ainda não tinha visto algum exemplo.

Mas se abrimos hum pouco os olhos, e se consideramos a serie das cousas, nem o crime dos Judeos, nem o seu castigo nos poderão ser occultados.

Lembremo-nos somente do que Jesus Christo lhe havia predicto. Elle havia profetizado a inteira ruina de

de Jerusaleem, e do Templo. Não ficava, diz elle, pedra sobre pedra. *Matth: XXIV. 1. 2.*  
 Havia predicto o modo, porque esta Cidade ingrata seria sitiada, e aquella horrivel circumvalação que a devia rodear. Havia predicto a- *Marc. XIII. 1. 2. Luc. XXI. 5. 6.*

quella horrorosa fome, que devia atormentar os seus Cidadãos, e não se tinha esquecido dos falsos Profetas, pelos quaes deviaõ ser enganados. Havia advertido aos Judeos, que estava proximo o tempo da sua desgraça. Havia dado sinaes certos, que deviaõ assinalar a sua hora precisa; havia-lhes explicado a longa serie dos crimes, que lhes deviaõ attrahir hum tal castigo. Em huma palavra, havia feito toda a historia do sitio, e dessolação de Jerusaleem.

E notai, Serenissimo Senhor, que elle lhes fez estas predicções perto do tempo da sua Paixão, a fim de que melhor conhecessem a causa de todos os seus males. A sua Paixão se aproximava quando elle lhes disse: *A sabedoria Divina vos enviou Profetas, Sabios, e Doutores; vós matareis buns, crucificareis a outros, vós os acoutareis nas vossas Synagogas, los perseguireis da Cidade*

em Cidade, a fim de que todo o sangue  
 innocente que tem sido derramado so-  
 bre a terra, caia sobre vós, depois do  
 sangue do Justo Abel, até o de Za-  
 charias, filho de Barabias a quem  
 matastes entre o Templo, e o Altar.  
 Eu vos digo na verdade, todas estas  
 coujas virão sobre a familia que está  
 presente. Jerusalem, Jerusalem, que  
 matas aos Profetas, e que apedrejas  
 aquelles que te são mandados, quan-  
 tas vezes tenho eu querido ajuntar os  
 teus filhos como buma gallinha ajunta  
 os seus pintos debaixo das suas azas,  
 e tu não o tens querido? Chega o tem-  
 po em que as vossas casas ficarão de-  
 sertas.

Ex aqui a historia dos Judeos.  
 Elles tem perseguido o seu Messias  
 na sua pessoa, e na dos seus: tem  
 abalado todo o mundo contra os seus  
 Discipulos, e não os tem deixado  
 em socego em alguma Cidade: tem  
 armado os Romanos, e os Impera-  
 dores contra a Igreja nascente; ape-  
 drejárao a Santo Estevão, matárao  
 aos dous S. Tiagos, aos quaes a sua  
 santidade constitua veneraveis até  
 entre elles, sacrificárao a S. Pedro,  
 e a S. Paulo pela espada, e pelas  
 mãos

mãos dos Gentios. *H*er eis o que todos morraõ. Tanto fangue misturado com o dos Profetas, a quem elles matáraõ, grita vingança diante de Deus: *as suas casas, e a sua Cidade vai ser deserta: a sua desolação não será menor que o crime; Jesus Christo os advertio delle; o tempo está próximo: todas estas cousas virão sobre a familia que está presente; e ainda esta geração não passará sem que estas cousas aconteçaõ, isto he, que os homens que entaõ viviaõ dellas deviaõ ser as testemunas.*

*Matth: XXIV.*

*34.*

*Marc:*

*XIII. 30.*

*Luc. XIX*

*32.*

Mas ouçamos a continuação das predicções do nosso Salvador. Como fazia a sua entrada em Jerusalem, alguns dias antes da sua morte, compadecido dos males que esta morte devia attrahir para esta infeliz Cidade, elle a vê chorando: *ah, diz elle, Cidade desgraçada, se tu comprecesses ao menos naquelle dia, que ainda te he dado para te arrependeres, o que te poderia trazer a paz! Mas agora tudo isto se occulta aos teus olhos. Virá tempo em que os teus inimigos te cercarão com trincheiras, e te fecharão, e te encerrarão de todas*

*Luc. XIX. 41.*

das as partes, e te destruirão inteiramente a ti, e a teus filhos, e não deixarão em ti pedra sobre pedra; porque não tens conhecido o tempo em que Deus te visitou.

Era isto assinalar assás claramente a maneira do sitio, e os ultimos effeitos da vingança. Mas não devia Jesus Christo ir ao supplicio sem annunciar a Jerusalem quanto seria algum dia castigada do indigno tratamento que lhe fazia. Como hia para o Calvario levando sobre os seus hombros a sua Cruz, era seguido de huma grande multidão de povo, e de mulheres, que batiaõ nos peitos, e choravaõ a sua morte. Pateou; voltou-se para ellas, e lhes disse estas palavras: Filhas de Jerusalem não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas, e sobre vossos filhos; porque he chegado o tempo, no qual se dirá: felices as estereis! Felices as entranhas que não tem trazido filhos, e os peitos que não os têm sustentado! começaráõ então a dizer aos montes, cabi sobre nós; e aos oiteiros, cobri-nos. Porque se o madeiro verde he assim tratado, como o será o secco? Se o innocente, se o justo soffre hum  
taõ

Luc.  
XXIII.  
27.

taõ rigoroso castigo, que devem esperar os culpados?

Jeremias jámais chorou mais amargamente a perda dos Judeos? Que palavras mais fortes podia empregar o Salvador para lhes fazer conhecer as suas desgraças, e a sua exasperaçãõ, e aquella horrivel fome funesta aos filhos, funesta ás mãis que viãõ seccar-se os seus peitos, que naõ tinhaõ mais que lagrimas para darem a seus filhos, e que commessem o fructo das suas entranhas?

**CAPITULO XXII.**

*Duas memoraveis predicções de Nosso Senhor são explicadas, e o seu cumprimento he justificado pela Historia.*

**T**As são as predicções que elle tem feito a todo o Povo. As que fez em particular a s seus Discipulos, ainda merecem mais attenção. Ellas são comprehendidas naquelle longo, e admiravel discurso, em que ao mesmo tempo ajunia a

L rui-



ruina de Jerusaleem com a do mundo. Este ajuntamento não he sem mysterio, e ex-aqui o seu designio.

*Matth. XXIV.*  
*Marc. XIII.*  
*Luc. XXI.* Jerusaleem, Cidade bemaventurada que o Senhor havia escolhido, em quanto persistio na Alliança, e na fé das promessas, foi a figura da Igreja, e a figura do Ceo, no qual Deos se deixa ver aos seus filhos.

Por esta razão he que vemos muitas vezes os Profetas ajuntarem na continuação do mesmo discurso o que respeita a Jerusaleem, ao que respeita á Igreja, e ao que respeita á Gloria celeste. Este he hum dos segredos das Profecias, e huma das chaves que abrem a sua intelligencia: mas Jerusaleem reprovada, e ingrata para com o seu Salvador, devia ser a imagem do Inferno. Os seus perversos Cidadãos deviaõ representar os condemnados; e o juizo terrivel que Jesus Christo devia exercitar sobre elles, era a figura do que exercitará sobre todo o mundo, quando vier no fim dos seculos na sua Magestade, julgar os vivos, e os mortos. Este he hum costume da Escriptura, e hum dos meios de que se serve para imprimir os Mysterios nos corações,

ções, misturar para nossa instrucção a figura com a verdade, assim Nosso Senhor misturou a historia de Jerusaleem desfolada com a do fim dos seculos; e isto he o que apparece no discurso de que fallamos.

Não julgemos com tudo, que estas cousas sejaõ de tal modo confundidas, que não possamos discernir o que pertence a huma, e a outra. Jesus Christo as distinguio por caracteres certos, que eu poderia facilmente affinalar, se nisto houvesse questaõ. Mas basta fazer conhecer a V. Altezaõ que diz respeito á desfolaçãõ de Jerusaleem, e dos Judeos.

Os Apostolos (isto era ainda no tempo da Paixãõ) congregados ao redor de seu Mestre lhe mostravaõ o Templo, e os edificios circumvizinhos: admiravaõ as suas pedras, a ordenaçãõ, a belleza, a solidez; e elle lhes diz: *vedes vós estes grandes edificios? Não ficará pedra sobre pedra.* Admirados desta palavra, lhe perguntãõ o tempo de hum taõ terrivel successo; e elle que não queria que elles fossem sorprendidos em Jerusaleem quando ella fosse liqueada,

Matth.  
XXIX.  
Luc.  
XXI.

Matth.  
XXIV.  
1. 2.

Marc.  
XIII. 2.  
Luc. XXI.  
5. 6.

( porque queria que houvesse no fa-  
que desta Cidade huma imagem da  
ultima separaçã dos bons , e dos  
mãos ) começou a contar-lhes todas  
as desgraças como deviaõ acontecer  
huma depois da outra.

*Matth.*  
*XXIV. 7.*

*Marc.*  
*XIII. 8.*  
*Luc. XXI*  
*9.*

*Matth.*  
*XXIV.*  
*6. 7.*

*Marc.*  
*XIII. 7.*  
*Luc. XXI*  
*9. 10.*

Primeiramente affinala-lhes *as*  
*pestes , as fomes , e os terremotos , e*  
os Historiadores portã por fé , que  
jámais estas cousas haviaõ sido mais  
frequentes , nem mais notaveis do  
que o foraõ durando estes tempos.  
Accrescenta , que haveria por todo  
o mundo *desordens , motins de guer-*  
*ra , guerras sanguinolentas ; que to-*  
*das as Nações se sublevariaõ humas*  
*contra as outras.* E que se veria to-  
da a terra em agitaçã , e podia elle  
melhor representar-nos os ultimos  
annos de Nero ; quando todo o Im-  
perio Romano , isto he , todo o mun-  
do , taõ locegado depois da victoria  
de Augusto , e debaixo do poder dos  
Imperadores , começou a abalar-se ,  
e quando se vio as Gallias , as Hel-  
panhas , todos os Reinos , dos quaes  
o Imperio era composto , moverem-  
se de repente , quatro Imperadores  
levantarem-se quasi no mesmo tempo  
contra Nero , e huns contra os ou-  
tros :

tros: os Esquadrões Prétoriannos,  
 os exercitos da Syria, da Germa-  
 nia, e todos os outros que estava  
 espalhados no Oriente, e no Occi-  
 dente, entre si combaterem, e atra-  
 vessarem-se, debaixo do comman-  
 damento dos seus Imperadores, de  
 huma extremidade do mundo á ou-  
 tra, para decidirem a sua querella  
 por sanguinolentas batalhas? Ex. aqui  
 os grandes males, diz o Filho de  
 Deos; *mas isto não será ainda o fim.*  
 Os Judeos soffrerão como os outros  
 nesta commoção universal do mun-  
 do; mas logo depois lhe vierão males  
 mais particulares, e *isto aqui não se-  
 rá mais que o principio das suas dores.*  
 Accrescenta, que a sua Igreja,  
 sempre afflicta desde o seu estabele-  
 cimento veria, durando estes tem-  
 pos, accender-se contra ella a perse-  
 guição mais violenta que nunca.  
 Tem visto V. Alteza, que Nero nos  
 seus primeiros annos, emprendeo a  
 perda dos Christãos, e fez morrer a  
 S. Pedro, e a S. Paulo. Esta perse-  
 guição excitada pelos zelos, e vio-  
 lencias dos Judeos, adiantava a sua  
 perda, mas ainda não affinalava o  
 seu termo preciso.

d. v. l. v.  
 T. XIX  
 111K  
 Matt. 24  
 XXIV. 6. 8.  
 Marc. 13  
 XIII. 8.  
 Luc. XXI  
 9.  
 Matt. 24  
 XXIV. 9.  
 Marc.  
 XIII. 9.  
 Luc. XXI  
 12.

A vinda dos falsos Christos, e dos falsos Profetas parecia ser hum mais proximo encaminhamento para a ultima ruina: porque o destino ordinario dos que recusaõ dar ouvidos á verdade, he serem arrastados para a sua perda por Profetas enganadores. Jesus Christo naõ occulta aos seus Apostolos que esta desgraça aconteceria aos Judeos. *Levantar-se-  
ba*, diz elle, *hum grande numero de falsos Profetas, que enganarãõ muita gente; e tambem tomari sentido nos falsos Christos, e nos falsos Profetas.*

*Matth.**XXIV.**11.23.24.**Marc.**XIII. 22.**23.**Luc.**XXI. 8.*

Naõ se diga que isto era huma cousa facil para advinhar a quem conhecia o humor da naçaõ: porque pelo contrario eu tenho mostrado a V. Alteza, que os Judeos desgostosos destes impostores, que por tantas vezes haviaõ causado a sua ruina, e principalmente no tempo de Sedecias, de tal modo se haviaõ delles desabusado, que cessaraõ de os ouvir. Mais de 500. annos se passaraõ sem que apparecesse algum falso Profeta em Israel. Mas o Inferno que os inspira, se despertou na vinda de Jesus Christo; e Deos que sustem a reia, em quanto lhe pa-  
re-

rece, dos espiritos enganadores, lhe  
 larga a mão a fim de enviar no mes-  
 mo tempo este castigo aos Judeos,  
 e esta experiencia aos seus fieis. Nun-  
 ca apparecerão tantos falsos Profetas  
 como nos tempos que se seguirão á  
 morte de Nosso Senhor. Sobre tudo *Joseph.*  
 perto do tempo da guerra Judaica, *ant. XX.*  
 e reinando Nero que a começou. Jo- *6 de bell.*  
 sepho nos mostra huma infinidade *II. 23.*  
 destes impostores, que attrahião o  
 povo para o deserto por vaõs encan-  
 tamentos, e segredos de Magica,  
 promettendo-lhes hum prompto, e  
 milagroso livramento. Por esta razaõ  
 tambem he que o deserto he assigna-  
 lado nas predicções de Nosso Senhor *Matth.*  
 como hum dos lugares aonde vivi- *XXIV.*  
 rião escondidos estes falsos liberta- *16.*  
 dores, que V. Alteza tem visto por  
 fim arrastarem o povo para a sua ulti-  
 ma ruina. Póde V. Alteza crer que  
 o nome de Christo sem o qual não ha  
 livramento perfeito para os Judeos,  
 estava misturado nas promessas ima-  
 ginarias, e verá adiante de que se  
 convencer.

A Judéa não foi a unica Provin-  
 cia exposta a estas illuções. Ellas fo-  
 raõ commuas em todo o Imperio.

Não ha tempo algum em que todas as historias não fação apparecer hum maior numero destes impostores, que se jaclão de advinharem o futuro, e enganão os povos com as suas ilusões. Hum Simão Magico, hum Elymas, hum Apoloniô Tyaneo, hum numero infinito de outros encantadores de que se faz menção nas historias Santas, e profanas, se levantãrão durante este seculo, no qual o Inferno parecia fazer os seus ultimos esforços para suster o seu Imperio abalado. Por esta razão he que Jesus Christo assignala neste tempo, principalmente entre os Judeos, aquelle numero extraordinario de falsos Profetas. Quem reflectir nas suas palavras, verá que elles se devião multiplicar antes, e depois da ruina de Jerusalem, mas nestes tempos; e que então seria que a sedueção, fortificada por falsos milagres, e falsas doutrinas, seria ao mesmo tempo tão subtil, e poderosa, que os mesmos escolhidos, se fosse possível, abiterião cabido.

Não digo que no fim dos seculos não deva tambem acontecer alguma cousa semelhante, e mais perigosa;

po-

*Matth.*  
XXIV.

14.

*Marc.*

XIII. 22.

pois que mesmo vimos de ver, que o que se passa em Jerusaleem he a figura manifesta daquelles ultimos tempos: mas he certo, que Jesus Christo nos deo esta sedueção, como hum dos effeitos sensiveis da colera de Deos sobre os Judeos, e como hum dos sinaes da sua perda. O successo justificou a sua Profecia: tudo aqui he attestado por testemunhas irreprehensiveis. Nós lêmos a predicção dos seus erros no Evangelho: nós vemos o seu cumprimento nas suas historias, e principalmente na de Josepho.

Depois que Jesus Christo predisse estas cousas com o designio que tinha de tirar os seus das desgraças de que Jerusaleem estava ameaçada, volta para os sinaes proximos da ultima desolação desta Cidade.

Deos não dá sempre aos seus escolhidos, semelhantes sinaes. Naquelles terriveis castigos que fazem sentir o seu poder ás Nações inteiras, muitas vezes fere o Justo com o culpado: porque tem melhores meios de os separar do que aquelles que apparecem aos nossos sentidos. Os mesmos golpes que quebrão a palha



*Aug. 1. de  
Civ. Dei  
c. 8.*

separaõ o bom grãõ, o ouro se purifica no mesmo fogo em que a palha he consumida, e debaixo dos mesmos castigos, pelos quaes os mãos saõ extirminados, os fieis se purificaõ. Mas na desfolaçãõ de Jerusaleem, a fim de que a imagem do Juizo final fosse mais expressa, e a vingança Divina mais assinalada sobre os incredulos, naõ quiz que os Judeos, que haviaõ recebido o Evangelho, fossem confundidos com os outros, e Jesus Christo deo a seus Discipulos finaes certos, pelos quaes podessem conhecer, quando seria o tempo de sahirem daquella Cidade reprovada. Fundou-se, segundo o seu costume, sobre as antigas Profecias, das quaes era o interprete do mesmo modo que o fim; e tornando a passar pelo lugar aonde a ultima ruina de Jerusaleem foi mostrada tão claramente a Daniel, disse estas palavras: quando vós vires a abominação da desfolaçãõ que Daniel tenh profetizado, aquelle que le entenda; quando a vires estabelecida no lugar santo, ou como se acha em S. Marcos, no lugar, em que ella naõ deve estar, entãõ os que estaõ na Judea

*Matth.  
XXV. 13.*

*N. ro.  
A III. 14.  
Luc. XXI.  
2c. 21.*

*fr.*

fujão para os montes. S. Lucas conta a mesma cousa em outros termos: Quando vives os exercitos rodearem a Jerusaleem, sabei que a desfolação se aproxima; então os que estão na Judea, se retirem para o montes.

Hum dos Evangelistas explica o outro; e conferindo estes lugares, nos he facil perceber, que esta abominação profetizada por Daniel, he o mesmo, que os exercitos ao redor de Jerusaleem. Os Santos Padres o tem assim entendido, e a razão d'isto nos convence.

A palavra abominação no uso da lingua santa significa Idolo: e quem não sabe, que os exercitos Romanos traziaõ nas suas insignias as imahens dos seus Deoses, e dos seus Cesares, que eraõ os mais respeitadõs de todos os seus Deoses? Estas insignias eraõ para os soldados hum objecto de culto; e porque os Idolos, segundo as ordens de Deus, não deviaõ ja mais apparecer na terra santa, as insignias Romanas eraõ della banidas. Tambem vemos nas historias que tanto que ficáraõ os Romanos pouco consideraveis para com os Judeos, ja mais fizeraõ apparecer as

Orig. Tr.  
29. in  
Matth.  
Aug. Ep.  
80. ad Hebr.  
Iych.

81128  
XX  
111-6  
XX. ou I  
12. 28

*Joseph. 31*  
*ant. 8.2.7.* insignias Romanas na Judéa. Por ic-  
to he que Vitelio, quando passou  
por aquella provincia para ir fazer a  
guerra a Arabia, fez marchar as su-  
as tropas sem insignias, porque ainda  
então se venerava a Religião Judai-  
ca, e não se queria obrigar aquelle  
povo a soffrer cousas tão contrarias  
á sua Lei. Mas no tempo da ultima  
guerra Judaica, pôde-se bém crer  
que os Romanos não poupavam hum  
povo que querião destruir. Assim  
quando Jerusalem foi sitiada, e era  
cercada de tantos Idolos, como ha-  
via de insignias Romanas, era abomi-  
nação não appareceo jamais tanto  
*aonde não devia estar*, isto he, na  
terra santa, e ao redor do Tem-  
plo.

He este pois, se dirá, aquelle  
grande final que Jesus Christo devia  
dar? Era o tempo de fugir quando  
Tito sitiou a Jerusalem, e com tan-  
to aperto fechou as suas entradas,  
que não havia meio algum de esca-  
par? Aqui he que está a maravilha  
da Profecia. Jerusalem foi sitiada

*Joseph. 2.*  
*de bell.*  
*Jud. c. 23.*  
*24.* duas vezes nestes tempos: a pri-  
meira por Cestio Governador da Sy-  
ria, no anno de 68. de Nosso Se-  
nhor;

nhor: a segunda por Tito quatro *Ibid. lib.*  
 annos depois, isto he, no anno de *c. 76. 111*  
 72. No ultimo sitio não havia mais  
 meio de se salvar. Tito fazia esta  
 guerra com muito ardor; surprendeo  
 toda a nação fechada em Jerusalem  
 durante a festa da Pascoa; sem que  
 pessoa alguma escapasse, e aquella  
 horrivel circumvalação, que fez ao  
 redor da Cidade, não deixava es-  
 perança alguma aos seus habitantes;  
 Mas nada havia semelhante no sitio  
 de Cestio; estava acampado em dis- *Joseph.*  
 tancia de 50. estádios, isto he, de *lib. 2. c.*  
 seis milhas de Jerusalem. O seu ex- *23. 24.*  
 ercito se espalhava todo ao redor,  
 mas sem ahi formar trincheiras: e  
 fazia a guerra tão negligentemente,  
 que não se aproveitou da occasião  
 de tomar a Cidade, da qual o ter-  
 ror, as sedicções, e até as suas in-  
 telligencias lhe abrião as portas. Nes-  
 te tempo, ainda que o retiro fosse  
 impossível, a historia assegura ex-  
 pressamente, que muitos Jude-  
 os se retiráão. Então he que era *Joseph.*  
 preciso sair; este era o sinal, que *ibid.*  
 o Filho de Deos dava aos seus. Tam-  
 bem distinguio elle clarissimamente  
 os dous sitios: hum em que a Cida- *Luc. 19.*  
 de *41.*

de feria rodeada de fossos, e de fortalezas, não haveria mais que morte para todos os que nella estivessem fechados: outro em que seria sómente cercada pelo exercito, e antes investida, do que formalmente sitiada, então he que era preciso fugir, e retirar-se para os montes.

Luc. 21.  
20. 21.

Euseb. 3.  
Hist. Ecel.  
c. 5.  
Epiph.  
har. 7.  
Nazareni  
& lib. de  
pond. &  
mens.

Os Christãos obedecerão á palavra de seu Mestre. Aindaque delles houvesse milhares em Jerusalem, e na Judéa, não lemos, nem em Josepho, nem em outros Historiadores, que se haja achado algum na Cidade, quando foi tomada. Pelo contrario, he constante pela historia Ecclesiastica, e por todos os monumentos dos nossos antepassados, que se retiráram para a pequena Cidade de Pella, em hum paiz de montes vizinho do deserto, nos confins da Judéa, e da Arabia.

Por isto se póde conhecer quanto precisamente elles havião sido advertidos; e nada ha mais notavel que esta separação dos Judeos incredulos dos Judeos convertidos ao Christianismo, huns ficando em Jerusalem, para ahi padecerem o casti-

tigo da sua infelicidade, e os outros havendo-se retirado, como Lot sahido de Sodoma, para huma pequena Cidade: aonde consideravão com tremor os effeitos da vingança Divina, que Deos havia sido servido livrallos.

Além das predicções de Jesus Christo, houve as predicções de muitos dos seus Discipulos; entre outras a de S. Pedro, e a de S. Paulo. Como se arrastava para o supplicio aquellas duas fieis testemunhas de Jesus Christo resuscitado, elles denunciaraõ aos Judeos, que os entregavaõ aos Gentios, a sua perda proxima: elles lhes disseraõ, que *Jerusalem* *seria totalmente destruida, que elles morreriaõ de fome, e de desesperação, que para sempre seriaõ desterrados da terra de seus pais, e postos em cativeiro por toda a terra; que o termo não estava longe, e que todos estes males lhes succederiaõ por haverem insultado com tão cruéis zombarias ao muito amado Filho de Deos, que se havia declarado a seu favor por meio de tantos milagres.* A piedosa antiguidade nos conferyou esta predicção dos Apostolos, que devia ser

*Phleg. lib.  
13. & 14.  
Chron. a-  
pud Orig.  
lib. 2. cont.  
eles.*

fer seguida de hum taõ prompto cumprimento. S. Pedro havia feito outras muitas, ou por huma inspiraçaõ particular, ou explicando as palavras de seu Mestre, e Phlegon, author pagaõ, cujo testemunho produz Origines, escreveu, que tudo o que aquelle Apostolo havia prediõto, se havia cumprido inteiramente.

Assim nada acontece aos Judeos que naõ lhes haja sido profetizado. A causa da sua desgraça nos he claramente affinalada no desprezo, que tem feito de Jesus Christo, e dos seus Discipulos. O tempo das graças era passado, e a sua perda era invencivel.

Era pois em vaõ, Serenissimo Senhor, que Tito queria salvar Jerusalem, e o Templo. A sentença tinha vindo do Ceo; e naõ devia ahi ficar pedra sobre pedra. Se hum Imperador Romano em vaõ intentou impedir a ruina do Templo, outro Imperador Romano ainda mais em vaõ empredeo restabelecello. Juliano o Apostata, depois de haver declarado a guerra a Jesus Christo, se julgou sufficientemente poderoso pa-

ra anniquilar as suas predicções. No intento que tinha de sulcitar de todas as partes inimigos aos Christãos, abaixou-se até a procurar os Judeos, que eraõ o refugio do mundo. Elle os excitou para reedificarem o seu Templo; deo-lhes sommas immensas, e lhes assistio com toda a força do Imperio. Ouvi qual foi o successo, e vede como Deos confunde os Princes soberbos. Os Santos Padres, e os Historiadores Ecclesiasticos, o referem de hum commum acordo, e o justificaõ pelos monumentos, que restavaõ ainda no seu tempo. Mas era preciso que isto fosse attestado pelos mesmos Pagaõs. Ammiano Marcelino, Gentio de Religiaõ, e zeloso defensor de Juliano, o contou nestes termos: *Em quanto Ali-<sup>Ibid.</sup>pio ajudado pelo Governador da Provincia, adiantava a obra, quanto lhe era possível, terriveis globos de fogo sabirãõ dos fundamentos, que tinãõ antecedentemente abalado por impulsos violentos; os Artifices, que tornãraõ a começar muitas vezes a obra, foraõ queimados por diversas occasiões; e o lugar veio a ser inacessivel, e a empresa cessou.*

Os



Orat. 3.  
in Judæ-  
43.

Os Authores Ecclesiasticos mais exactos em representarem hum successo tão memoravel, ajuntão o fogo do Ceo ao fogo da terra. Mas em fim, a palavra de Jesus Christo ficou firme. S. João Chrysoftomo exclama: elle fundou a sua Igreja sobre a pedra, nada a tem podido derribar; lançou por terra o Templo; nada o tem podido levantar; *ninguem póde abater o que Deos levanta; ninguem póde levantar o que Deos abate.*

Não fallemos mais de Jerusalem, nem do Templo. Lancemos os olhos sobre o mesmo povo, em outro tempo povo vivo de Deos, e agora o objecto do seu odio. Os Judeos são mais abatidos, que o seu Templo, e que a sua Cidade. O Espirito da verdade não vive mais entre elles; a Profecia ahí he extinta; as promessas, sobre as quaes fundavão a sua esperança, são desvanecidas; tudo he destruido neste povo, e não fica ahí pedra sobre pedra.

E vede até que ponto são entregues ao seu erro: Jesus Christo lhes havia dito: *Eu vim para vós em nome de meu Pai, e vós não me tendes*

re-

recebido ; outro virá em seu nome ,  
 e vós o recebereis. Desde este tempo  
 o espirito da seducção reina de tal  
 modo entre elles , que ainda estão  
 promptos para se lhe entregarem a  
 cada instante. Não era bastante que  
 os falsos Profetas houvessem entregado  
 a Jerusaleem entre as mãos de  
 Tito , os Judeos ainda não eram banidos  
 da Judéa , e o amor que tinham  
 a Jerusaleem havia obrigado a muitos  
 a escolherem a sua morada entre as  
 suas ruinas. Ex-aqui hum falso Christo ,  
 que vai acabar de os perder. Cincoenta  
 annos depois da tomada de Jerusaleem ,  
 no seculo da morte de Nosso Senhor ,  
 o infame Borchochebas , hum ladrao ,  
 hum facinoroso , porque o seu nome  
 significa o filho da estrella , se dizia  
 ser a Estrella de Jacob predicta no  
 livro dos Numeros , e se inculcou pelo  
 Christo. Akibas o mais authorizado  
 de todos os Rabinos , e ao seu exemplo  
 todos aquelles a quem os Judeos  
 chamavao seus sabios , entrarao no  
 seu partido , sem que o impostor lhes  
 desse outro algum final da sua  
 Missão , mais que Akibas dizia ,  
 que o Christo não podia tardar  
 muito.

*Num. 24.*

*17.*

*Euseb.*

*Hist. Eccl.*

*4. 6. 8.*

*Talm.*

*Hier.*

*tract. de*

*mui-*

*Jejun. &  
in vet.  
com. sup.  
Lam. Je-  
rem. Mai-  
monid. de  
Jure Reg.  
c. 12.  
2. Tess. 1.  
20.*

muito. Os Judeos se levantárao por todo o Imperio Romano debaixo da conducta de Barchochebas, que lhes promettia o Imperio do mundo. Adriano matou seiscentos mil; o jugo destes desgraçados se fez pezado, e para sempre foraõ banidos da Judea.

Quem naõ vê que o espirito da seducção se fez senhor do seu coração? O amor da verdade, que lhes trazia a salvação, nelles se extinguiu: Deos lhes havia mandado *buma efficacia de erro*, que os fazia dar credito á mentira. Naõ havia impostura taõ grosseira, que naõ os enganasse. Em os nossos dias hum impostor disse ser o Christo no Oriente: todos os Judeos começavaõ a congregar-se ao redor delle: nós os temos visto na Italia, na Hollanda, na Alemanha, e em Metz; prepararem-se para tudo venderem, para tudo largarem para o seguirem. Elles imaginavaõ ja que vinhaõ a ser os senhores do mundo, quando souberaõ que o seu Christo se havia feito Turco, e havia abandonado a Lei de Moysés.

## CAPITULO XXIII.

*A continuação dos erros dos Judeos ;  
e a maneira porque elles explicão  
as Profecias.*

**N**inguem se deve admirar, de que elles tenhaõ cahido em taes erros, nem de que a tempestade os haja feito naufragar depois que tem deixado a sua derrota. Este caminho lhes era assinalado nas suas Profecias, principalmente nas que davaõ a conhecer o tempo do Christo. Deixáraõ passar aquelles preciosos momentos sem se aproveitarem delles: por esta razaõ he que ao depois foraõ vistos entregues á mentira, e naõ sabem mais a que haõ de dar credito.

Dai-me ainda hum momento para vos referir a continuação dos seus erros, e todos os passos que tem dado para se affogarem no abyfmo. Os caminhos por onde tem andado errantes, tem sempre hum grande caminho, e considerando aonde o erro começou, caminha-se mais se-

guramente pela direita estrada.

Temos visto, Serenissimo Senhor, que duas Profecias assinalavaõ aos Judeos o tempo do Christo, a de Jacob, e a de Daniel. Ambas ellas assinalavaõ a ruina do Reino de Judá no tempo em que o Christo viria: mas Daniel explicava, que a total destruição deste Reino devia ser huma consequencia da morte do Christo: e Jacob dizia claramente, que na decadencia do Reino de Judá, o Christo, que viria então faria a *esperança dos povos*; isto he, que seria o seu Libertador, e que fundaria para si hum novo Reino composto, não de hum só povo, mas de todos os povos do mundo. As palavras da Profecia não podem ter outros sentidos, e era a tradiçãõ constante dos Judeos, que se deviaõ entender desta sorte.

Daqui vem aquella opiniaõ espalhada entre os antigos Rabinos, e que se vê ainda no seu Talmud, que no tempo em que o Christo viesse não haveria mais Magistratura: de sorte que nada shi havia mais importante para conhecerem o tempo do seu Messias, do que observarem quan-

Gen. Tr.  
Sanbed.  
c. 11.

quando elles cahirão neste estado  
infeliz.

Com effeito elles haviaõ bem co-  
meçado; e senão tivessem tido o co-  
ração occupado das grandezas mun-  
danas, que querião achar no Mes-  
sias, a fim de terem parte nellas de-  
baixo do seu Imperio, não terião  
podido desconhecer a Jesus Christo.  
O fundamento que haviaõ posto era  
certo; porque logo que a tyrannia  
do primeiro Herodes, e a mudança  
da Republica Judaica, que aconte-  
ceo no seu tempo, lhes fez ver o  
momento da decadencia assignalada  
na Profecia, não duvidáram que o  
Christo devesse vir, e que viesse  
benzendo aquelle novo Reino, em  
que se deviaõ reunir todos os po-  
vos.

Huma das cousas, em que elles  
reflectiram he, que o poder da vida,  
e da morte lhes foi tirado. Era isto  
hum grande mudança, pois que el-  
le lhes havia sido conservado até en-  
tão, a qualquer dominação que fos-  
sem sujeitos, e até na Babilonia du-  
rante o seu cativoiro. A historia de  
Susanna o faz sufficientemente ver,  
e isto he hum tradição constante

*Talm. Hie-  
rosol. Sa-  
nbed.*

*Dan. 13*

*x. Efd. 7.  
25. 26.*

entre elles. Os Reis da Persia, que os restabelecerão, lhes deixaráo este poder por hum Decreto expresso, que temos visto no seu lugar; e temos visto tambem, que os primeiros Seleucides haviaõ antes augmentado que restringido os seus privilegios. Não necessito de fallar aqui ainda outra vez do reinado dos Machabeos, no qual foraõ não sómente libertados, mas poderosos, e formidaveis aos seus inimigos. Pompeo, que os enfraqueceo pela maneira que temos visto, contente com o tributo, que lhes impoz, e com os pôr em estado em que o povo Romano em occasiaõ de necessidade se podesse servir delles, lhes deixou seu Principe com toda a jurisdicção. Sabe-se affaz, que os Romanos usavaõ delles affim, e não tocavaõ no governo interior em os paizes, aos quaes deixavaõ seus Reis naturaes.

Em fim, os Judeos convém, em que perderão aquelle poder de vida, e de morte, sómente quarenta annos antes da dessolação do segundo Templo: e não se póde duvidar, que seja o primeiro Herodes quem tenha começado a fazer esta chaga á sua  
li-

liberdade. Porque depois que para se vingar do Sanhedrino, aonde havia sido obrigado a comparecer pessoalmente antes que fosse Rei, e depois para adquirir toda a authoridade para si só, teve atacado esta Assembleia, que era como o Senado fundado por Moysés, e o Conselho perpetuo da Nação, no qual se exercitava a suprema jurisdicção, pouco a pouco este grande corpo perdeu o seu poder, e bem pouco lhe restava delle quando Jesus Christo veio ao mundo. Os negocios foram a peior governando os filhos de Herodes, quando o Reino de Archeláu, do qual Jerusalem era a Capital, reduzido a Provincia Romana, foi governado pelos Presidentes, que os Imperadores mandavam. Neste infeliz estado, os Judeos usaram tão pouco do poder de vida, e de morte, que para fazerem morrer a Jesus Christo, a quem por qualquer preço que fosse queriam matar, lhes foi preciso recorrerem a Pilatos; e este fraco Governador tendo lhes dito, que elles mesmos o matasem, lhe responderam todos de huma voz: *Nós não temos o poder de matar a*

*Josepb. ant. 14.*

*17.*

*Joan. 18.*

M

*pes- 31.*



*Act. 12. 1.* *2. 3.* *peſſoa alguma.* Tambem foi pelas  
 mãos de Herodes que fizeram morrer  
 a S. Tiago, irmão de S. Joaõ, e que  
*Act. 18.* *24.* puzeram a S. Pedro na prizaõ. Quan-  
 do tiveraõ resolvido a morte de S.  
 Paulo, elles o entregáraõ entre as  
 mãos dos Romanos, como haviaõ  
 feito a Jesus Christo; e o voto sacri-  
 lego dos ſeus falſos zelosos, que ju-  
 ráraõ naõ beberem, nem comerem  
 até que tivessem morto eſte Santo  
 Apoſtolo, bem mostra que elles ſe  
 julgavaõ deſcahidos do poder de o  
 fazerem morrer juridicamente. Se  
*Act. 7.* *56. 57.* elles apedrejáraõ a Santo Eſtevaõ,  
 foi tumultuariamente, e por hum  
 effeito daquelles furores ſedicioſos,  
 que os Romanos naõ podiaõ ſempre  
 reprimir naquelles, que ſe diziaõ  
 entaõ os zeladores. Deve-ſe logo ter  
 por certo, tanto por eſtas Hiſtorias,  
 como pelo conſentimento dos Ju-  
 deos, e pelo eſtado dos ſeus nego-  
 cios, que para os tempos de noſſo  
 Senhor, e ſobre tudo nos em que  
 começou a exercer o ſeu miniſterio,  
 elles perderaõ inteiramente a autho-  
 ridade temporal. Naõ poderáõ ver  
 eſta perda ſem ſe lembrarem do an-  
 tigo Oraculo de Jacob, que lhes  
 pre-

predizia, que no tempo do Messias  
 não haveria mais entre elles, nem  
 poder, nem authoridade, nem ma-  
 gistratura. Hum dos seus mais anti-  
 gos Authores o nota, e tem razão  
 para confessar, que o Sceptro não  
 estava entã mais na Judéa, nem a  
 authoridade nos Chefes do povo;  
 pois que o poder publico lhes era  
 tirado, e o Sanhedrino era degrada-  
 do, os membros deste grande corpo  
 não eraõ mais considerados como  
 Juizes, mas como simples Douto-  
 res. Assim, segundo elles mesmos,  
 era o tempo em que o Christo appa-  
 receo. Como viaõ este final certo da  
 proxima chegada deste novo Rei,  
 cujo Imperio devia extender-se so-  
 bre todos os povos, elles creraõ que  
 com effeito elle hia apparecer. Esta  
 fama se espalhou pelas vizinhanças,  
 e todo o Oriente foi persuadido,  
 que se não passaria muito tempo sem  
 ver sahir da Judéa aquelle que rei-  
 naria sobre toda a terra.

Tacito, e Suetonio referem esta  
 fama como estabelecida por huma  
 opiniaõ constante, e por hum anti-  
 go Oraculo, que se achava nos li-  
 vros Sagrados do povo Judaico. Jo-

*Tract.  
 voc. mag-  
 na Gen.  
 seu com.  
 in Gen.*

*Suet. Vesp-  
 pas. Tacit.  
 lib. V. hist.  
 c. 1.*

*Joseph. de  
bell. Jud.  
7. 12. He-  
gesip. de  
Excid.  
Jerem. V.  
44.*

Josepho recita esta Profecia nos mes-  
mos termos, e diz como elles, que  
ella se achava nos santos Livros. A  
authoridade destes livros, cujas pre-  
dicções se tinha visto tão visivel-  
mente completas em tantas occa-  
sões, era grande em todo o Orien-  
te, e os Judeos mais attentos que  
os outros em observarem as conjun-  
cturas, que eraõ principalmente es-  
criptas para sua instrucção, reco-  
nheceraõ o tempo do Messias, que  
Jacob havia assinalado na sua deca-  
dencia. Assim as reflexões que fize-  
raõ sobre o seu estado foraõ justas;  
e sem se enganarem sobre o tempo  
do Christo, conhecerã que devia  
vir no tempo em que com effeito  
veio. Mas ó fraqueza do coração  
humano, e vaidade, fonte inevita-  
vel da cegueira! a humildade do  
Salvador occultou a estes soberbos  
as verdadeiras grandezas, que de-  
viaõ procurar no seu Messias. Que-  
riaõ que este fosse hum Rei similhan-  
te aos Reis da terra. Por esta razaõ  
he que os lisongeiros do primeiro  
Herodes, cegos da grandeza, e da  
magnificencia deste Principe, que  
todo tyranno como elle era, não dei-

*Epiph.  
lib. 1. her.  
21. Hero-  
dian.*

xou de enriquecer a Judéa, differaõ que elle mesmo era aquelle Rei taõ promettido. Isto he tambem o que deo lugar á Seita dos Herodianos, dos quaes se tem fallado tanto no Evangelho, e que os Pagãos tem conhecido; pois que Perlio, e o seu Escoliastes nos ensinaõ, que ainda no tempo de Nero, o nascimento do Rei Herodes era celebrado pelos seus Seclarios com a mesma solemnidade que o Sabbado. Josepho cahio em hum semelhante erro. Este homem instruido, como diz elle mesmo, nas Profecias Judaicas, como sendo Sacerdote, e descendente da familia Sacerdotal, reconheceo na verdade, que a vinda deste Rei promettido por Jacob, convinha ao tempo de Herodes, aonde elle mesmo nos mostra com tanto cuidado hum principio manifesto da ruina dos Judeos; mas como naõ vio nada na sua nação que enchesse aquellas ambiciosas idéas que ella tinha concebido do seu Christo, levou hum pouco mais adiante o tempo da Profecia; e applicando-a a Vespasiano, assegurou, que aquelle Oraculo da Escrip-  
tura significava aquelle Principe de-

Matth.  
22. 6.  
Marc. 3. 6.  
12. 13.  
Perf. &  
vet. sebol.  
Sat. V. 11.  
180.  
Joseph.  
de bell.  
Jud. 3. 14.

Lib. 3. de  
bell. Jud.  
14. 7. 12.

*clarado Imperador na Judéa.*

Assim he que elle voltava a Escripura para authorizar a sua lisonja cega, que transportava para os Estrangeiros a esperanza de Jacob, e de Judá, que procura em Vespasiano o filho de Abrahaõ, e de David, e attribuia a hum Principe Idolatra o titulo daquelle, cujas luzes deviaõ retirar os Gentios da Idolatria.

A conjunctura dos tempos o favorecia. Mas em quanto attribuia a Vespasiano o que Jacob havia dito do Christo, os zelosos, que defendiaõ a Jerusalem, o attribuiaõ a si mesmos. Sómente sobre este fundamento he que elles se promettiaõ o Imperio do mundo, como Josepho o conta, mais racionavel do que elle, em que ao menos elles naõ sahiaõ da naçaõ para procurarem o cumprimento das Profecias feitas a seus pais.

*Joseph.  
lib. VII.  
de bell.  
Jud.*

Como naõ abririaõ elles os olhos ao grande fructo que fazia desde entaõ, entre os Gentios, a prégação do Evangelho, e áquelle novo Imperador, que Jesus Christo estabelecia por toda a terra? Que cousa ha mais bella, que hum Imperio em  
que

que a piedade reinava, aonde o verdadeiro Deos triunfava da Idolatria, aonde a vida eterna era annunciada ás Nações infieis? e o mesmo Imperio dos Cesares não era huma vã pompa em comparação deste? Mas este Imperio não era sufficientemente brilhante aos olhos do mundo.

Quanto he preciso ser desabusado das grandezas humanas para conhecer a Jesus Christo! Os Judeos conheceraõ os tempos; os Judeos viaõ os povos chamados para o Deos de Abrahão, segundo o Oráculo de Jacob por Jesus Christo, e por seus Discipulos: e com tudo elles o desconheceraõ, aquelle Jesus que lhes era declarado por tantos sinais. E ainda que durante a sua vida, e depois da sua morte confirmou a sua Missão por tantos milagres, estes cegos o regeitáraõ, porque nelle não havia mais que a solida grandeza destituida de todo o apparatus, que penetra os sentidos, e porque vinha antes para condemnar que para co-roar a sua ambição cega.

E com tudo obrigados pelas conjuncturas, e circumstancias do tem-

po, a pezar da sua cegueira parecia algumas vezes fahir das suas prevenções. Tudo se dispunha de tal sorte no tempo de Nosso Senhor para a manifestação do Messias, que suspeitárao que S. Joáo Baptista bem o podia ser. O seu modo de vida austero, extraordinario, e pasmoso os penetrou; e por falta das grandezas do mundo, apparecerao querendo logo contentar-se com o resplendor de huma vida taõ prodigiõsa. A vida simples, e commua de Jesus Christo desgostou aquelles corações grosseiros do mesmo modo que soberbos, que naõ podiao ser cativados senaõ pelos sentidos, e que por outra parte distantes de huma conversação sincera, nada queriao admirar mais, que aquillo que viao como inimitavel. Desta sorte S. Joáo Baptista, que foi julgado digno de ser o Christo, naõ foi acreditado quando mostrou o Christo verdadeiro; e Jesus Christo, a quem se devia imitar quando nelle se cria, pareceo muito humilde aos Judeos para ser seguido.

Com tudo a impressaõ que tinhao concebido de que o Christo devia ap-

*Luc. XIII*

*15.*

*Joan. I.*

*19. 20.*

*ap. p. 10*

*m. 10*

apparecer neste tempo , era taõ forte , que persistio entre elles por mais de hum seculo. Elles creraõ , que o cumprimento das Profecias podia ter huma certa extençaõ , e naõ era sempre todo comprehendido em hum ponto preciso: de sorte que depois de cem annos naõ se fallava entre elles mais que dos falsos Christos , que se faziaõ seguir , e dos falsos Profetas , que os annunciavaõ. Os seculos precedentes nada tinhaõ visto semelhante ; e os Judeos naõ forã prodigos em darem o nome de Christo , nem quando Judas Machabeo alcançou sobre o seu tyranno tantas victorias , nem quando seu irmaõ Simaõ os libertou do jugo dos Gentios , nem quando o primeiro Hyrcano fez tantas conquistas. Os tempos , e os outros sinaes naõ convinhaõ ; e só no seculo de Jesus Christo he que se tem começado a fallar de todos estes Messias. Os Samaritanos , que liaõ no Pentatheuco a Profecia de Jacob , constituirã Christos do mesmo modo que os Judeos , e hum pouco depois de Jesus Christo , reconhecerã o seu Dositheo. Simaõ o Mago do mesmo paiz



*Matth. com. 14. in Joan. I. cont. Cels.* fe jaſtava tambem de ſer o Filho de Deos, e Menandro ſeu diſcipulo, dizia que era o Salvador do mundo. Desde a vinda de Jeſus Chriſto, a Samaritana tinha crido que o Meſſias vinha brevemente: tanto era conſtante em a nação, e entre todos aquelles que liaõ o antigo Oraculo de Jacob, que o Chriſto devia apparecer neſtas conjuncturas.

*Jer. I. 20. 21. Joan. IV. 25.* Quando o termo foi aſſim paſſado, de forte que não houve mais que esperar, e os Judeos tiveraõ viſto por experiencia, que todos os Meſſias que haviaõ ſeguido, em lugar de os tirarem dos ſeus males, não haviaõ feito mais que mergulhallos mais nelles, entaõ eſtiveraõ por muito tempo ſem que appareceſſe entre elles novos Meſſias, e Barchochebas he o ultimo que elles tem reconhecido por tal naquelles primeiros tempos do Chriſtianismo; mas a antiga impreſſaõ não foi inteiramente apagada. Em lugar de ererem que o Chriſto havia apparecido, como haviaõ feito ainda no tempo de Adriano, no dos Antoninos, ſeus ſucceſſores, elles ſe reſolveraõ a dizer, que o ſeu Meſſias

estava no mundo, posto que ainda não apparecesse, porque esperava o Profeta Elias, que o devia vir sagrar. Este discurso era commum entre elles no tempo de S. Justino; e achamos tambem no seu Talmud a doutrina de hum dos seus mais antigos mestres, que dizia, que o Christo tinha vindo segundo era expressado nos Profetas, mas que se conservava occulto em alguma parte em Roma entre os pobres mendicantes.

Hum tal loucura não pode entrar nos corações; e os Judeos contrangidos por fim a confessarem que o Messias não havia vindo no tempo em que elles tinham razão de o esperarem, segundo as suas antigas Profecias, cahiram em outro abysmo. Pouco foi preciso, para que renunciassem a esperança do seu Messias, que lhes faltava em o tempo; e muitos seguiram a hum famoso Rabino, cujas palavras se acham ainda conservadas no Talmud. Este vendo o termo passado de tão longe, concluiu, que os Israelitas não tinham mais Messias que esperar; porque lhes havia sido dado na pessoa do Rei Ezequias.

Justin.  
adv.  
Tryph.  
R. Juda:  
filius Le-  
vi. Gen.  
Sam. XI.

R. Hillai.  
ibid.  
Is. Abran.  
de Cap.

Na verdade esta opiniaõ em lugar de prevalecer entre os Judeos, entre elles tem sido detestada. Mas como nãõ conhecem mais nada nos tempos que lhes saõ affinalados pelas suas Profecias, e nãõ sabem por donde haõ de sahir deste labyrintho, fizeram hum Artigo de Fé daquella palavra, que lemos no Talmud: *todos os termos que eraõ affinalados para a vinda do Messias, saõ passados.* E pronunçiarãõ de hum commum acordo: *Malditos sejaõ aquelles, que calcularem os tempos do Messias, como se vê em huma tempestade, que tem desviado a nãõ muito longe do seu rumo, o piloto desesperado abandonar o seu calculo, e ir por donde a fortuna o leva.*

*Gen.  
Sanc. XI.  
Moses  
Maimon.  
in Epit.  
Talm. If.  
Abran. de  
cap. fidei.*

Depois deste tempo todo o seu estudo tem sido illudir as Profecias em que o tempo do Christo era affinalado. Cuidãõ em destruir todas as tradições de seus pais, com tanto que podessem tirar aos Christãos aquellas admiraveis Profecias; e chegarãõ até a dizer, que a de Jacob nãõ dizia respeito ao Christo.

*Gen. Tr.  
Sanc. c.  
XI.*

Mas os seus antigos livros os desmentem. Esta Profecia he entendi-  
da.

da do Messias no Talmud, e a maneira pela qual nós explicamos se acha nas suas Parafrases, isto he nos Commentarios os mais authenticos, e os mais respeitados que se achão entre elles.

*Paraph**Onkelos**Johanan**& Jerosol;**vide**Polyg.**Aug.*

Nós ali achamos em proprios termos que a casa, e o Reino de Judá, ao qual se devia reduzir algum dia toda a posteridade de Jacob, e todo o povo de Israel, produziria sempre *Juizes, e Magistrados* até á vinda do Messias, debaixo do qual se formaria hum Reino composto de todos os povos.

Este he o testemunho que davaõ até aos Judeos nos primeiros tempos do Christianismo os seus mais celebres Doutores, e os mais bem recebidos. A antiga tradiçãõ taõ firme, e estabelecida, naõ podia ser logo extinãta; e ainda que os Judeos naõ applicassem a Jesus Christo a Profecia de Jacob, naõ se tinhaõ ainda atrevido a negar que ella conviesse ao Messias. Naõ chegarãõ a este excessõ senãõ muito tempo depois, e quando, apertados pelos Christãos, tem por fim percebido que a sua propria tradiçãõ era contra elles.

Em

Em quanto á Profecia de Daniel na qual a vinda do Christo era comprehendida no termo de 490. annos a contar de; ois do vigesimo anno de Artaxerxes o Longimano : como este termo conduzia para o fim do quarto milenario do mundo , tambem era huma tradiçãõ muito antiga entre os Judeos , que o Messias appareceria perto do fim deste quarto milenario , e quasi dous mil annos depois de Abrahãõ. Hum Elias , cujo nome he grande entre os Judeos , ainda que este não seja o Profeta , havia assim ensinado antes do nascimento de Jesus Christo ; e a sua tradiçãõ se tem conservado no livro do Talmud. V. Alteza tem visto este termo cumprido na vinda de Nosso Senhor , pois que com effeito appareceo perto de dous mil annos depois de Abrahãõ , e perto do anno de 4000. do mundo. Com tudo os Judeos não o tem conhecido ; e frustrados da sua esperança , tem dito que os seus peccados haviãõ retardado o Messias , que devia vir. Mas com tudo as nossas datas são certas pela sua propria confissãõ ; e he huma grande cegueira fazer depender dos homens hum

*Gen. Tr.  
Sanc. c.  
XI.*

hum termo que Deos tem assinalado taõ precisamente em Daniel.

He tambem para elles hum grande embaraço ver que este Profeta faça ir o tempo do Christo antes do da ruina de Jerusaleem: de sorte que sendo cumprido este ultimo tempo, o que o precede o deve ser tambem.

Josepho aqui se enganou muito grosseiramente. Contou bem as semanas que deviaõ ser seguidas da dessolaçaõ do povo Judaico: e vendo-as cumpridas no tempo em que Tito pôz o sitio a Jerusaleem, naõ duvidou que fosse chegado o momento da perda desta Cidade. Mas naõ considerou que esta dessolaçaõ devia ser precedida da vinda do Christo, e da sua morte, de sorte que naõ entendeu mais que ametade da Profecia.

*Ant. X. c. 2  
init. de  
bell. Jud.  
VII. 4.*

Os Judeos que vieraõ depois del-  
le tem querido supprir este defeito.  
Elles nos tem forjado hum Agripa  
descendente de Herodes, que os Ro-  
manos ( dizem elles ) fizeraõ mor-  
rer hum pouco antes da ruina de Je-  
rusaleem ; e querem que este Agripa,  
Christo por seu titulo de Rei, seja  
o Christo de que se tem fallado em

Da

Daniel: nova prova da sua cegueira: Porque além de que este Agripa não pôde ser nem o Justo, nem o Santo dos Santos, nem o fim das Profecias, tal como devia ser o Christo, que Daniel assinalava naquelle lugar; além de que a morte deste Agripa, da qual os Judeos eraõ innocentes, não podia ser a causa da sua dissolucãõ, como devia ser a morte do Christo de Daniel: o que dizem aqui os Judeos he huma fabula. Este Agripa descendente de Herodes, foi sempre do partido dos Romanos; foi sempre bem tratado pelos seus Imperadores, e reinou em hum cantão da Judéa muito tempo depois da tomada de Jerusaleem, como o attesta Josepho, e os Authores contemporaneos.

Assim tudo o que inventaõ os Judeos para illudirem as Profecias os confunde. Elles mesmos não se fiaõ em invençoens taõ grosseiras, e a sua melhor defeza está naquella Lei que tem estabelecido, de não calcular mais os dias do Messias. Por causa della fechaõ os olhos á verdade voluntariamente, e renunciaõ as Profecias, aonde o mesmo Es-

pi-

*Joseph.*  
*lib. VII.*  
*de bell.*  
*Jud. Jus-*  
*tus Tiber.*  
*Biblio*  
*Phot. Cod.*  
33.

pirito Santo tem contado os annos : mas em quanto a ellas renunciaõ , elles as cumprem , e fazem ver a verdade do que ellas dizem da sua cegueira , e da sua queda.

Respondaõ elles o que quizerem ás Profecias , a dessolaçaõ que ellas prediziaõ lhes he acontecida no tempo assinalado ; o successo he mais forte que todas as suas subtilezas ; e se Jesus Christo naõ veio nesta fatal conjunctura , os Profetas em quem elles esperaõ os tem enganado.

---

#### CAPITULO XXIV.

*Circunstancias memoraveis da queda dos Judeos : continuacão das suas falsas interpretaçoens.*

**E** Para acabar de os convencer, considere V. Alteza duas circunstancias que acompanháraõ a sua queda , e a vinda do Salvador do mundo : huma , que a successaõ dos Pontifices , perpetua , e inalteravel depois de Aaram , acabou entaõ ;

ou-



outra, que a distincão das Tribus, e das familias, sempre conservada até este tempo, ali acabou pela sua propria confusão.

Esta distincão era até o tempo do Messias. De Levi deviaõ nascer os ministros das cousas Sagradas. De Aaram deviaõ sahir os Sacerdotes, e os Pontifices. De Judá devia sahir o mesmo Messias. Se a distincão das familias não houvesse subsistido até á ruina de Jerusalem, e até á vinda de Jesus Christo, os sacrificios Judáicos teriaõ acabado antes do tempo, e David fora frustrado da gloria de ser reconhecido pelo Pai do Messias. He chegado o Messias? O Sacerdocio novo, segundo a ordem de Melchisedech, tem começado na sua pessoa, e a nova Monarquia, que não era deste mundo, tem apparecido? Não se tem mais necessidade de Aaram, nem de Levi, nem de Judá, nem de David, nem das suas familias. Aaram não he mais necessario em hum tempo em que os Sacrificios deviaõ cessar conforme Daniel. A casa de David, e de Judá tem cumprido o seu destino, quando o Christo de Deos della sahio; e como os mesmos

*Dan. IX.*  
27.

mos Judeos renunciavaõ a sua esperança, elles se esquecem precisamente neste tempo da successão das familias até entãõ taõ cuidadosa, e religiosamente conservada.

Nãõ omittamos hum dos sinaes da vinda do Messias, e talvez o principal, se o sabemos bem entender, ainda que faça o escandalo, e o horror dos Judeos. Esta he a remissãõ dos peccados annunciada em nome de hum Salvador, que padece, de hum Salvador humilhado, e obedi-  
*Dan. IX.*  
 finalado entre as suas semanas, a 26. 27.  
 semana mysteriosa que temos observado, em que o Christo devia ser sacrificado, em que a Alliança devia ser confirmada pela sua morte, em que os antigos sacrificios deviaõ perder a sua virtude. Ajuntemos Daniel com Isaias, nós acharemos todo o fundo de hum taõ grande Mysterio; veremos *o homem de doves, Is. LIII.* que he carregado com as iniquidades de todo o povo, que dá a sua vida pelo peccado, e o cura por meio das suas chagas. Abri os olhos, incredulos; nãõ he verdade, que a remissãõ dos peccados vos tem sido pré-

prégada em nome de Jesus Christo crucificado? Conheci-se em algum tempo hum tal mysterio? Outro algum que não fosse Jesus Christo, ou antes d'elle, ou depois tem-se glorificado de lavar os peccados com o seu sangue? se haveria elle feito crucificar expressamente para adquirir huma honra vã, e cumprir em si mesmo huma tão funesta Profecia? devem-se calar, e adorar no Evangelho huma doutrina que até não poderia vir ao pensamento de algum homem, senão fosse verdadeira.

O embaraço dos Judeos he extremo neste lugar; elles achão nas suas Escripturas muitas authoridades, em que se tem fallado das humiliaçoens do seu Messias. Que maior embaraço lhes farão aquellas, em que se tem fallado da sua gloria, e dos seus triunfos? A intelligencia natural he que elle virá para os triunfos pelos combates, e para a gloria pelos martyrios. Couza incrível: os Judeos tem antes querido fazer dous Messias. Vemos no seu Talmud, e nos outros livros de huma similhante antiguidade, que elles

*Tr. Sueca  
& C. five  
Paraph.  
sup. cant.  
c. 7. v. 3.*

elles esperão hum Messias pacien-  
 te, e outro cheio de gloria; hum  
 morto, e resuscitado, outro sem-  
 pre feliz, e sempre vencedor; hum  
 a quem convém todas as authori-  
 dades, em que se tem fallado de fra-  
 queza, outro a quem convém to-  
 das aquellas, em que se tem fallado  
 de grandeza; hum em fim, filho de  
 Jozé: porque não se tem podido  
 negar-lhe hum dos caracteres de Je-  
 su Christo, que tem sido reputado  
 filho de Jozé, e outro filho de Da-  
 vid; sem já mais quererem enten-  
 der, que aquelle Messias, filho de  
 David, devia, conforme David, *Ps. CIX.*  
*ber da torrente antes de levantar a*  
*cabeça, isto he, ser afflicto antes de*  
*ser triunfante, como o disse o mes-*  
*mo filho de David: ó incensatos, e*  
*pezados do coração, que não pode-*  
*is crer o que disserão os Profetas!*  
*Luc. XXIV.*  
*25. 26.*  
*não era preciso que o Christo soffres-*  
*se estas cousas, e que entrasse na sua*  
*gloria por este meio?*

Finalmente se entendemos do  
 Messias este grande lugar, em que  
 Isaías nos representa taõ vivamen-  
 te o homem de dor ferido pelos nos-  
 sos peccados, e desfigurado como hum  
 le-

*Gem. Tr.*  
*Sanbed.*  
*lib. XI.*

*Ibid.*

*Ibid.*

*Matth.*  
*XVI. 2.*  
*3. 4.*  
*Luc. XII.*  
*55.*

*leproso*, nós ainda somos sustidos nesta explicação do mesmo modo que em todas as outras pela antiga tradição dos Judeos; e a pezar das suas prevenções, o capitulo tantas vezes citado do seu Talmud nos ensina que *aquelle leproso carregado dos peccados do povo será o Messias*; as dores do Messias, que lhe serão causadas pelos nossos peccados, são celebres no mesmo lugar, e nos outros livros dos Judeos. Muitas vezes ahi se tem fallado da entrada tão humilde como gloriosa, que elle devia fazer em Jerusalem, montado sobre hum jumento, e aquella celebre Profecia de Zacharias lhe he applicada. De que tem que se queixar os Judeos? Tudo lhes era affinalado em termos precisos nas suas Profecias: a sua antiga tradição tinha conservado a explicação natural destas celebres Profecias; e nada ha mais justo, que aquella reprehensão que lhes faz o Salvador do mundo: *Hypocritas, vós sabeis julgar pelos ventos, e pelo que vos apparece no Ceo, se o tempo será sereno, ou chuvoso; e não sabeis conhecer por tantos sinais, que vos*

*vos são dados, o tempo em que estaes!*

Concluamos pois, que os Judeos tem tido verdadeiramente razão de dizerem, que *todos os termos da vinda do Messias são passados*. Judá não he mais hum Reino nem hum Povo: outros Póvos tem reconhecido o Messias, que devia ser mandado. Jesus Christo tem sido mostrado aos Gentios: por este final elles tem corrido para o Deus de Abrahão, e a benção deste Patriarcha se estende por toda a terra. O homem de dores tem sido prégado, e a remissão dos peccados tem sido annunciada pela sua morte. Todas as semanas correm; a dessolação do povo, e do Sanctuario, justo castigo da morte de Christo, teve o seu ultimo cumprimento; em fim, o Christo appareceo com todos os caracteres que a tradição dos Judeos ahi reconhecia, e a sua incredulidade não tem desculpa.

Tambem nós vemos depois deste tempo sinaes indubitaveis da sua reprovação. Depois de Jesus Christo, elles não fizeraõ mais que mergulhar-se cada vez mais na ignorancia, e na miseria, de donde a multidaõ

tidaõ extrema dos seus males, e a vergonha de haverem tantas vezes vivido sujeitos ao erro, os fará fahir, ou antes a bondade de Deos, quando o tempo, determinado pela sua providencia para punir a sua ingraticadaõ, e domar a sua soberba, for cumprido.

Com tudo, elles ficaõ sendo o Indubrio dos póvos, e o objecto da sua averfaõ, sem que hum taõ longo cativoiro os faça entrar em si, ainda que devesse bastar para os convencer; porque em fim como lhes diz S. Jeronymo, *que esperas tu ó Judeo incredulo? Tu tens committido muitos crimes durante o tempo dos Juizes: a tua Idolatria te fez escravo de todas as Naçoens vizinhas; mas Deos teve bem cedo piedade de ti, e não tem tardado de te enviar Salvadores. Tu multiplicaste as tuas Idolatrias debaixo dos teus Reis; mas as abominaçoens em que cabiste debaixo de Achaz, e de Manassés não tem sido castigadas se não por setenta annos de cativoiro. Veio Cyro, e elle te entregou a tua Patria, o teu templo, e os teus sacrificios. Por fim tens sido opprimido por Vaspasiano, e*  
por

Hier. Ep.  
ad Dan.  
tom. 3.  
Epist.

por Tito. Cincoenta annos depois, Adriano acabou de te exterminar, e ba-  
 quatrocentos annos que vives na op-  
 pressão. Isto he o que dizia S. Jerony-  
 mo. O argumento depois se fortifi-  
 cou, e mil e duzentos annos tem  
 sido accrescentados á desfolação do  
 povo Judaico. Digamos-lhes pois em  
 lugar de quatrocentos annos, que  
 dezaseis seculos tem visto durar o  
 seu cativoiro, sem que o seu jugo ve-  
 nha a ser mais leve. *Que tens tu  
 feito ó povo ingrato? Escravo em to-  
 dos os paizes, e de todos os Princi-  
 pes, não serves aos Deoses estrangei-  
 ros? Como Deos que te havia escolbi-  
 do, se esqueceo de ti, e que vierão  
 a ser as suas antigas misericordias?  
 Que crime, que attentado maior que  
 a Idolatria te faz sentir hum casti-  
 go que já mais te haviaõ adquirido  
 as tuas Idolatrias? Tu te calas; tu  
 não podes comprehender o que te tor-  
 na Deos tão inexoravel? Lembra te* *Matth.*  
*daquella palavra de teus pais: o seu* *XXVII.*  
*fangue seja sobre nós, e sobre os nos-* *26.*  
*ros filhos: e ainda nós não temos Rei* *Joan.*  
*mais que Cesar. O Messias não será* *XIX. 15.*  
*teu Rei; guarda bem o que tens es-*  
*colbido: fica escravo de Cesar, e dos* *Rom. XI.*  
*Reis* *1.*

N

Reis 1.



Reis até que seja entrada a plenitude dos Gentios, e que em fim todo o Israel seja salvo.

### CAPITULO XXV.

*Reflexões particulares sobre a conversão dos Gentios. Profundo Conselho de Deos que os queria converter pela Cruz de Jesus Christo. Discurso de S. Paulo sobre este modo de os converter.*

**E** Sta conversão dos Gentios era a segunda cousa, que devia acontecer no tempo do Messias, e o final mais seguro da sua vinda. Temos visto como os Profetas o haviaõ claramente predicto, e as suas promessas saõ verificadas nos tempos de Nosso Senhor. He certo, que entãõ sómente, e nem antes, nem mais tarde, o que os Filosophos naõ se atrevem a intentar, o que os Profetas, nem o povo Judaico, quando tem sido mais protegido, e fiel, naõ tem podido fazer, doze peccadores enviados por Jesus Christ.

Christo, e testemunhas da sua Ressurreição, o tem cumprido. Isto he que a conversão do mundo não devia ser obra nem dos Filósofos, nem mesmo dos Profetas: estava reservada para o Christo, e este era o fructo da sua Cruz.

Era preciso na verdade que este Christo, e os seus Apostolos sahisses dos Judeos, e que a prégação do Evangelho começasse em Jerutalem. *Hum Monte levantado devia* *If. II. 23*  
*aparecer nos ultimos tempos, segun-*  
*do Isaias: este era a Igreja Christã.* *Ibid. 2.3.*  
*Todos os Gentios para abi deviaõ vir,*  
*e muitos povos nelle se deviaõ ajuntar.* *Ibid. 17.*  
*Neste dia o Senhor devia só ser eleva-* *18.*  
*do, e os Idolos deviaõ ser totalmen-*  
*te quebrados. Mas Isaias, que vio*  
*estas cousas, vio tambem no mes-*  
*mo tempo que a Lei que devia jul-* *Ibid 3. 4.*  
*gar os Gentios sabiria de Siao, e*  
*que a palavra do Senhor, que devia* *Joan. IV.*  
*corrigir os Povos sabiria de Jeru-* *20.*  
*salem; o que fez dizer ao Salva-*  
*dor, que a salvação devia vir dos*  
*Judeos. E era conveniente que a no-*  
*va luz, pela qual os povos mer-*  
*gulhados na Idolatria, deviõ algum*  
*dia ser illustrados, se espalhasse por*  
*todo*

todo o mundo do lugar em que havia sempre estado. Era em Jesus Christo, Filho de David, e de Abraham, que todas as nações deviaõ ser abençoadas, e santificadas. Nós o temos muitas vezes notado. Mas não temos ainda observado a causa, pela qual este Jesus paciente, este Jesus crucificado, e aniquilado devia ser o unico Author da conversão dos Gentios, e o unico vencedor da Idolatria.

S. Paulo nos tem explicado este grande Mysterio no 1. Cap. da 1. Epistola aos Corinthios: e he bom reflectir sobre este bello lugar em

*1. Cor. I. toda a sua extençãõ. O Senhor, diz  
17.18.19. elle, me enviou para prègar o Evan-  
20. gelho, naõ por meio da sabedoria, e do discurso humano, temendo tornar inutil a Cruz de Jesus Christo; porque a prègaçãõ do Mysterio da Cruz he loucura para aquelles que se perdem, e naõ parece hum effeito do poder de Deos, senãõ para os que se salvaõ, isto he, para nós. Com effeito, acha-se escripto; eu destruirei a sabedoria dos  
14. XXIII. Sabios, e regeitarei a sciencia dos dou-  
18. tos. Aonde estaõ agora os sabios? A onde estaõ os Doutores? Que vie-  
raõ*

vão a ser aquelles que procuravaõ as sciencias deste seculo? Deos não tem convencido de loucura a sabedoria deste mundo? Sem duvida, pois que ella não tem podido tirar os nomes da sua ignorancia. Mas exaqui a razã que disto dá S. Paulo. He que Deos vendo que o mundo com a sabedoria humana não o havia reconhecido pelas obras da sua sabedoria, isto he, pelas creaturas que tinha taõ perfeitamente ordenado, elle tomou hum differente caminho, e resolveo salvar aos seus fiéis pela loucura da pregaçã, isto he, pelo Mysterio da Cruz, aonde a sabedoria humana nada pode comprehender.

Novo, e admiravel desígnio da Divina providencia! Deos tinha introduzido o homem no mundo, aonde para qualquer parte que voltasse os olhos a sabedoria do Creador resplandecia na grandeza, na riqueza, e na disposiçã de huma taõ bella obra. O homem com tudo o desconheceo; as creaturas que se apresentavaõ para elevarem mais alto o nosso pensamento, o tem demorado; o homem cego, e embru-

tecido as tem seguido; e não contente com adorar a obra das mãos de Deos, adorou a obra das suas proprias mãos. Fabulas, as mais ridiculas que as que se contaõ aos meninos, tem feito a sua Religião: esqueceo-se da razão: Deos lha quer fazer esquecer de outra sorte: huma obra, cuja sabedoria conhecia, não o penetrou; outra obra lhe he apresentada, aonde o seu discurso se perde, e aonde tudo lhe parece loucura; esta he a Cruz de Jesus Christo. Não he discorrendo que se entende este Mysterio; he cativando a sua intelligencia debaixo da obediencia da Fé; he desfruido os discursos humanos, e toda a altura que se levanta contra a sciencia de Deos

2. Cor. X.  
4. 5.

Com effeito, que comprehendemos nós neste Misterio, aonde o Senhor da gloria he carregado de opprobrios, aonde a sabedoria Divina he tratada de loucura, aonde aquelle que certo em si mesmo da sua natural grandeza, não creio attribuir a si munita, quando se disse igual a Deos, se anniquilou a si mesmo até tomar a forma de escravo, e a padecer a morte da Cruz? Todos os nos-

e los-

Phil. II.  
7. 8.

fos pensamentos se confundem; e, como dizia S. Paulo, nada ha que pareça mais insensato aos que não são illustrados por Deos.

Tal era o remedio que Deos preparava para a Idolatria. Elle conhecia o coração do homem, e sabia que não era por meio do discurso que se devia destruir hum erro que o discurso não tinha estabelecido. Ha erros em que cahimos discorrendo; porque o homem se confunde muitas vezes por força de discorrer; mas a Idolatria era vinda pela extremidade opposta; era extinguindo todo o discurso, e deixando dominar os sentidos, que querião tudo revestir de qualidades, das quaes são tocados. Por este motivo he que a Divindade veio a ser visível, e grosseira. Os homens lhe derão a sua figura, e o que ainda era mais vergonhoso, os seus vicios, e as suas paixões. O Discurso não tinha parte em hum erro tão brutal. Isto era hum abuso da prudencia, hum delirio, hum frenesi. Discorrei com hum frenetico, e contra hum homem, a quem huma febre ardente faz variar, não faze-

is mais que irritallo, e tornar o mal irremediavel: he preciso buscar a causa, corrigir o temperamento, e acalmar os humores, cuja violencia causa taõ estranhos furores. Assim naõ deve ser o discurso quem cure o delirio da Idolatria. Que tem ganhado os Filozofos com os seus discursos pomposos, com o seu estylo sublime, com os seus pensamentos taõ artificialmente ordenados? Plataõ com a sua eloquencia que se julgou divina, tem destruido hum só Altar em que aquellas monstruosas Divindades eraõ adoradas? Pelo contrario, elle, e seus discipulos, e todos os Sabios do seculo tem sacrificado á mentira: Elles se perderãõ nos seus pensamentos; o seu coração insensato tem sido cheio de trevas, e debaixo do nome de Sabios, que deãõ a si, vierãõ a ser mais loucos que os outros, pois que contra as suas proprias luzes, tem adorado as creaturas.

Naõ he pois com razãõ que S. Paulo exclamou, em a nossa authoridade, *onde estaõ os sabios, onde estaõ os Doutores? Que tem obrado aquelles que buscavaõ as sciencias des-*

Rom. I.  
21. 22.

I. Cor. I.  
20.

deste seculo? Tem podido sómente destruir as fabulas da Idolatria? tem elles sómente suspeitado que he preciso oppôr-se claramente a tantas blasfemias, e soffrer, naõ digo o ultimo suplicio, mas a menor affronta por amor da verdade? em lugar de o fazerem elles tiveraõ a verdade cativa, e puzeraõ por maxima que em materia de Religiaõ se devia seguir o povo: o povo que elles desprezavaõ tanto, tem sido a sua regra na materia a mais importante de todas, e na qual os seus discursos pareciaõ os mais necessarios. De que tens pois servido, ó Filosofia! Deos naõ tem convencido a loucura da sabedoria deste mundo, como nos dizia S. Paulo; naõ tem destruido a sabedoria dos sabios; e mostrado a inutilidade da sciencia dos doutos.

Assim he que Deos tem mostrado pela experiencia, que a ruina da Idolatria naõ podia ser obra só do discurso humano. Em lugar de lhe incumbir a cura de huma tal molestia, Deos acabou de o confundir pelo Mysterio da Cruz, e

Rom. I.  
18.

1. Cor. I.  
19. 20.

I. moX  
ca. ix

1. Co. I.  
20.



no mesmo tempo applicou o remedio até á origem do mal.

A Idolatria, se a entendemos, tomava o seu nascimento daquelle profundo apego que temos a nós mesmos. Isto he o que nos havia feito inventar Deoses semelhantes a nós; Deoses que realmente não erã mais que homens fugeitos ás nossas paixões, ás nossas fraquezas, e aos nossos vicios: de sorte que debaixo do nome de falsas Divindades, os seus proprios pensamentos, os seus prazeres, e as suas fantasias era o que na realidade os Gentios adoravaõ.

Jesus Christo nos faz entrar em outros caminhos. A sua pobreza, as suas ignominias, a sua Cruz, o tornaõ hum objecto horrivel aos nossos sentidos. He preciso sair de si mesmo, renunciar a tudo, tudo crucificar para o seguir. O homem, apegado a si mesmo, e a tudo o que a corrupçaõ lhe fazia amar, vem a ser capaz de adorar a Deos, e a sua verdade eterna, da qual quer d'ahi em dian e seguir as regras.

Lá acabaõ, e se deivanezem todos os Idolos, os que se adorava sobre os Altares, e aquelles a quem

cada hum servia no seu coração. Estes ali haviaõ elevado os outros. Adorava-se Venus, porque se deixava dominar ao amor sensual, e se amava o seu poder. Baccho o mais engraçado de todos os Deoses, tinha Altares, porque se abandonava, e se sacrificava, para dizer assim a alegria dos sentidos mais doce, que mais embebedava que o vinho. Jesus Christo pelo Mysterio da sua Cruz, vem imprimir nos corações o amor das mortificações em lugar do amor dos Prazeres. Os Idolos que se adoravaõ exteriormente foraõ dissipados, porque os que se adoravaõ interiormente não subsistiaõ mais: o coração purificado, como diz o mesmo Jesus Christo, he tornado capaz de ver a Deos; e o homem, em lugar de fazer hum Deos semelhante a si, cuida antes, em quanto o pôde soffrer a sua enfermidade, em vir a ser semelhante a Deos. *Matth. V. 3.*

O Mysterio de Jesus Christo nos fez ver como a Divindade podia sem se envelhecer ser unida á nossa natureza, e se revestir das nossas fraquezas. O Verbo encarnou: aquelle que tinha a *fôrma*, e a natureza de Deos, *N 6* sem

*Phil. II. 6.* sem perder o que era tomou a forma de escravo. Inalteravel em si mesmo, elle se une, e se apropia huma natureza estrangeira, O' homens, vós quereis Deoses que não fossem, a dizer a verdade, senão homens, e ainda homens viciosos! era isto huma grande cegueira; mas ex-aqui hum novo objecto de adoração, que se vos propõe; he hum Deos, e hum homem juntamente; mas hum Deos que nada tem perdido do que era, tomando o que nós somos. A Divindade fica immutavel, e sem se poder degradar, não pôde elevar o que unio consigo.

Mas ainda, que he o que Deos tomou de nós? Os nossos vicios, e os nossos peccados? Deos tal não permitta; não tomou do homem senão o que nelle fez, e he certo, que nelle não havia feito nem o peccado, nem o vicio. Havia feito a natureza; elle a tomou. Póde-se dizer que havia feito a mortalidade com a enfermidade que a acompanha; porque ainda que ella não fosse do primeiro designio, era o justo castigo do peccado, e nesta qualidade era obra da justiça Divina. Tambem

Deos não tem recusado tomallo ; e tomando a pena do peccado sem o mesmo peccado , mostrou que era , não hum culpado que se punia ; mas o justo que pagava os peccados dos outros.

Destá sorte em lugar dos vicios que os homens punhão nos seus Deuses , todas as virtudes tem apparecido neste Deos Homem , e a fim de que nelle apparecessem nas ultimas próvas , ahi tem apparecido no meio dos mais horriveis tormentos. Não procuremos mais outro Deos visível depois deste : elle só he digno de abater a todos os Idolos ; e a victoria que delles devia alcançar , he annexa á sua Cruz. Isto he , que he annexa a huma loucura apparente , porque os *Judeos* , profegue S. Paulo , *pedem milagres* , pelos quaes Deos movendo milagrosamente toda a natureza , como fez na sahida do Egipto , os ponha visivelmente sobre os seus inimigos : e os *Gregos* , e os *Gentios* procurão a sabedoria , e os discursos regulados , como os do seu *Platao* , e do seu *Socrates*. E nós , continua o *Apostolo* , nós pregamos *Jesus Christo crucificado* , escandalo

aos.

aos Judeos, e não milagre: loucura para os Gentios, e não sabedoria: mas que he para os Judeos, e Gentios, chamados para o conhecimento da verdade, o poder, e a sabedoria de Deos, porque em Deos o que he louco, he mais sabio, que toda a sabedoria humana; e o que he fraco he mais forte que toda a força humana. Ex-aqui o ultimo golpe que era preciso dar á nossa soberba ignorancia. A sabedoria para onde nos guião he tão sublime, que parece loucura a nossa sabedoria; e as suas regras são tão altas, que tudo ahi nos parece confusa.

Mas se esta Divina sabedoria nos he impenetravel em si mesma, ella se declara pelos seus effeitos. Huma virtude sahe da Cruz, e todos os Idolos são abalados. Nós os vemos cair por terra, ainda que sustidos por todo o poder Romano. Não são os sabios, não são os nobres, não são os poderosos que tem feito hum tão grande milagre. A Obra de Deos tem sido seguida, e o que havia começado pelas humiliações de Jesus Christo, elle o tem consummado pelas humiliações dos seus Discipulos:

1. Cor. I.  
26. 27.  
28. 29.

Conr

*Considerai, meus irmãos, assim he*  
*que S. Paulo acaba o seu admiravel*  
*discurso, considerai aquelles que Deos*  
*tem chamado para vós, e dos q aes*  
*compôz aquella Igreja victoriosa do*  
*mundo. Abi ha poucos daquelles sa-*  
*bios, que o mundo admira, ha pou-*  
*cos poderosos, e poucos nobres; mas*  
*Deos escolheo o que he louco, segundo*  
*o mundo, para confundir os sabios;*  
*escolheo o que era fraco, para con-*  
*fundir os poderosos; escolheo o que*  
*havia mais desprezível, e mais vil,*  
*e em fim o que não existia, para des-*  
*truir o que existia, a fim de que ne-*  
*mbum homem se glorifique diante delle.*  
*Os Apostolos, e seus Discipulos, o*  
*refugo do mundo, e o mesmo nada,*  
*olhando para elles com olhos huma-*  
*nos, tem prevalecido a todos os Im-*  
*peradores, e todo o Imperio. Os*  
*homens haviaõ-se esquecido da crea-*  
*ção, e Deos a renovou tirando des-*  
*te nada a sua Igreja, que tornou*  
*Omnipotente contra o erro. Com os*  
*Idolos confundio toda a grandeza hu-*  
*mana que se interessava em os defen-*  
*der; e fez huma grande obra, como*  
*havia feito o mundo, pela unica*  
*força da sua palavra.*

## CAPITULO XXVI.

*Diversas formas de Idolatria: os sentimentos, o interesse, a ignorancia, hum falso respeito da antiguidade, a Politica, a Filosofia, e as heresias vem em seu socorro: a Igreja triunfa de tudo.*

**A** Idolatria nos parece a mesma fraqueza, e custa-nos a comprehender que haja sido precisa tanta força para a destruir. Mas pelo contrario a sua extravagancia mostra a difficuldade que havia para a vencer; e huma tão grande prevaricação do bom discurso mostra assaz quanto o principio era diminuto. O mundo tinha envelhecido na Idolatria; e encantado pelos seus Idolos, veio a ser surdo á voz da natureza que contra elles gritava. Que poder era preciso para trazer á memoria dos homens o verdadeiro Deos tão profundamente esquecido, e apartar o Genero humano de hum tão prodigioso adormecimento?

Todos os sentidos, todas as paixões, todos os interesses combatião a favor da Idolatria. Ella era feita para o prazer, os divertimentos, os espectáculos, e em fim a mesma licença, ahi faziaõ huma parte do Culto Divino. As Festas naõ eraõ mais que jógos, e naõ havia algum lugar da vida humana em que o pejo fosse banido com mais cuidado, do que o era dos Mysterios da Religiaõ. Como se haviaõ acostumar corações taõ corruptos á regularidade da Religiaõ verdadeira, casta, severa, inimiga da sensualidade, e unicamente ligada aos bens invisiveis? S. Paulo falava a Felis, Governador da Judea, *da justiça, da castidade, e do Juizo futuro. Este homem atemoriza-* <sup>Act. XXIV. 25.</sup>  
do, *lbe diz, veirai-vos em quanto ao presente, eu vos mandarei chamar quando for preciso.* Estes discursos eraõ incommodos para hum homem que queria gozar sem escrúpulo, por qualquer preço que fosse dos bens da terra.

Quer V. Alteza ver remover-se o interesse, aquella poderosa maquina que dá movimento ás cousas humanas? neste grande discredito da  
Ido-



ACT. XIX.  
24.

Idolatria, que começava a causar em toda a Azia as pregações de S. Paulo, os Artifices, que ganhavaõ a sua vida, fazendo pequenos Templos de prata da Diana de Efeso, se ajuntarãõ: e o mais acreditado entre elles lhe representou que o seu ganho hia acabar-se: *E não somente*, diz elle, *corremos perigo de perder tudo, mas o Templo da grande Diana vai cobrir em o desprezo, e a magestade daquella que he adorada em toda a Azia, e até em todo o mundo, se aniquilarãõ pouco a pouco.*

Quanto o interesse he poderoso, e atrevido quando se pôde cobrir com o pretexto da Religião! não foi preciso mais para mover aquelles Artifices. Sahiraõ todos juntos gritando, como furiosos, *a grande Diana dos Efezinos*, e arrastando os companheiros de S. Paulo para o Theatro, aonde toda a Cidade se havia ajuntado. Entãõ os gritos se dobraraõ, e por espaço de duas horas a Praça publica retumbava com estas palavras: *a grande Diana dos Efezinos*. S. Paulo, e os seus companheiros foraõ com trabalho arrancados das mãos do Povo pelos Ma-

Magistrados, que temerão que acontecesse maiores desordens neste tumulto. Ajuntai ao interesse dos particulares o dos Sacerdotes, que hiaõ cahir com os seus Deoses. Ajuntai a tudo isto o interesse das Cidades, que a falsa Religiaõ tornava illustres, como a Cidade de Efeso, que devia ao seu Templo os seus privilegios, e logo os estrangeiros pelos quaes era enriquecida; que tempestade se devia levantar contra a Igreja nascente; e devemos nós admirar de ver os Apostolos tantas vezes accommettidos, apedrejados, e deixados por mortos no meio da plebe! mas hum maior interesse vai mover huma maior maquina; o interesse do Estado vai fazer obrar o Senado, o povo Romano, e os Imperadores.

Havia ja muito tempo que as Ordenações do Senado prohibiaõ as Religioes estrangeiras. Os Imperadores eraõ entrados na mesma Politica; e naquella bella deliberaçaõ em que se tratava de reformar os abusos do Governo, hum dos principaes regulamentos que Mecenas propoz a Augusto, foi impedir as novidades na

Re-

XIX. BR.

44

Lib.  
XXXIX.

&c.

Orat. Mæ-

cen. apud

Dion. III.

Tertul.

Apol. 5.

Euseb.

Hist. Eccl.

1.º 2.º

Religião, que sempre causavaõ perigosos movimentos nos Estados. A maxima era verdadeira: porque, que ha que mova mais violentamente os corações, e os leve a excessos mais estranhos? Mas Deos queria mostrar que o estabelicimento da Religião verdadeira não excitava taes desordens; e esta he huma das maravilhas que mostra que elle obrava nesta obra. Porque quem não se admiraria de ver que pelo espaço de trezentos annos inteiros que a Igreja tem tido para soffrer tudo o que a raiva dos perseguidores podia inventar de mais cruel, entre tantas sedições, e tantas guerras civis, entre tantas conjurações contra a pessoa dos Imperadores, não se tinha ja mais achado hum só Christão, nem bom, nem máo? Os Christãos desafião aos seus maiores inimigos para que lhes nomeem hum só: não houve ja mais algum, tanta veneração inspirava a doutrina Christãa para o poder publico, e tão profunda foi a impressão que fez em todos os corações aquella palayra do Filho de Deos: *Dai a Cesar o que he de Cesar, e a Deos o que he de Deos.*

*Tertul. A-*  
*pol. 35.36.*  
*&c.*

*Matth.*  
*XXII.21.*

Esta bella distincão introduzio nos coraçõs huma luz tão clara, que nunca os Christãos deixaraõ de respeitar a imagem de Deos nos Principes perseguidores da verdade. Este caracter de submissãõ resplandecia de tal fórma em todas as suas Apologias, que ellas inspiraõ ainda hoje aos que as lem o amor da ordem publica, e mostra que naõ esperavaõ senãõ de Deos o estabelicimento do Christianismo. Estes homens tão de-  
*Tert. A<sub>2</sub>*  
*pol.*  
 terminados para a morte, que en-  
 chiaõ todo o Imperio, e todos os exercitos, naõ escapar huma só vez durante tantos seculos de mortificações; elles prohibiaõ a si mesmos, naõ sómente as acções sediciofas, mas tambem as murmurações. O dedo de Deos estava nesta obra, e nenhuma, outra maõ senãõ a sua pode reter os coraçõs que se encaminhavaõ a destrui-illos por meio de tantas injustiças.

Na verdade lhes era duro o serem tratados como inimigos publicos, e inimigos dos Imperadores, aquelles que naõ respiravaõ mais que a obediencia, e cujos votos os mais ardentes tinhaõ por objecto a salva-  
 çãõ

caõ dos Principes , e a felicidade do Estado. Mas a politica Romana se julgava atacada nos seus fundamentos , quando se desprezava os seus Deoses. Roma se jaõtava de ser huma Cidade santa por sua fundaçaõ , consagrada desde a sua origem pelos auspicios Divinos , e dedicada pelo seu Author ao Deos da guerra. Pouco faltou para que , naõ julgasse Jupiter mais presente no Capitolio , que no Ceo. Ella julgava ter as suas victorias na sua Religiaõ. Por isto he que ella havia domado as Naões , e os seus Deoses , porque se discortia assim neste tempo ; de sorte que os Deoses Romanos deviaõ ser os senhores dos outros Deoses , como os Romanos eraõ os senhores dos outros homens. Roma subjugando a Judéa tinha contado o Deos dos Judeos entre os Deoses que ella havia vencido: querê-llo fazer reinar , era destruir os fundamentos do Imperio , isto era abortecer as victorias , e o poder do povo Romano. Assim os Christãos , inimigos dos Deoses , eraõ vistos no mesmo tempo , como inimigos da Republica. Os Imperadores empregavaõ mais cuidado em

*Cic. Orat.  
pro Flaco.*

*Orat.*

*Lymn. ad*

*Imp. Val.*

*Theod. &*

*Arc. ap.*

*Amb.*

*tom. V.*

*L. V. Ep.*

*30.*

*Zozim.*

*hist. lib. 2.*

*6. Sc.*

os exterminarem do que em exterminarem aos Parthos, aos Marcomanos, e aos Dacios: o Christianismo abatido apparecia nas suas inscrições com tanta pompa, como os Sarmatas destruidos. Mas elles se jactavaõ injustamente de haverem destruido huma Religião que se augmentava debaixo do ferro, e do fogo. Em vaõ se ajuntaõ as calumnias á crueldade. Os homens que praticavaõ virtudes superiores ao homem, eraõ accusados de vicios, que fazem horror á natureza. Accusava se de incesto aquelles, cuja castidade fazia as delicias. Accusava-se de comer os seus proprios filhos, aquelles que eraõ beneficos para com os seus perseguidores. Mas, a pezar do odio publico, a força da verdade tirava da boca dos seus inimigos testemunhos favoraveis. Todos sabem o que escreveu Plinio o moço a Trajano sobre os bons costumes dos Christãos. Elles foraõ justificados, mas naõ foraõ isentos do ultimo supplicio; porque ainda lhes foi preciso esta ultima setta para acabar nelles a imagem de Jesus Christo crucificado, e deviaõ, como elle, caminhar para

*Plin. lib.  
X. Ep. 97*

ra a Cruz com huma declaração publica da sua innocencia.

A Idolatria não punha toda a sua força na violencia. Ainda que o seu fundo fosse huma ignorancia brutal, e huma inteira depravação do sentido humano, ella se queria ornar de algumas razões. Quantas vezes procurou disfarçar-se, e em quantas maneiras se tem transformado para cobrir a sua vergonha? Fingia algumas vezes que respeitava a Divindade. Tudo o que he Divino, dizia ella, he desconhecido: não ha mais que a Divindade que se conheça a si mesma: não nos pertence discorrer sobre cousas tão altas; por esta razão he que devemos dar credito aos antigos, e cada hum deve seguir a Religião que acha estabelecida no seu paiz. Por estas maximas os erros tão grosseiros como impios que enchão a toda terra, eraõ irremediaveis; e a voz da natureza, que annunciava o verdadeiro Deos, era soffocada.

Havia muito para pensar que a fraqueza da nossa razão errante necessita de huma authoridade que a reduza ao principio; e que da antigui-

guidade he que se deve aprender a Religiaõ verdadeira. Tambem tem V. Alteza visto a sua continuação immutavel desde a origem do mundo. Mas de que antiguidade se podia jactar o Paganismo, que não podia ler as suas proprias historias sem nellas achar a origem, não sómente da sua Religiaõ, mas ainda dos seus Deoses? Varrãõ, e Cicero sem contar os outros Authores, o tem bem mostrado. Ou antes teriamos nós recurso a aquelles milhares infinitos de annos que os Egypcios enchiaõ de fabulas confusas, e impertinentes para estabelecerem a antiguidade de que se jactavaõ? Mas sempre ahi se via nascer, e morrer as Divindades do Egypto, e aquelle povo não se podia fazer antigo, sem assinalar o principio dos seus Deoses.

Ex-aqui huma outra fórma de Idolatria. Ella queria que se servisse a tudo o que passasse por Divino. A politica Romana, que prohibia tão severamente as Religiões estrangeiras, permittia que se adorasse os Deoses dos Barbaros, com tanto que os tivesse adoptado. Assim ella queria parecer justa para com todos os Deoses,

*Cic. de  
nat. Deor.  
lib. 1. 3.*



*Jud. Ep.  
ad Comm.  
Judeor.*

ses, do mesmo modo que para com todos os homens. Incensava algumas vezes o Deus dos Judeos com todos os outros. Nós achamos huma carta de Juliano Apostata, pela qual promette aos Judeos restabelecer a santa Cidade, e sacrificar com elles ao Deus Creador do mundo. Temos visto que os Pagãos querião voluntarios adorar o verdadeiro Deus, mas não o verdadeiro Deus só; e não importa aos Imperadores, que Jesus Christo mesmo, cujos Discipulos perseguiaõ, não tivesse Altares entre os Romanos.

Porque! os Romanos tem podido pensar em honrar como Deus aquelle a quem os seus Magistrados haviaõ condemnado ao ultimo supplicio, e que muitos dos seus Autores carregaraõ de opprobrios? Isto não deve causar admiraçãõ, a cousa he incontestavel.

Distinguamos primeiramente o que faz dizer em geral hum odio cego, dos factos positivos, dos quaes se crê ter a prova. He certo que os Romanos, ainda que tenhaõ condemnado a Jesus Christo, não lhe tem já mais lançado em rosto algum crime par-

particular. Tambem Pilatos o condemnou com repugnancia, violentado pelos gritos, e ameaças dos Judeos. Mas o que he bem mais maravilhoso, os mesmos Judeos, pela perseguição dos quaes elle tem sido crucificado, não tem conservado nos seus antigos livros a memoria de huma acção que notasse a sua vida, em lugar de lhe terem assinalado alguma que lhe tenha feito merecer o ultimo supplicio: por onde se confirma manifestamente o que lemos no Evangelho, que todo o crime de Nosso Senhor tem sido ter-se chamado o Christo Filho de Deos.

Com effeito, Tacito nos relata bem o supplicio de Jesus Christo de baixo de Poncio Pilatos, e durante o Imperio de Tiberio; mas não refere algum crime que lhe tenha merecido a morte, senão o de ser Author de huma Seita convencida de aborrecer o Genero humano, ou de lhe ser odiosa. Tal he o crime de Jesus Christo, e dos Christãos; e os seus maiores inimigos não tem já mais podido accusallos senão em termos vagos, sem já mais allegarem

Q 2

Jud. Ep.  
de Com.  
1026

Tacit.  
Ap. XV.  
44.

facto positivo que se lhes tenha podido imputar.

He a verdade, que na ultima perseguição, e 300. annos depois de Jesus Christo, os Pagãos, que não sabião cousa alguma que lhe lançarem rosto nem a elle, nem a seus Discipulos, publicáram os falsos actos de Pilatos, aonde pertendião que se visse os crimes, pelos quaes elle havia sido crucificado. Mas como não se ouve fallar destes Actos em todos os seculos precedentes, e nem debaixo de Nero, nem de Domiciano, que reinava na origem do Christianismo, por inimigos que delles fossem, se acha alguma cousa delles, parece que tem sido feitos ao gosto de quem os fez; e entre os Romanos ha tão poucas provas constantes contra Jesus Christo, que os seus inimigos tem sido reduzidos a inventallas.

Ex aqui pois hum primeiro facto, a innocencia de Jesus Christo sem reprehensão. Accrescentemos-lhe hum segundo, a santidade da sua vida, e da sua doutrina reconhecida. Hum dos maiores Imperadores Romanos, este he Alexandre Severo, ad-

Lampr. in  
Alex. Sev.  
c. 45. 50.

1818-1819

30

admirava a N. Senhor, e fazia escrever nas obras publicas do mesmo modo que no seu Palacio, algumas sentenças do seu Evangelho. O mesmo Imperador louvava, e propunha por exemplo as santas precauções com que os Christãos ordenavaõ os Ministros das cousas sagradas. Isto não he tudo: via-se no seu Palacio huma especie de capella aonde se sacrificava desde manhaã. Ahi tinha consagrado as imagens das *Almas Santas*, entre as quaes punha com Orfeo Jesus Christo, e Abraham. *Ibid. c. 29. 31*  
 Havia outra capella, ou como se quizer traduzir a palavra latina *laryrium* de menor dignidade que a primeira, aonde se via a imagem de Achilles, e de alguns outros grandes homens; mas Jesus Christo estava posto no primeiro lugar. He hum Pagaõ quem o escreve, e cita por testemunha a hum Author do tempo de Alexandre. Ex-aqui pois duas testemunhas deste mesmo facto, e ex-aqui outro facto que não he menos admiravel.

Ainda que Porfirio abjurando o Christianismo, se-houvesse declarado seu inimigo, não deixa no livro *anti-* *Porphyrii lib. de vit. Phil. per Orac. Euseb.*

dem. Ev.  
3. 8.  
Aug. de  
Civ. Dei.  
19. c. 23.

intitulado a *Filosofia dos Oraculos*, de confessar, que houve muitos delles muito favoraveis á santidade de Jesus Christo.

Não permitta Deos que aprendamos pelos Oraculos enganadores a gloria do Filho de Deos, que os fez callar nascendo. Estes Oraculos citados por Porfirio são puras invenções; mas he bom saber o que os Pagãos faziam dizer aos seus Deoses a respeito de N. Senhor. Porfirio pois nos allegura, q̄ houveram Oraculos, aonde Jesus Christo he chamado hum homem piedoso, e digno da immortalidade, e os Christãos pelo contrario homens impuros, e enganados. Elle recita depois o Oraculo da Deosa Hecates, aonde ella falla de Jesus Christo, como de hum homem illustre pela sua piedade, cujo corpo tem cedido aos tormentos, mas cuja alma está em o Ceo com as almas bemaventuradas. Esta alma, dizia a Deosa de Porfirio, por huma especie de fatalidade inspirou o erro ás almas a quem o destino não tem assegurado os dons dos Deoses, e o conhecimento do grande Jupiter; por esta razão he que são inimigos dos Deoses. Mas guardai-vos bem

bem de a criminares, profegue ella fallando de Jesus Christo, e compadecei-vos somente do erro daquelles, cujo desgraçado destino vos tenho contado. Palavras pomposas, e inteiramente vazias do sentido; mas que mostraõ que a gloria de N. Senhor obrigou aos seus inimigos a lhe darem louvores.

A'lem da innocencia, e santidade de Jesus Christo, ha tambem hum terceiro ponto que naõ he menos importante; este he os seus milagres. He certo que os Judeos naõ os tem jamais negado, e nós achamos no seu Talmud alguns daquelles que seus Discipulos fizeraõ no seu nome. Sõmente para os escurecerem, disseraõ que os havia feito por meio dos encantamentos que tinha aprendido no Egypto, ou tambem pelo nome de Deos, aquelle nome desconhecido, e ineffavel, cuja virtude pôde tudo segundo os Judeos, e que Jesus Christo havia descoberto, naõ se sabe como, no Sanctuario, ou em fim porque era hum daquelles Profetas assinalados por Moyses, cujos milagres enganadores deviaõ encaminhar o povo para a Idola-

dos. 8. 3.  
Aug. de Civ. Dei. 10. 2. 23.

Tr. de Idolat. & comm. in Ecel.

Tr. de Sabb. c. 12. lib. genera. Jesu, seu hist. Jesu Deut. 13. 1. 2.

tria. Jesus Christo vencedor dos Idolos, cujo Evangelho tem feito reconhecer hum só Deos por toda a terra, não necessita de ser justificado desta reprehensão: os verdadeiros Profetas não tem menos pregado a sua Divindade, do que elle mesmo fez; e o que deve resultar do testemunho dos Judeos, he que Jesus Christo fez milagres para justificar a sua Missão.

Finalmente, quando lhe lançaõ em rosto que elle os obrou por Magica, deviaõ considerar que Moyses tem sido accusado do mesmo crime. Esta era a antiga opiniaõ dos Egypcios, que, admirados das maravilhas que Deos havia obrado no seu paiz por este grande homem, o haviaõ posto em o numero dos principaes Magicos. Põde-se ver tambem esta opiniaõ em Plinio, e em Apuleo, aonde Moyses se achã nomeado com Janeo, e Mandreo, aquelles celebres encantadores do Egypto de que falla S. Paulo, e que Moyses havia confundido pelos seus milagres. Mas a resposta dos Judeos era facil. As illusões dos Magicos não tem jamais hum effeito duravel, nem se

*Plin.*  
*XXX. 1.*  
*Apul. A-*  
*pulo.*

*2. Tim.*

se dirigem a estabelecer, como fez Moysés, o culto do Deos verdadeiro, e a santidade da vida: ajuntando que Deos sabe bem constituir-se mestre, e fazer obras que o poder inimigo não possa imitar. As mesmas razões põem a Jesus Christo sobre huma tão vã accusação, que desde como havemos notado, não serve mais que para justificar que estes milagres são incontestaveis.

Elles não são com effeito tão fortes, que os Gentios não podessem disconvir delles do mesmo modo que os Judeos. Celso, o grande inimigo dos Christãos, e que os ataca desde os primeiros tempos com toda a habilidade imaginavel, procurando com hum cuidado infinito tudo o que lhes podia ser nocivo, não tem negado todos os milagres de Nosso Senhor: elle se defende, dizendo com os Judeos, que Jesus Christo tinha aprendido os segredos dos Egypcios, isto he, a Magica, e que quiz attribuir a si a Divindade por maravilhas que obrou em virtude desta arte condemnavel. Pela mesma razão he que os Christãos passavam por Magicos, e temos hum lugar

Orig.  
cont. Cel.  
l. 2.

Orig. ibid.

AE.

Mart.

passim.

Jul. ap.

Cyr. lib.

Ju. 6.



*Ap. Aug.  
tom. 2. Ep.  
3. 4.*

Juliano Apostata, que despreza os milagres de Nosso Senhor, mas que não os põe em duvida. Voluziano, na sua Epistola a S. Agostinho, faz o mesmo; e este discurso era commum entre os Pagãos.

*Tertul. A-  
pol. 1. Eu-  
seb. hist.  
Ecel. 2. 2.*

Não deve pois causar admiração, se, acostumados a fazerem Deoses de todos os homens, em quem brilha alguma cousa de extraordinario, quizerão pôr a Jesus Christo entre as suas Divindades. Tiberio sobre as relações que lhe vinhão da Judéa, propôz ao Senado o conceder a Jesus Christo as honras divinas.

*Lamp. in  
Alex. c. 4.  
ibid.*

Não he este hum facto que se funda no ar, e Tertuliano o relata como publico, e notorio no seu Apologetico, que apresenta ao Senado em nome da Igreja, que não quiz enfraquecer huma tão boa causa como a sua, por cousas em que teria podido tão facilmente ser confundida. Se se quer o testemunho de hum Author Pagão, Lampridio nos dirá, que Adriano havia levantado a Jesus Christo os Templos, que se viaõ ainda no tempo em que elle escreveu, e que Alexandre Severo, depois de o haver reverenciado em particular, lhe que-

queria publicamente levantar Altares, e polo em o numero dos Deoses.

Ha certamente muita injustiça para não crer, tocante a Jesus Christo, senão o que delle eserevem aquelles que não são contados entre os seus Discipulos; porque isto he procurar a fe nos incredulos, aonde o cuidado, e a exacção naquelles, que occupados de cousas diversas, tinhaõ a Religião por indifferente. Mas he verdade, com tudo, que a gloria de Jesus Christo tem tido hum tão grande resplendor, que o mundo não se tem podido defender de lhe dar algum testemunho, e não posso referir a Vossa Alteza algum mais authentico, que o de tantos Imperadores.

Reconheço, com, tudo que elles tinhaõ hum differente delignio. A Politica se misturava nas honras que davaõ a Jesus Christo. Elles pertendiaõ, que por fim as Religiões se uniriaõ, e que os Deoses de todas as Seitas veriaõ a ser communs. Os Christãos não conheciaõ este culto misturado, e não desprezavaõ menos as condescendencias, que os rigores

da politica Romana. Mas Deos quiz  
 que outro principio fizesse regeitar  
 pelos Pagãos os Templos que os Im-  
 peradores destinavaõ para Jesus  
 Christo. Os Sacerdotes dos Idolos,  
 segundo a relação do Author Pagão  
 já citado tantas vezes, declaráraõ  
 ao Imperador Adriano *que se elle  
 consagrava estes Templos edificados ao  
 uso dos Christãos, todos os outros Tem-  
 plos seriaõ abandonados, e todo o  
 mundo abraçaria a Religião Christã.*  
 A Idolatria tambem sentia em a nossa  
 Religião huma força victoriosa, con-  
 tra a qual os falsos Deoses não podi-  
 aõ resistir, e ella mesma justificava a  
 verdade da quella sentença do Apos-  
 tolo *que convenção pôde haver entre  
 Jesus Christo, e Belial, e como se pô-  
 de concordar o Templo de Deos com o  
 dos Idolos?* *Aflin, pela virtude da Cruz, a  
 Religião Pagã confundida, e a  
 mesma cahia em ruina, e a unidade  
 de Deos se estabelecia de tal sorte,  
 que por fim a Idolatria não appare-  
 ceo della distante. Ella dizia, que a  
 natureza Divina tão grande, e tão  
 extensa, não podia ser exprimida,  
 nem por hum só nome, nem debai-*

2. Cor. 6.  
 13. 16.

xo de huma só forma; mas que Jupiter, e Marte, e Juno, e outros Deoses, não eraõ na realidade mais que o mesmo Deus, cujas virtudes infinitas eraõ explicadas, e representadas por tantos mezes diferentes. Quando depois era preciso ir ás historias impuras dos Deoses, ás tuas infames genealogias, aos seus impudicos amores, ás suas festas, e aos seus mysterios, que não tinhaõ outro fundamento mais que aquellas fabulas prodigiosas, toda a Religião se tornava em alegorias: o mundo, ou o Solhe que se achavaõ serem aquelle Deus unico; eraõ as Estrellas, eraõ o ar, e o fogo, a agoa, e a terra; e os seus diversos ajuntamentos que estavaõ occultados debaixo dos nomes dos Deoses, e nos seus amores. Fraco, e miseravel refugio! porque além de que as fabulas eraõ escandalosas, e todas as alegorias frias, e forçadas, que se achava por fim, se não que aquelle Deus unico que era o mundo com todas as suas partes, de sorte que o fundo da Religião era a natureza, e sempre a creatura adorada no lugar do Creador.

Estas fracas desculpas da Idolatria

Macrob:  
1. Sat.  
17. & seq.  
Apul. de  
Deo. l. 1.  
Aug. de  
Civ. 4.  
10. 11.

Orig:  
cont. Cels:  
lib. 5. 6.  
&c.

*Plat.*  
*Conv.*  
*Tim. &c.*  
*Porphyr.*  
*lib. 2. de*  
*abstin.*  
*Apul. de*  
*Deo loc.*  
*Aug. de*  
*Civ. 1.*  
*14. &*  
*seq. 18. 2*  
*22. 9.*  
*5. 6z*

*AugEp:*  
*3 ad v.*  
*inf.*  
*&c.*

tria, ainda que tiradas da Filosofia dos Stoicos, não contentavaõ ao Filoſofos. Celſo, e Porſirio procuravaõ novos ſoccorros na doutrina de Plataõ, e de Pithagoras, e ex-aqui como conciliavaõ a unidado de Deos com a multiplicidade dos Deos vulgares. Não havia, diziaõ elles mais que hum Deos Soberano: mas era taõ grande, que não ſe miſturava com as couſas pequenas. Contentente com haver creado o Ceo, e os Aſtros, não ſe havia dignado de pôr a maõ neste baixo mundo, que tinha deixado formar aos ſeus ſubalternos; e o homem ainda que nacido para o conhecer, porque era mortal, não era huma obra digna das ſuas mãos. Tambem era elle inacceſſivel á noſſa natureza: vivia muito alto para nós: os Eſpiritos celeſtes que nos haviaõ creado, nos ſerviaõ de mediadores junto delle; e por eſta razão he que era preciso adorallos.

Não ſe trata de refutar eſtes ſonhos dos Platonicos, que tambem cahem per ſi meſmos. O Myſterio de Jeſus Chriſto os deſtruia pelo fundamento. Eſte Myſterio ensinava aos homens, que Deos, que os havia creado

ado á sua imagem, não fazia caso de os desprezar: que se elles necessitavao de mediador, não era por causa da sua natureza, que Deos havia feito, como tinha feito, a todas as outras; mas por causa do peccado, do qual elles erao os unicos Authores: finalmente que a sua natureza os apartava tao pouco de Deos, que Deos não se dignava de se unir a elles fazendo-se homem, e lhes dava por mediador, não aquelles Espiritos celestes que os Filozofos chamavao demonios, e que a Escripura chamava Anjos; mas hum homem, que ajuntando a força de hum Deos á nossa natureza enferma, nos fez hum remedio da nossa fraqueza.

Se a soberba dos Platonicos não se podia abaixar até ás humilhações do Verbo feito carne, não deviao elles ao menos comprehender que o homem por ser hum pouco abaixo dos Anjos, não deixava de ser como elles capaz de possuir a Deos de sorte que era antes seu irmao do que seu subdito, e não devia adorallos, mas adorar com elles em espirito de sociedade aquelle que os havia creado huns, e outros á sua semilhança?

Era

Era isto pois, não sómente muita baixeza, mas também muita ingrati-  
 daõ para o Genero humano sacrifi-  
 car a outrem que não fosse a Deos;  
 e nada era mais cego que o Paganif-  
 mo, que, em lugar de lhe reservar  
 o culto supremo, o dava a tantos de-  
 monios.

Aqui he que a Idolatria, que pa-  
 recia estar destruida descobrio total-  
 mente a sua fraqueza. No fim das  
 perseguições, Porfirio apertado pe-  
 los Christãos, foi constrangido a di-  
 zer que o Sacrificio não era o culto  
 supremo, e vede até aonde elle le-  
 von a extravagancia. Este Deos al-  
 tissimo, dizia elle, não recebia sa-  
 crificio: tudo o que he material he  
 impuro para elle, e não lhe pôde  
 ser offerecido. A mesma palavra não  
 deve ser empregada no seu culto,  
 porque a voz he huma cousa corpo-  
 ral; deve-se adorar em silencio, e  
 por simples pensamentos; todo ou-  
 tro culto he indigno de huma ma-  
 gestade tão alta.

Assim Deos era muito grande para  
 ser louvado. Era hum crime expri-  
 mir, como podemos, o que pensa-  
 mos da sua grandeza. O Sacrificio,  
 ainda

*Porph.  
 lib 2. de  
 abstina.  
 Aug. de  
 Civ. X.*

ainda que não seja senão huma maneira de declarar a nossa dependencia profunda, e hum reconhecimento da sua soberanidade, não era para elle. Porfirio o dizia assim expressamente; e isto, que outra cousa era mais que abolir a Religião, e deixar totalmente sem culto aquelle que se reconhecia por Deos dos Deoses?

Mas que era isto pois que aquelles Sacerdotes, que os Gentios offereciaõ em todos os Templos? Porfirio tinha achado o seu segredo. Ahi havia, dizia elle, espiritos impuros, enganadores, malfeitos, que por huma soberba insensata, querião passar por Deoses, e fazer-se servir pelos homens. Era preciso apasguallos, temendo que nos fizessem mal. Huns mais alegres, e mais engraçados se deixavaõ ganhar pelos espectaculos, e pelos jogos: o humor mais sembrio dos outros queria o cheiro da gordura, e se satisfazia com os sacrificios sauguiolentos. De que serve refutar estas absurdidades? em fim os Christãos ganhavaõ a sua causa. Era tido por constante, que todos os Deoses a quem se-

*Prop. 22  
de abst. 2.  
Lab. apud  
Aug. 7. de  
Civ. 13.*



sacrificava entre os Genticos, eraõ  
 espiritos malignos, cuja soberba lhes  
 attribuia a Divindade; de sorte que  
 a Idolatria vendo a em si mesma,  
 parecia somente o effeito de huma  
 ignorancia brutal; mas subindo á  
 sua origem, era huma obra trazida  
 de longe, levada para os ultimos ex-  
 cessos pelos espiritos maliciosos. Isto  
 he o que os Christãos haviãõ sempre  
 pertendido; isto he o que ensinava o  
 Evangelho; isto he o que cantava o  
 Psalmista: *todos os Deoses dos Genticos  
 são demonios, mas o Senhor tem feito  
 os Ceos.*

*Pf. XCV.  
 5.*

E com tudo, Serenissimo Senhor,  
 estranha cegueira do Genero huma-  
 no, a Idolatria reduzida á extreni-  
 dade, e confundida per si mesma,  
 não deixava de se sustentar. Não era  
 preciso mais que revestilla de algu-  
 ma apparencia, e explicalla em pa-  
 lavras, cujo som fosse agradavel ao  
 ouvido, para a fazer entrar nos co-  
 rações. Porfirio era admirado. Jam-  
 blico seu Sectario passava por hum  
 homem Divino, porque sabia cobrir  
 os pensamentos de seu mestre com  
 termos que pareciaõ mysteriosos, a-  
 inda que na realidade nada significas-  
 sem,

fem. Juliano Apostata, todo fino como elle era, foi enganado por estas apparencias, os mesmos Pagãos o contaõ. Os encantamentos verdadeiros ou falsos, que estes Filozofos louvavaõ, a sua austeridade mal entendida, a sua abstinencia ridicula, que chegava até a fazer hum crime de comer os animaes, as suas purificações supersticiosas, em fim a sua contemplação que se evaporava em vãos pensamentos, e as suas palavras tão pouco solidas como pareciaõ magnificas, enganavaõ ao mundo; mas não digo o principal. A santidade dos costumes Christãos, o desprezo dos prazeres, que ella recommendava, e mais que tudo isto a humildade, que fazia o fundo do Christianismo, offendia aos homens; e se o sabemos comprehender, a soberba, a sensualidade, e a libertinagem eraõ as unicas prohibições da Idolatria.

A Igreja a extirpava todos os dias por meio da sua doutrina, e ainda mais pela sua paciencia. Mas aquelles espiritos malignos, que não haviaõ jamais cessado de enganarem aos homens, e que os haviaõ mergulhado na Idolatria, não se esqueceraõ da sua

*Eunap.  
Maxim.  
Oribas  
Chrisant.  
Ep. Jul. ad  
Jamb.  
Amm.  
Marcel.  
lib 22.  
23. 24*

VOX. 12

sua malicia. Suscitáraõ na Igreja a-  
 quella heresia que V. Alteza tem  
 visto. Homens curiosos, e por isso  
 vãos, e innovadores quizerãõ adqui-  
 rir hum nome entre os fideis, e não  
 se poderãõ contentar com aquella sa-  
 bedoria sobria, e temperada que o  
 Apostolo havia tanto recommendado  
 aos Christãos. Entravaõ muito den-  
 tro dos Mystérios, que queriaõ me-  
 dir pelas nossas fracas percepções  
 novos Filósofos, que misturavaõ os  
 discursos humanos com a Fé, e em-  
 prendiaõ diminuir as difficuldades  
 do Christianismo, não podendo de-  
 gerir todo o rigor que o mundo acha-  
 va no Evangelho. Assim successiva-  
 mente, e com huma especie de me-  
 thodo, todos os Artigos da nossa Fé  
 foraõ atacados: a creação, a Lei de  
 Moysés, fundamento necessario da  
 nossa, a Divindade de Jesus Christo,  
 a sua Incarnação, a sua Graça, os  
 seus Sacramentos, tudo em fim deo  
 materia a divisões escandalosas. Cel-  
 so, e os outros nos reprehendiaõ del-  
 las. A Idolatria parecia triumphar. El-  
 la via o Christianismo como huma  
 nova Seita de Filosofia, que tinha a  
 sorte de todas as outras, como ellas  
 se

*Rom. 12.  
 3.*

*Orig. lib.  
 V. cont.  
 Cels.*

se devidia em muitas outras Seitas. A Igreja não lhes parecia senão huma obra humana prompta para cahir per si mesma. Concluia-se que em materia de Religião não se devia subtilizar mais que os nossos antepassados, nem emprehender mudar o mundo.

Nesta confusão de Seitas que se jactavaõ de serem Christãs, Deos não faltou á sua Igreja. Soube-lhe conservar hum caracter de authoridade que as heresias não podião tomar: ella era Catholica, e Universal; abraçava todos os tempos: extendia-se por todas as partes: era Apostolica; a continuação, a successão, a cadeira da unidade, a authoridade primitiva lhe pertencia. Todos aquelles que a deixavaõ, a tinhaõ primeiramente reconhecido, e não podião apagar o caracter da sua novidade, nem o da sua rebellião. Os mesmos Pagaõs a viaõ como aquella que era a Astia, o todo de donde as pequenas partes se haviaõ separado, o tronco sempre vivo que os ramos cortados deixavaõ na sua inteireza. Celso, que reprehendia aos Christãos as suas divisões, entre tantas Igrejas

Scif-

*Iren. 3: 1. 2. 3. 41*

*Tertul. de præscripti. 20. 21. 32. 36.*

*Orig. lib. 1. cont. V. 113*

*Orig. lib.  
V.*

*Euseb.  
Hist. Eccl.  
lib. 7.*

*Amm.  
Marc.  
lib. 21.*

Scismaticas que via levantarem-se, affinalava huma Igreja distincta de todas as outras, e sempre mais forte, a qual por essa razaõ tambem chama-va a grande Igreja. Alguns ha, dizia elle, entre os Christãos, que não reconhecem o Creador, nem as tradições dos Judeos; elle queria fallar dos Marcionitas; mas, profegue elle, a grande Igreja os recebe. Na desordem que excitou Paulo de Samosate, o Imperador Aureliano não teve difficuldade em reconhecer a verdadeira Igreja Christã, á qual pertencia a casa da Igreja, ou que isto fosse o lugar da oração, ou a casa do Bispo. Julgou que pertencia áquelles que estavam em communhão com os Bispos da Italia, e o de Roma, porque via desde muito longo tempo a maior parte dos Christãos nesta Communhão. Quando o Imperador Constancio inquietava tudo na Igreja, a confusão que nella punha protegendo os Arianos, não pode impedir que Ammiانو Marcellino, todo Pagão como era, não reconhecesse que este Imperador se apartava do direito caminho da Religião Christã, simples, e precisa per si mesma nos seus dogmas,

e no

e no seu procedimento. Isto he que a Igreja verdadeira tinha huma magestade, e huma recta intençãõ, que as heresias não podião, nem imitar, nem escurecer; pelo contrario, sem quererem, ellas davaõ testemunho á Igreja Catholica. Constancio, que perseguia a S.<sup>ta</sup> Athanasio, defensor da antiga fé, *desfejava com ardor*, diz Ammiano Marcellino, *de o fazer condemnar pela authoridade que tinha o Bispo de Roma sobre os outros*. Procurando apoiar-se desta authoridade, fazia sentir aos mesmos Pagaõs o que faltava á Seita, e honrava a Igreja, da qual os Arrianos se haviãõ separado: allim os Gentios mesmos conheciaõ a Igreja Catholica. Se alguem lhes perguntava aonde ella tinha as suas congregações, e quaes erãõ os seus Bispos, nesta materia nunca se enganavaõ. Pelo que toca ás heresias, quaesquer que fossem, ellas não podião desfazer-se do nome dos seus Authores. Os Sabelianos, os Paulianistas, os Arrianos, os Pelagianos, e os outros em vão se offendiaõ do titulo de partido, que se lhes dava. O mundo, a pezar de que elles o tivessem, queria fallar na-

naturalmente, e demonstrava a cada Seita por aquelle de quem tirava o seu nascimento. Pelo que respeita a grande Igreja, a Igreja Catholica, e Apostolica, não tem ja mais sido possível nomear-lhe outro Author, senão o mesmo Jesus Christo, nem afinalar-lhes os primeiros dos seus Pastores sem subir até os Apostolos, nem dar-lhe outro nome mais que aquelle que ella tomava. Assim, por mais que fizessem os hereges, não a podiaõ occultar aos Pagãos. Ella lhes abria o seu seio por toda a Terra: elles em chusma para ella corriaõ. Alguns destes se perdiaõ talvez em os caminhos contrarios: mas a Igreja Catholica era o grande caminho, aonde entrava sempre a maior parte daquelles que procuravaõ a Jesus Christo; e a experiencia tem mostrado, que a ella he que era dado o congregar os Gentios. Ella era tambem aquella a quem os Imperadores Infiéis atacavaõ com toda a sua força. Origines nos ensina, que poucos hereges tem tido que padecer pela Fé. S. Justino, mais antigo do que elle, tem notado que a perseguiçãõ poupava aos Marcionitas, e aos

*Orig.  
con. Cels.  
VII.  
Just. A-  
fol. 2.*

e aos outros hereges. Os Pagãos não perseguiam mais que a Igreja, que viao extender-se por toda a terra, e não reconheciam mais que a ella só pela Igreja de Jesus Christo. Que importa que se lhe arrancasse alguns ramos? O seu bom succo por isto não se perdia: ella brutava por outros lugares, e o corte da madeira supertua, não fazia mais que tomar os seus fructos melhores. Com effeito, se se considera a Historia da Igreja, ver-se-ha que todas as vezes que huma heresia a tem diminuido, ella tem recuperado as suas perdas, extendendo por fóra, e augmentando por dentro a luz, e a piedade, em quanto se tem visto seccar em lugares desviados os ramos cortados. As obras dos homens tem acabado a pezar do Inferno, que as sustinha: a obra de Deos tem subsistido; a Igreja tem triunfado da Idolatria, e de todos os erros,



## CAPITULO XXVII.

*Reflexão geral sobre a continuação  
da Religião, e sobre a relação  
que ha entre os livros da Escri-  
ptura.*

**E**sta Igreja sempre atacada, e nunca vencida, he hum milagre perpetuo, e hum testemunho brilhante da immutabilidade dos conselhos de Deos. No meio da agitação das cousas humanas, ella se sustem sempre com huma força invencivel, de sorte que por huma continuação na5 interrompida depois de dezafete seculos, nós a vemos remontar, até Jesus Christo, no qual tem acolhido a successão do antigo povo, e se acha reunida aos Profetas, e aos Patriarchas.

Affim tantos milagres pafmosos, que os antigos Hebreos tem visto com os seus olhos, servem ainda hoje para confirmar a nossa Fé. Deos, que os tem obrado para dar testemunho á sua unidade, e á sua omnipotencia, que podia fazer authentico

tico para conservar a sua memoria,  
 do que deixar entre a mãos de todo  
 hum grande povo as Actas que os  
 attestaõ postos pela ordem dos tem-  
 pos? Isto he o que ainda vemos nos  
 livros do antigo Testamento, isto he,  
 nos livros os mais antigos, que ha  
 no mundo, nos livros que saõ os  
 unicos da antiguidade, aonde o co-  
 nhecimento do verdadeiro Deos he  
 ensinado, e o seu serviço ordena-  
 do, nos livros que o Povo Judai-  
 co tem sempre taõ religiosamente  
 guardado. Este povo he o unico que  
 tem reconhecido, desde a sua ori-  
 gem o Deos Creador do Ceo, e da  
 Terra, o unico por consequencia  
 que devia ser o depositario dos se-  
 gredos Divinos. Tambem os tem con-  
 servado com huma Religiaõ que naõ  
 tem exemplos. Os livros, que os  
 Egypcios, e os outros povos chama-  
 vaõ Divinos, perderaõ-se ha mui-  
 to tempo, e apenas nos resta del-  
 les alguma memoria confusa nas his-  
 torias antigas. Os livros sagrados dos  
 Romanos, em que Numa, Author  
 da sua Religiaõ, havia escripto os  
 seus mysterios, acabáraõ entre as  
 mãos dos mesmos Romanos, e o Se-

*lib. 40. c. 9.  
Varr. lib.  
de cult.*

*Decr. a-  
pud Aug.  
de Civ.  
VIII. 34.*

nado os fez queimar, como enca-  
minhados para destruirem a Religi-  
aõ. Estes mesmos Romanos tem por  
fim deixado perecer os livros Sibi-  
linos, por taõ longo tempo vene-  
rados entre elles como profeticos,  
e aonde queriaõ que se creffe que  
elles achariaõ os decretos dos Deo-  
ses immortaes sobre o seu Imperio,  
sem por tanto delles terem ja mais  
mostrado ao publico, naõ digo hum  
fõ volume, mas hum fõ oraculo.  
Os Judeos tem sido os unicos, en-  
tre os quaes as Escripturas Sagra-  
das tem estado em outra tanta mais  
veneraçã, porque ellas tem sido  
mais conhecidas de todos os povos  
antigos; elles saõ os unicos que tem  
conservado os monumentos primit-  
tivos da sua Religiã, ainda que  
fossẽm cheios de testemunhos da sua  
infidelidade, e da dos seus ascen-  
dentes. E ainda hoje este mesmo po-  
vo existe sobre a terra para levar  
a todas as Naçoens por onde tem  
sido espalhado, com a continuaçã  
da Religiã, os milagres, e as pre-  
diçoens, que a constituem immovel.  
Quando Jesus Christo veio; e  
mandado por seu Pai cumprir as pro-  
messas

messas da Lei, confirmou a sua Mis-  
 saõ, e a dos seus Discipulos por  
 milagres novos, elles tem sido es-  
 criptos com a mesma exacçaõ. As  
 Actas delles, tem sido publicadas  
 a toda a terra: as circumstancias  
 dos tempos, das pessoas, e dos lu-  
 gares, tem tornado o exame facil  
 a qualquer que tem sido cuidado-  
 so da sua salvaçaõ. O mundo he for-  
 mado, o mundo tem crescido; e  
 por pouco que se tenha considera-  
 do os antigos monumentos da Igreja,  
 se confessará que ja mais algum ne-  
 gocio naõ tem sido julgado com mais  
 reflexaõ, e conhecimento.

Mas na relaçaõ, que tem jun-  
 tamente os livros dos dous Testa-  
 mentos, ha huma differença para  
 considerar; e he que os livros do  
 antigo povo tem sido compostos em  
 diversos tempos. Outros saõ os tem-  
 pos de Moyses, outros os de Josué,  
 e dos Juizes; outros os dos Reis;  
 outros os em que o povo foi tira-  
 do do Egypto, e em que recebeu  
 a Lei; outros os em que conquistou  
 a terra promettida; outros os em  
 que foi restabelecido por milagres  
 vultuosos. Para convencer a incredu-  
 lida-

lidade de hum povo preocupado pelos sentidos, Deos tomou huma longa extensaõ de seculos, durante os quaes tem distribuido os seus milagres, e os seus Profetas, a fim de renovar repetidas vezes os testemunhos sensiveis, pelos quaes attestava as suas verdades santas. Em o novo Testamento seguiu huma diferente ordem. Nada mais quer revelar de novo á sua Igreja depois de Jesus Christo; nelle está a perfeiçãõ, e a plenitude; e todos os livros Divinos que tem sido compostos em nova alliança, o tem sido no tempo dos Apostolos.

Isto he, que o testemunho de Jesus Christo, e daquelles que o mesmo Jesus Christo se dignou escolher para testemunhas da sua resurreiçãõ, tem sido bastante para a Igreja Christãã. Tudo o que veio depois a tem edificado, mas ella não tem visto, como puramente inspirado por Deos, senãõ o que os Apostolos tem escripto, ou o que tem confirmado pela sua authoridade.

Mas nesta differença que se acha entre os livros dos dous Testamentos,

tos, Deos tem sempre guardado aquella ordem admiravel de fazer escrever as cousas nos tempos em que eraõ acontecidas, ou em que era fresca a sua memoria. Assim aquelles que as sabião as escreveraõ: os que as sabião tem recebido os livros, que dellas devaõ testemunho; huns, e outros as tem deixado a seus descendentes, como huma herança preciosa, e a piedosa posteridade as tem conservado.

Assim he que se tem formado o corpo das Escripturas santas, assim do antigo, como do novo Testamento: Escripturas que desde a sua origem tem sido vistas, como verdadeiras em tudo, como dadas pelo mesmo Deos, e que tambem tem sido conservadas com tanta Religiaõ, que se naõ tem podido crer poder sem impiedade alterar nellas huma só letra.

Assim he que chegaraõ ás nossas mãos, sempre santas, sempre sagradas, sempre inviolaveis; conservadas humas pela tradiçaõ constante do povo Judaico, e outras pela tradiçaõ do povo Christaõ, outro tanto mais certa por haver sido con-

firmada pelo sangue, e pelo martyrio, assim dos que tem escripto estes livros Divinos, como dos que os tem recebido.

*Aug. cont.* Santo Agostinho, e os outros Pa-  
*Faust. XI.* dres perguntã sobre a Fé de quem  
 2. nós attribuímos os livros profanos  
*XXXIII.* a tempos, e a Authores certos. Ca-  
 21. da hum responde logo, que os li-  
*XXXIII.* vros são distintos pelas diferentes  
 6. relações que tem com as Leis,  
*Iren. I. 2.* com os costumes, com as histórias,  
 17. *Tertul. ad* com hum certo tempo, pelo mes-  
*Marc. IV.* mo estylo que traz impresso o cara-  
 1. 4. 5. cter das idades, e dos Authores par-  
*Aug. de* ticulares: e mais que tudo isto, pela  
*utilit. cred.* Fé publica, e por huma tradiçã  
 3. 37. *cont.* constante. Todas estas cousas concor-  
*Faustum.* rem para estebelecer os livros Di-  
*Mani-* vinos, para distinguir os seus tem-  
*ebecum.* pos, para assinalar os seus Autho-  
*XII. 77.* res; e mais Religiã houve em os  
*XXXII.* conservar na sua inteireza, mais a  
*XXXIII.* tradiçã que no-los conserva he in-  
*cont. adv.* contestavel.  
*leg. &*  
*Parph. I.*  
 20. *&c.*

Tambem tem sido sempre reco-  
 nhecida, não sómente pelos Catho-  
 licos, mas tambem pelos hereges,  
 e até pelos inleis. Moyses tem pas-  
 sado iempre em todo o Oriente, e  
 de

depois em todo o mundo pelo Legislator dos Judeos, e pelo Author dos livros que elles lhe attribuem. Os Samarytanos que os tem recebido das dez Tribus separadas, os tem conservado taõ religiosamente com os Judeos: a sua tradiçaõ, e a sua historia he constante; e basta passar pelos olhos alguns lugares da primeira parte, para ver toda a sua continuacaõ.

Dous povos taõ oppostos naõ tem tomado hum do outro estes livros Divinos; ambos elles os tem recebido da sua origem commua desde o tempo de Salomaõ, e David. Os antigos caracteres Hebreos, que os Samarytanos ainda conservaõ, mostraõ sufficientemente, que elles naõ tem seguido a Esdras, que os mudou. Assim o Pentateuco dos Samarytanos, e dos Judeos saõ dous originaes completos, independentes hum do outro. A perfeita conformidade, que ahi se vê na substancia do Texto, justifica a boa fe dos dous povos. Isto saõ duas testemunhas fies que convêm sem serem entendidos, ou para melhor dizer, que concordãõ a pezar das suas inimi-



zidades, e que só a tradiçãõ immemorial de huma parte, e da outra, os tem unido no mesmo pensamento.

Aquelles pois, que tem querido dizer, ainda que sem alguma razão, que estes livros sendo perdidos, ou não tendo ja mais existido, tem sido, ou restabelecidos, ou compostos de novo, ou alterados por Esdras, além de que são desmentidos pelo mesmo Esdras, ou são também pelo Penthateuco, que se acha ainda hoje entre as mãos dos Samaritanos, tal como o tinhaõ Jido nos primeiros seculos Eusebio de Ceserea, S. Jeronymo, e os outros Authores Ecclesiasticos; tal como estes povos o tinhaõ conservado desde a sua origem: e huma Seita tão fraca parece não durar tão longo tempo, senão para dar este testemunho á antiguidade de Moyses.

Os Authores, que tem escripto os quatro Evangelhos, não recebem hum testemunho menos seguro do consentimento unanime dos Fieis, dos Pagãos, e dos Hereges. Aquelle grande numero de povos diversos  
que

que tem recebido, e traduzido estes livros Divinos, logo que foram feitos, concordão todos na sua data, e nos seus Authores. Os Pagãos não tem contraditado esta tradiçãõ. Nem Celfo, que tem atacado estes livros sagrados, quasi na origem do Christianismo; nem Juliano Apostata, ainda que nada tenha ignorado, nem nada omittido do que os podia desacreditar, nem outro algum Pagão tem ja mais suspeitado que são suppostos; pelo contrario todos lhes tem dado os mesmos Authores, que os Christãos. Os hereges, ainda que opprimidos pela authoridade destes livros, não se atrevião a dizer que não fossem dos Discipulos de Nosso Senhor. Tem havido com tudo hereges, que tem visto os principios da Igreja, e diante dos olhos, dos quaes tem sido escriptos os livros do Evangelho. Assim o engano, se ali o pôde haver, tem sido aclarado de muito perto para ter effeito. He verdade que depois dos Apostolos, e quando a Igreja era já extendida por toda a terra, Marcian, e Manes, constantemente os mais temerarios e os mais ignorantes

de todos os hereses, apezar da tradiçãõ vinda dos Apostolos, continuada pelos seus Discipulos, e pelos Bispos, a quem tinhaõ deixado a tua cadeira, e o governo dos povos, e recelida unanimamente por toda a Igreja Christãã, se atreveraõ a dizer, que os tres Evangelhos eraõ suppletos, e que o de S. Lucas que preleriaõ aos outros, naõ se sabe porque, pois que naõ tinhaõ vindo por outro caminho, havia sido falsificado. Mas que provas disto davaõ elles? Puras visões, nenhuns factos positivos. Diziaõ por toda a rrazãõ, que o que era contrario aos seus sentimentos, devia necessariamente ter sido inventado por contrarios que naõ fossem os Apostolos, e allegavaõ por toda a prova as mesmas opinioens que se lhes contestava; opinioens por outra parte taõ extravagantes, e taõ manifestamente incoerentes, que ainda se naõ sabe como tem podido entrar no juizo humano. Mas certamente para accusar a boa Fe da Igreja, era preciso ter na maõ originaes differentes dos seus, ou alguma prova constante. Interpolados para as produ-  
zirem

*Iren.  
Terul.  
Aug. loc.  
cit.*

zirem elles, e os seus Discipulos, ficaram mudos, e deixaram pelo seu silencio huma prova indubitavel de que no segundo seculo do Christianismo, em que elles escrevião, não havia somente hum indicio de falsidade, nem a menor conjectura que se podesse oppôr á tradiçã da Igreja.

Que direi eu do consentimento dos Livros da Escripura, e do testemunho admiravel que todos os tempos do Povo de Deus se dão hums aos outros? Os tempos do segundo Templo supõe os do primeiro, e nos encaminha para Salomão. A paz não veio senão por meio dos combates; e as conquistas do Povo de Deus nos fazem subir até os Juizes, até Josué, e até a saída do Egypto. Vendo todo hum povo sair de hum Reino em que era estrangeiro, qualquer se lembra como elle ali havia entrado. Os doze Patriarchas apparecem logo, e hum povo, que não he já mais victo, senão como huma só familia, nos conduz naturalmente para Abraham, que he o seu tronco. Este povo he mais sabio, e menos inclinado para a idolatria depois da re-

tirada de Babilonia? Este era o effeito natural de hum grande castigo, que os seus peccados passados lhe haviaõ adquirido. Se este povo se gloria de haver visto durante muitos seculos milagres que os outros povos naõ temjá mais visto, elle se póde tambem glorificar de haver tido o conhecimento de Deos, que outro algum povo naõ tinha. Que se quer que signifique a Circumcisão, e a Festa dos Tabernaculos, e a Pascoa, e as outras festas celebradas em a nação por tempo immemoravel, senão as cousas que se achão assinaladas no livro de Moysés? Que hum povo distincto dos outros por huma Religião, e por costumes tão particulares, que conservaõ desde a sua origem, sobre o fundamento da criação, e sobre fé da Providencia, huma doutrina tão seguida, e tão elevada, huma memoria tão viva de huma tão longa continuação de factos tão necessariamente encadeados, de ceremonias tão reguladas, de costumes tão universaes, tenha existido sem huma historia, que lhe assinalasse a sua

origem, e sem huma Lei que lhe prescrevesse os seus costumes por espaço de mil annos, que ficou em o estado, e que Esdras tenha começado a querer-lhe dar de repente, debaixo do nome de Moysés com a historia das suas antiguidades, a Lei que formava os seus costumes, quando este povo vindo a ser cativo vio a sua antiga Monarquia totalmente destruida, que fabula mais incrivel se poderia já mais inventar? E pôde-se dar credito a isto sem ajuntar a ignorancia á blasfemia?

Para perder huma tal Lei, quando se tem huma vez recebido, he preciso que hum povo seja exterminado, ou que por diversas mudanças elle tenha vindo a não ter senão huma idéa confusa da sua origem, da sua Religião, e dos seus costumes. Se esta desgraça tem acontecido ao povo Judaico, e a Lei tão conhecida debaixo de Sedecias se tenha perdido sessenta annos depois a pezar dos cuidados, de hum Ezequiel, de hum Jeremias, de hum Baruch, de hum Daniel, que tem hum recurto perpetuo a ella Lei,

como

como ao unico fundameato da Religiaõ, e da Folicia do seu povo; se, digo eu, a Lei se perdeu a pezar destes grandes homens, sem contar os outros, e no tempo em que a mesm a Lei tinha os seus Martyres, como o mostrã as perseguiçoens de Daniel, e dos tres neninos; se com tudo a pezar de tudo isto ella se tem perdido em tão pouco tempo, e ficado tão profundamente esquecida, que seja permitido a Estras restabelecella segundo a sua fantazia; isto não era o só livro que elle lhe era preciso fabricar. Era preciso compor no tempo todos os Profetas antigos, e novos, isto he, os que tinhaõ eteripto antes, e durante o cativoiro, os que o Povo tinha visto escrever, do mesmo modo que aquelles, dos quaes conservava a memoria; e não sómente os Profetas, mas tambem os livros de Salomão, e os Psalmos de David, e todos os livros de historia; pois que apenas se achará em toda esta historia hum só facto consideravel, e em todos aquelles outros livros hum só capitulo, que tirado de Moyses, tal como nos o

temos, possa subsistir hum só momento. Tudo ahi falla de Moysés, tudo ahi he fundado sobre Moysés, e isto devia ser assim, pois que Moysés, e a sua Lei, e a historia que elle escreveu era na realidade no povo Judaico todo o fundamento da conducta publica, e particular. Era na verdade para Esdras huma maravilhosa empreza, e bem nova no mundo, fazer fallar no mesmo tempo com Moysés tantos homens de character, e estylo differente, e cada hum por huma maneira uniforme, e sempre semelhante a si mesma; e fazer acreditar de repente a todo hum Povo, que estes sab os livros antigos, que sempre venerou, e os novos que vio fazer, como senão tivesse ja mais ouvido fallar de nada, e que o conhecimento do tempo presente, do mesmo modo que o do tempo passado fosse totalmente abolido. Tais sab os prodigios que se devem crer quando senão quer acreditar os milagres do Omnipotente, nem receber o testemunho, pelo qual he constante, que se tem dito a todo hum grande povo, que elle os tinha



na visto com os seus olhos.

Mas se este povo veio de Babilonia para a terra de seus pais tam novo, e taõ ignorante, que apenas se lembra de que tem existido, desorte que tenha recebido sem examinar tudo o que Esdras lhe tiver querido dar, como pois vemos nós no livro q̄ Edras escreveo, e no de Nehemias seu contemporaneo, tudo o que se diz nos livros Divinos? Quem teria podido ouvir fallar na Lei de Moysés em tantos lugares, e publicamente, como de huma cousa conhecida de todo o mundo, e que todo o mundo tinha entre as suas mãos? tiveram-se elles atrevido a regular por isto as Festas, os Sacrificios, as Ceremonias, a fórma do Altar reedificado, os Casamentos, a Policia, e em huma palavra todas as cousas, dizendo sem cessar que tudo se fazia *conforme estava escripto na Lei de Moysés servo de Deus*? Como se vê todo o povo obrar naturalmente em consequencia desta Lei, como tendo-a tido sempre presente? Como he que todo este povo podia dar ouyidos a Aggeo, a Zacharias, e a Malaquias, que entaõ profetizavã, os quaes com os outros

Pro-

1. *Esd.*  
III. VII.  
IX. X.  
2. *Esd.*  
V. VIII.  
IX. XII.  
XIII.  
1. *Esd.*  
III.  
2. *Esd.*  
VIII.  
XIII. &c.

Profetas seus predecessores, naõ lhes ptegravaõ senaõ a *Moyses*, e a *Lei que Deos lhe havia dado em Horeb*; e isto como huma cousa conhecida, e de todos os tempos em vigor em a naçaõ? Mas como se diz no mesmo tempo, e na vinda do povo, que todo este povo admirou o cumprimento do Oraculo de Jeremias tocante aos 70. annos do cativoiro? Este Jeremias, que Esdras vinha de formar com todos os outros Profetas, como tem elle de repente achado a crença? Porque artificio novo se tem pòdido persuadir a todo hum povo, e aos velhos, que tinhaõ visto a este Profeta, que elles tinhaõ sempre esperado o livramento milagroso, que elle lhes havia annunciado nos seus escriptos? Mas tudo isto será ainda supposto: Esdras, e Nehemias naõ teraõ escripto a historia do seu tempo, qual outro o teraõ feito debaixo do seu nome; e aquelles que tem fabricado todos os outros livros do antigo Testamento, teraõ sido taõ favorecidos da posteridade, que os outros falsarios lho teraõ supposto a elles mesmos, para darem crença a sua impostura.

Cau-

*Mal. IV.*  
*4. Par.*  
*XXXVI;*  
*22.*  
*1. Esdr.*  
*I. 1.*  
*Esdr.*  
*III. XII.*  
*IX. X.*  
*Esdr.*  
*N. VIII.*  
*IX. XII.*  
*XIII.*  
*1. Esdr.*  
*III.*  
*2. Esdr.*  
*VII.*  
*XIII. 2.*

Causáraõ vergonha sem duvida tantas extravagancias; e em lugar de dizer que Edras tem feito de repente apparecer tantos livros, taõ distinctos huns dos outros pelos caracteres do estylo, e do tempo, dir-se-ha que ahi terá podido ingerir milagres, e predicçoens que os fazem passar por Divinos: erro ainda mais grosseiro que o antecedente, pois que estes milagres, e estas predicçoens saõ de tal modo espalhados por todos aquelles livros; saõ de tal modo inculcados, e repetidos por tantas vezes, e com tantas frases diversas, e huma taõ grande variedade de fortes figuras; em huma palavra, fazem de tal fórma todo o seu corpo, que sómente he preciso naõ ter jamais aberto aquelles Santos livros, para naõ ver que ainda he mais facil confundillos, para assim dizer, totalmente do que ahi ingerir cousas que os incredulos se enfiadaõ tanto para nelles, as acharem. E quando mesmo se lhes teria concedido tudo o que elles pedem, o milagroso, e o Divino he de tal modo o fundo daquelles livros, que ainda assim mesmo ahi se acharia. Se se

quer

quer que Esdras ahi tenha accrescentado depois as predicçoens das cousas acontecidas no seu tempo, as que se cumprirão depois por exemplo, debaixo de Antiocho, e dos Machabeos, e tantos outros que se tem visto; quem as terá accrescentado? Deos terá, talvez, dado a Esdras o dom da Profecia, a fim de que a impostura de Esdras fosse mais verosimel; e antes se crerá que hum falsario fosse Profeta do que Isaias, ou que Jeremias, ou que Daniel: ou antes cada seculo terá trazido hum falsario feliz, a quem todo o povo terá dado credito; e novos impostores por hum zelo admiravel de Religião, terãõ continuamente accrescentado aos livros Divinos, mesmo depois que o seu Canon terá sido fechado, que elles se tiverãõ espalhado com os Judeos por toda a terra, e se houverem traduzido em tantas lingoas estrangeiras. Não teve isto sido, por força de querer estabelecer a Religião destruida pelos fundamentos? Hum povo todo deixa mudar tão facilmente o que crê ser Divino, ou o creia pela razaõ, ou pelo erro? Qualquer pôde esperar persu-

persuadir aos Christãos, ou mesmo aos Turcos, que accrescentem hum só Capitulo, ou ao Evangelho, ou ao Alcorão? Mas talvez que os Judeos erã mais doceis que os outros povos, ou menos religiosos em conservar os seus santos livros. Que monstros de opinioens he preciso pôr no pensamento quando se quer facudir o jugo da authoridade Divina, não regular os seus sentimentos do mesmo modo que os seus costumes, mais que pela sua raza errada!

## CAPITULO XXVIII.

*As difficuldades que se formão contra a Escriptura são faceis de se vencerem por bom senso, bom Juizo, e de boa fé.*

**N**ÃO se diga que a disputa destes factos causa embaraço: porque quando de tal natureza fosse, feria preciso, ou referillos a authoridade da Igreja, e á tradiçã de tantos seculos, ou levar o exame até o fim, e não crer que delle se estava deso-

desobrigado por dizer que pede mais tempo, que este se quer dar á sua salvaçaõ. Mas em substancia, sem revolver com hum trabalho infinito os livros dos dous Testamentos, naõ he preciso mais que ler o livro dos Psalmos, v aonde estaõ recopilados tantos antigos Canticos do Povo de Deos, para ahi ver na mais Divina poezia que nunca houve, os monumentos immortaes da Historia de Moysès, da dos Juizes, da dos Reis, impressos pelo canto, e pela medida na memoria dos homens. E pelo que toca ao novo Testamento, só as Epistolas de S. Paulo taõ vivas, e taõ originaes, taõ fortes do tempo dos negocios, e dos movimentos que entaõ havia, e em fim de hum caracter taõ affinallado; estas Epistolas, digo eu, recebidas pelas Igrejas, para as quaes eraõ dirigidas, e de lá communicadas ás outras Igrejas, bastariaõ para convencer os bons juizes, de que tudo he sincero, e original nas Escripturas, que os Apostolos nos deixarãõ.

Tambem se sustentãõ ellas humas ás outras com huma força inven-

vencivel. Os Actos dos Apostolos não fazem mais que continuar o Evangelho; as suas Epistolas o supõe necessariamente: mas a fim de que tudo concorde, os Actos, e as Epistolas, e os Evangelhos, reclamam por toda a parte os antigos livros dos Judeos. S. Paulo, e os outros Apostolos não cessam de allegarem o que *Moyfés disse*, o que *escreveo*, o que os Profetas disseram, e escreveram depois de Moyfés. Jesus Christo chama em testemunho a *Lei de Moyfés, e os Profetas, e os Psalmos*, como testemunhas que depõe todas da mesma verdade. Se elle quer explicar os seus Mystérios, *começa por Moyfés, e pelos Profetas*, e quando diz aos Judeos que *Moyfés escreveo delle*, põe por fundamento o que havia mais constante entre elles, e os encaminha para a mesma fonte das suas tradiçoens.

Vejamos com tudo o que se oppõe a huma authoridade tão reconhecida, e ao consentimento de tantos seculos: porque pois que nos nossos dias tem havido grande atrevimento em publicar em toda a qualidade de linguas livros contra

a Ef-

a Escriptura, não se deve dissimular o que se diz para desacreditar as suas antiguidades, que se diz pois para authorisar a supposiçã do Pentateuco, e que objecçã se pôde formar contra huma tradiçã de tres mil annos, sustentada pela sua propria força, e pela successã das cousas? Nada seguido, nada positivo, nada importante; cavilaçoens sobre os numeros, sobre os lugares ou sobre os nomes; e taes observaçoens, que em outra qualquer materia não passariaõ quando muito senã por vans curiosidades incapazes de darem assalto ao fundo das cousas, nos saõ aqui allegadas como fazendo a decisaõ do negocio o mais serio que nunca houve.

Ha difficuldades, dizem, na Historia da Escriptura. Sem duvida as ha, e não as haveria se o livro fosse menos antigo, ou se tivesse sido supposto, como se atrevem a dizer, por hum homem sabio, e industrioso, se se tivesse sido menos religioso em o dar tal como se achava, e se se tivesse tomado a liberdade de ahi corrigir o que fazia duvida. Ha as difficuldades que faz

Q

hum



hum longo tempo quando os lugares tem mudado de nome, ou de estado; quando as datas são esquecidas, quando as genealogias não são mais conhecidas, que não ha mais remedio para as faltas que huma copia, muito ou pouco culta, introduzida tão facilmente em taes causas; ou que factos que escaparam á memoria dos homens deixem escuridade em alguma parte da historia. Mas em fim esta escuridade está na mesma continuação, ou no fundo do negocio? Por nenhum modo: tudo ahi he seguido, e o que resta escuro, não serve mais que para fazer ver nos livros santos huma antiguidade mais veneravel.

*Deut.*  
*XXVII.*  
4

Mas ahi ha alteraçoes no Texto: as antigas versoes não concordam entre si; o Hebreo em diversos lugares he diferente de si mesmo; e o Texto dos Samaritanos além da palavra que se lhes imputa haverem mudado expressamente em favor do seu Templo de Garizim, tambem differe em outros lugares do dos Judeos. E disto que se concluirá? Que os Judeos, ou Esdras terao adulterado o Pen-  
tha-

thateuco quando vieraõ do cati-  
 veiro? He justamente pelo contra-  
 rio, que tudo se deveria concluir.  
 As differenças do Samaritano não  
 servem mais que para confirmar o  
 que havemos ja estabelecido, que  
 o seu Texto he independente do dos  
 Judeos. Tão longe se está de se po-  
 der imaginar que os scismaticos te-  
 nhaõ tomado alguma cousa dos  
 Judeos, e de Esdras, que temos  
 visto pelo contrario, que he em  
 odio dos Judeos, e de Esdras, e  
 em odio do primeiro, e do segundo  
 Templo, que elles têm inventado  
 a sua chimera de Garizim. Estes re-  
 beldes que têm desprezado a Esdras,  
 e a todos os Profetas dos Judeos,  
 com o seu Templo, e Salomaõ, que  
 o havia edificado, do mesmo mo-  
 do que David, que havia assignala-  
 do o lugar, que elles têm respei-  
 tado no seu Penthateuco, senão  
 huma antiguidade superior não só-  
 mente á de Esdras, e dos Profe-  
 tas, mas também á de Salomaõ,  
 e de David, em huma parva a  
 antiguidade de Moysés, na qual os  
 dous povos convém? Quanto pois  
 he incontestavel a authoridade de

-sils

Q 2

Moy-

.m.ck  
11XX

Moyfès, e do Penthateuco, a qual todas as objeçoens não fazem mais que fazela mais firme?

Mas de donde vem estas variedades de Textos, e de versoens? De donde vem ellas na realidade (e não da antiguidade do mesmo livro, que tem passado pelas mãos de tantos copistas depois de tantos seculos, que a lingua em que foi escripto tem cessado de ser commua? Mas deixemos as vans disputas, e cortemos em huma palavra a difficuldade pela raiz. Digafeme senão he constante que de todas as versoens, e de todo o Texto, qualquer que elle seja, resultará sempre as mesmas Leis, e os mesmos milagres, as mesmas predicçoens, a mesma continuação de historia, o mesmo corpo de Doutrina, e em fim a mesma substancia? Em que são nocivas depois disto as diversidades dos Textos? Que nos era preciso mais que este fundo inalteravel dos livros Sagrados; e que podiamos nós pedir mais á Divina Providencia? E pelo que respeita ás versoens, he hum final de suppozição, ou de novidade ser

a lingua da Escriptura tão antiga que se tenha perdido as suas delicadezas, e que se ache impedido de manifestar toda a sua elegancia, ou toda a sua força no ultimo rigor? Não he isto antes huma prova da maior antiguidade? E se se quer fazer caso de cousas pequenas, que se me diga, de tantos lugares em que se encontra embaraço, se acha hum só delles restabelecido pelo discurso, ou pela conjectura. Tem-se seguido a se dos exemplares; e como a tradição não tem já mais promettido que a santa Doutrina podesse ser alterada, julgou-se que os outros erros, se algum restava, não serviriam mais que para provar que nada ahi se tem innovado pelo seu proprio juizo.

Mas, em fim, ex-aquí o forte da objecção, não ha cousas acrescentadas no Texto de Moyses, e de donde vem que se acha a sua morte no fim do livro que se lhe attribue? Que maravilha he, que aquelles que tem continuado a sua historia, tenham acrescentado o seu fim bemaventurado no fim das suas acçoens, a fim de fazerem de tudo

hum mesmo corpo? Pelo que toca ás outras adiçoens, vejamos o que são. He isto alguma Lei nova, ou alguma nova cerimonia, algum dogma, algum milagre, alguma predicção? Em tal se não foyha. Disto ali não ha a menor suspeita, nem o menor indicio: Isto tem sido acrescentado á Obra de Deus, a Lei o havia prohibido, e o escandalo, que se tem causado, tem sido horrivel. Porque pois! o ter-se ha continuado talvez huma genealogia começada, se terá talvez explicado hum nome de Cidade mudado pelo tempo; na occasião do Manná com que o povo se sustentou por espaço de quarenta annos, se terá assignalado o tempo em que cessou este sustento celeste, e este facto escripto depois em hum diferente livro, ficaria por nota em o de Moysés, como hum facto constante, e publico, do qual o povo era testemunha; quatro ou cinco notas desta natureza, feitas por Josué, ou por Samuel, ou por quaesquer outros Profetas de huma semelhante antiguidade; porque ellas não viaõ senão factos notorios, e aon-

de

*Dent. IV.*  
*3. 12. 12.*  
*Joseph.*  
*V. 11.*  
*Exod.*  
*XVI. 35.*

de constantemente não havia dificuldade; e teria naturalmente passado para o Texto; e a mesma tradição não los terá trazido com todo o resto; logo tudo será perdido; Esdras será o acusado, e ainda que Samaritano; e naonde estas notas se acham, nos mostra que ellas tem huma antiguidade não sómente superior á de Esdras, mas também ao schisma das dez Tribus. Não importa, he preciso que tudo caia sobre Esdras. Se estas notas viessem de mais alto, o Pentateuco seria também mais antigo do que he preciso, e não se poderia bastantemente venerar a antiguidade de hum livro, cujas notas mesmas terião huma tão grande idade. Esdras terá pois feito tudo; Esdras se terá esquecido de que queria fazer fallar a Moyses, e lhe terá feito esoter ver tão grosseiramente, como ja aconteceu aquillo que se passou depois d'elle. Toda a obra será convencida de supposiçãõ só por este lugar, a authoridade de tantos seculos, e a fé publica não lhe servirá mais de nada: como se pelo contrario não se vísse que estas no-

VI. 100  
 21. 12. 3  
 11. 12. 3  
 11. 12. 3  
 11. 12. 3  
 11. 12. 3  
 11. 12. 3

tas, das quaes se prevalece, sab hu-  
 ma nova prova da sinceridade e  
 da boa fé, não sómente naquelles  
 que as fizeram, mas também nos  
 que as transferiram? Tem-se já  
 mais julgado da authoridade, não  
 digo de hum livro Divino, mas de  
 qualquer livro que seja, por tão  
 ligeiras razões? Mas isto he, que a  
 Escriptura he hum livro inimigo do  
 Genero humano: elle quer obrigar  
 os homens a fugitão do seu coração  
 a Deos; e a reprimir as suas pa-  
 xões desordenadas: he preciso que  
 elle apabe; e por qualquer preço  
 que seja, deve ser sacrificado à li-  
 bertinagem.

Finalmente não acrediteis que  
 a impiedade se introduza sem ne-  
 cessidade em todos os absurdos que  
 tendes visto. Se, contra o testem-  
 nho do Genero humano, e contra  
 todas as regras da boa razão, se ella  
 se applica a tirarão Bentateuco,  
 e as Profecias os seus Auctores sem-  
 pre reconhecidos, e contestar as su-  
 as datas, isto he que as datas fa-  
 zem tudo nesta materia por duas ra-  
 zões. Primeiramente porque os li-  
 vros cheios de tantos factos mila-  
 gro-

grossos, que se tem revestido das suas circumstancias as mais particulares, e adiantados, não sómente como publicos, mas tambem como presentes, se tivessem podido ser desmentidos, teriaõ levado consigo a sua condemnação; e em lugar de se susterem pelo seu proprio peso, teriaõ cahido per si mesmos ha muito tempo. Em segundo lugar, porque as suas datas, sendo huma vez fixadas, não se pôde mais apagar o final infalivel da inspiração Divina, que trazem impressa no grande numero, e a longa continuacão das predicções memoraveis, das quaes se achão cheios.

Para evitarem estes milagres, e estas predicções he que os impios tem cahido em todas as absurdidades que tem feito admirar a V. Alteza. Mas porque não pensão elles escapar a Deos: elle tem reservado para a sua Escriptura hum final de Divindade, que não soffre algum afalto. Este he a relação dos dous Testamentos. Não se disputa ao menos que todo o antigo Testamento não seja escripto antes do novo. Não ha aqui o novo Esdras que tenha per-



suadido aos Judeos que inventem ;  
 ou falsifiquem a sua Escriptura em fa-  
 vor dos Chriſtãos a quem perſeguião.  
 Nada mais he preciso. Pela relação  
 dos dous Testamentos ſe prova, que  
 hum, e outro he Divino. Ambos  
 tem o meſmo dignio, he a meſma  
 ordem ; hum prepara o caminho pa-  
 ra a perfeição que o outro mostra cla-  
 ramente ; hum põe o fundamento,  
 e o outro acaba o edificio e em hu-  
 ma palavra, hum prediz o que o  
 outro faz ver cumprido.

Assim todos os tempos ſão gente  
 ſi unidos, e hum diſignio eterno da  
 Divina Providencia nos he revelado.  
 A tradição do povo Judaico, e a  
 do Povo Chriſtão, não fazem junta-  
 mente ſe não huma meſma continua-  
 ção de Religião, e as Eſcripturas  
 dos dous Testamentos não fazem tam-  
 bém ſe não hum meſmo corpo, e  
 hum meſmo livro.

## CAPITULO XXIX.

*As predicções reduzidas a três factos palpáveis; Parabola do Filho de Deus que estabelece o seu Reino; e a sua conjunção;*

**E** Porque a disputa das predicções particulares, ainda que seja cheia de luz e depende de muitos factos que todo o mundo não pôde seguir igualmente. Deos entre elles escolheu alguns que tem feito sensíveis aos mais ignorantes. Estes factos illustres, e estes factos brilhantes, dos quaes todo o mundo he testemunha, são os factos que eu mate aqui eudei em fazer seguir a V. Alteza; isto he, a desfolação do povo Judáico, e a conversão dos Gentios, chegados juntamente, e ambos precisamente no mesmo tempo em que o Evangelho tem sido pregado, e em que Jesus Christo appareceo.

Estas tres cousas unidas na ordem dos tempos, o eraõ ainda muito mais na ordem dos conselhos de Deos. V. Alteza as tem visto caminhar

Matth.  
XXI. 33.

juntas nas antigas Profecias; mas Jesus Christo fiel interprete dellas, e das vontades de seu Pai, nos tem ainda melhor explicado esta conexão no seu Evangelho. Elle o faz na Parábola da vinha tão familiar aos Profetas. O pai de familias havia plantado esta vinha, isto he, a Religião verdadeira, fundada sobre a sua alliança, e a havia dado para a cultivar aos seus Artifices, isto he, aos Judeos. Para colher os seus frutos, manda por diversas vezes os seus servos, que são os Profetas. Estes obreiros inícos os mata. A sua bondade o obriga a lhes mandar seu proprio Filho. Elles o tratao ainda peor do que os servos. Por fim elle lhes tira a sua vinha, e a dá a outros obreiros: tira-lhes a graça da sua alliança para a dar aos Gentios.

Estas tres cousas de viao logo concorrer juntas, a inviatura do Filho de Deos, a reprobção dos Judeos, e a vocação dos Gentios. Não he preciso mais Commentario para a Parábola, porque o successo a tem interpretado.

V. Alteza tem visto que os Judeos confessão que o reino de Judá, e

o estado da sua Republica tem come-  
 çado a cair nos tempos de Herodes,  
 e quando Jesus Christo veio ao mun-  
 do. Mas se as alterações que elles fa-  
 ziaõ na Lei de Deos lhes tem adqui-  
 rido huma diminuiçãõ tão visivel do  
 seu poder, na sua ultima desfolaçãõ,  
 que ainda dura, devia ser o castigo  
 de hum maior crime. *Jobabrov 66211*  
 O crime he visivelmente o seu  
 desconhecimento para com o Messias,  
 que vinha instruillos, e libera-  
 talos. Tambem depois deste tempo  
 he que hum jugo de ferro está posto  
 sobre a sua cabeça, e feriaõ por el-  
 les opprimidos, se Deos naõ os re-  
 servalle para servirem algum dia a  
 quelle Messias que elles tem crucifi-  
 cado. *Jobabrov 66211*  
 Ex-aqui pois já hum facto verifi-  
 cado, e publico, este he a ruina  
 total do estado do povo Judaico, no  
 tempo de Jesus Christo. A conversãõ  
 dos Gentios, que devia acontecer  
 no mesmo tempo, naõ he menos ve-  
 rificada. No mesmo tempo em que  
 o antigo culto he destruido em Jeru-  
 salem como o Templo, a Idolatria  
 he atacada por todas as partes; e os  
 povos, que depois de tantos milha-  
 res

dmam  
 ee lxx

res de annos se havia esquecido do seu Creator, e despetado de hum taõ longo adormecimento.

E a fim de que tudo concorde, as promessas espirituaes são manifesta- das pela prégacao do Evangelho, no tempo em que o povo Judaico, que dellas não havia recebido mais, que as temporaes, e reprovado manifesta- mente por causa da sua incredulida- de, e cativo por toda a terra, não tem mais grandeza humana para es- perar. Entaõ o Ceo he prometido áquelles que soffrem perseguição pe- la Justiça; os segredos da vida futu- ra são prégados; e a verdadeira bem-aventurança he mostrada longe def- ta morada aonde reina a morte, e a- onde abunda o peccado, e todos os males.

Se aqui senão desobbre hum de- signio sempre sustido, e seguido: se senão vê huma mesma ordem dos conselhos de Deos, que prepara def- de a origem do mundo o que acaba no fim dos tempos, e que debaixo de diversos estados, mas com huma successão sempre constante, perpe- tua aos olhos de todo o mundo a san- ta sociedade em que elle quer ser

fervido, merecesse não ver nada, e ser entregue ao seu proprio endurecimento, como ao mais justo, e ao mais rigoroso de todos os castigos.

É a fim de que esta continuacão do Povo de Deos fosse clara aos menos perspicazes, Deos a torna sensivel, e palpavel por factos que nenhuma pessoa póde ignorar, senão fecha voluntariamente os olhos á verdade. O Messias he esperado pelos Hebreos, e elle chega, e chama aos Genticos, como havia predicto. O povo que o reconhece como vindo, he incorporado ao povo que o esperava, e sem que ahi haja entre ambos hum só momento de interrupção, este povo he espalhado por toda a terra; os Genticos não cessão de se aggregarem a elle; e aquella Igreja que Jesus Christo tem estabelecido sobre a pedra, a pesar dos esforços do inferno, não tem já mais sido derribada.

175

CA.

## CAPITULO XXX.

*Continuação da Igreja Catholica,  
a sua victoria manifesta sobre  
todas as Seitas.*

**Q**ue consolação para os filhos de Deos! mas que convicção da verdade, quando elles vem que de Innocencio XI. que enche hoje tão dignamente a primeira Sé da Igreja, se sobe sem interrupção até S. Pedro, estabelecido por Jesus Christo Principe dos Apostolos, de donde trazendo á memoria os Pontifices que tem servido debaixo da Lei, se vai até Aarão, e até Moyses, de lá até os Patriarchas, e até á origem do mundo! Que continuação, que tradição, que encadeamento maravilhoso! se o nosso entendimento, naturalmente incerto, e por estas incertezas vindo a ser o ludibrio dos seus proprios discursos, tem necessidade nas questões em que para a salvação deve ser fixado, e determinado por alguma authoridade certa, que maior authoridade que a da Igre-

ja Catholica, que reúne em si mesma toda a authoridade dos seculos passados, e as antigas tradições do Genero humano até á sua primeira origem.

Affim a sociedade que Jesus Christo, esperado por todos os seculos passados, tem por fim fundado sobre a pedra, e aonde S. Pedro, e seus successores deviaõ presidir pelas suas ordens, se justifica a si mesma pela sua propria continuacão, e tráz na sua eterna duracão o caracter da mão de Deos.

He tambem esta successão, aquella que nenhuma heresia, nenhuma Seita, nenhuma outra sociedade senão só a Igreja de Deos tem podido apropriar a si. As falsas religiões poderã imitar a Igreja em muitas cousas, e principalmente a imitaõ dizendo, como elle, que he Deos quem as tem fundado: mas este discurso na sua boca não he mais que hum discurso aereo. Porque se Deos tem creado o Genero humano; se creando-o á sua imagem, sempre se dignou de lhe ensinar o meio de o servir; e de lhe agradar, toda a Seita que não mostra a sua successão de  
de



de a origem do mundo, e não he de Deos. Aqui cahem aos pés da Igreja todas as sociedades, e todas as Setas, que os homens tem estabelecido dentro, ou fóra do Christianismo. Por exemplo, o falso Profeta dos Arabes, tem podido muito bem dizer que era enviado por Deos; depois de haver enganado povos no ultimo gráo ignorantes, pode aproveitar-se das divisões da sua vizinhança, para nella estender pelo uso das armas huma Religião toda sensual, mas não se tem atrevido a suppor que haja sido esperado, nem por fim pode dar ou á sua pessoa, ou á sua Religião alguma connexão real, ou apparente com os seculos passados. O expediente que achou para se levantar disto, he novo. Temendo que se quizesse procurar nas Escripturas dos Christãos testemunhos da sua Missão, semelhantes aos que Jesus Christo achava nas Escripturas dos Judeos, disse que os Christãos, e os Judeos tinham falsificado todos os seus livros. Os seus sequazes ignorantes deram credito á sua palavra seiscentos annos depois de Jesus Christo; e elle se annunciou a si mesmo, não somente sem

sem alguma testemunha precedente, mas ainda sem que nem elle, nem os seus se tenhaõ atrevido, ou a supôr, ou a prometter algum milagre sensivel, que podesse authorisar a sua Missãõ. Do mesmmodo os Hereticos que tem fundado as Seitas novas, entre os Christãos, poderã tornar a Fé mais facil, e no mesmo tempo menos submissã, negando os Mysterios, que vencem a nossa comprehensãõ. Bem poderã cegar os homens pela sua eloquencia, e por huma apparencia de piedade, comovellos pelas suas paixões, obrigarlos pelos seus interesses, attrahilos pela novidade, e pela libertinagem, ou pela do coraçãõ, ou mesmo pela dos sentidos; em huma palavra poderã facilmente ou enganar-se, ou enganar aos outros, porque nada ha mais humão: mas além de que elles não tem podido jactar-se de haverem feito algum milagre em publico, nem reduzido a sua Religiãõ a factos positivos, dos quaes os seus sequazes fossem testemunhas, ahi ha sempre hum facto desgraçado para elles, que já mais não tem podido cobrir, e este he o da sua novidade: sempre appare-

ce-